

Partice ao Processo

01-P- 5003/99

Processo Trithila

ROSEMARY ARROJO

CURRICULUM VITAE E MEMORIAL

(Última atualização: 31/05/2001)

Este documento foi especialmente editado como parte da documentação exigida para a inscrição ao Concurso para Professor Titular, na Área de Tradução, disciplina LA-842, do Departamento de Linguística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas.

Apresentação

A preparação deste documento e seus adendos (cópias de publicações e certificados mencionados) segue as instruções expressas na Portaria GR-Nº 115/79, que “baixa as normas a serem observadas nos concursos para provimento de cargo de Professor Titular na UNICAMP”, sobretudo em seu Artigo 5º:

“O Memorial, impresso ou mimeografado [...], conterá tudo o que se relacione com a formação científica, didática, administrativa e profissional do candidato, principalmente suas atividades relacionadas com a área em concurso, a saber:

- Descrição minuciosa de seus estudos de Graduação e Pós-Graduação, com indicação das épocas e locais em que foram realizados;
- Indicação pormenorizada de sua formação científica e profissional, com especificação dos locais em que exerceu sua profissão, em sequência cronológica até a data da inscrição ao Concurso;
- Relatório de toda a sua atividade científica, técnica, cultural e didática, relacionada com a área em Concurso, principalmente a desenvolvida na criação, organização, orientação e desenvolvimento de núcleos de ensino e de pesquisa;
- Relação dos trabalhos publicados, de preferência com os respectivos resumos;
- Relação nominal de títulos universitários relacionados com a área em Concurso, bem como dos diplomas ou outras dignidades universitárias e acadêmicas.”

Com o objetivo de melhor organizar o material a ser apresentado, este volume será dividido em três partes: o *curriculum vitae*, que lista as informações exigidas; o memorial propriamente dito, que tenta descrever as etapas mais relevantes de minha formação acadêmica e carreira docente; e dois apêndices, um que contém os resumos dos trabalhos publicados até o momento, e outro que traz dois textos recentes e inéditos, que ilustram o tipo de pesquisa que venho desenvolvendo.

CURRICULUM VITAE

Sumário

1. Dados Pessoais	5
2. Formação Acadêmica	6
3. Titulação	6
4. Experiência Profissional no Magistério	7
5. Experiência Profissional como Tradutora	7
6. Projetos de Pesquisa	8-9
7. Bolsas e Auxílios Acadêmicos	9-13
8. Orientação de Teses, Dissertações e Monografias	13-14
9. Teses e Dissertações em Fase de Orientação	15
10. Atividades Administrativas Junto ao Departamento de Lingüística Aplicada	15-16
11. Atividades Administrativas Junto ao Instituto de Estudos da Linguagem	16-17
12. Atividades Administrativas Junto à Universidade Estadual de Campinas	17
13. Assessorias Acadêmicas Externas	17-18
14. Outras Atividades Acadêmicas	19
15. Disciplinas Ministradas no Ensino Superior (Graduação)	19

16. Disciplinas Ministradas no Ensino Superior (Pós-Graduação)	20
17. Participação em Cursos de Extensão, Especialização e Similares	20-21
18. Experiência Profissional como Tradutora	21
19. Publicações (Livros)	22
20. Publicações (Capítulos de Livros)	22-24
21. Publicações (Apresentação e Prefácio de Livros)	24-25
22. Publicações (Ensaaios em Periódicos)	25-27
23. Publicações (Anais de Congressos e Resumos)	28-29
24. Publicações (Jornais)	30
25. Publicação de Tradução Literária	30
26. Organização de Números Especiais de Revistas	30
27. Trabalhos Aceitos para Publicação e/ou no Prelo	31
28. Conferências, Palestras e Comunicações	31-45
29. Participação em Bancas de Teses e Concursos	45-50

1. DADOS PESSOAIS

Nome: Rosemary Arrojo

Data de Nascimento: 05 de julho de 1950

Local de Nascimento: São Paulo, S. P.

Filiação: Catharina Visconde Arrojo e Raphael Arrojo

Identidade: RG. 4 625 047 Secretaria de Segurança Pública de São Paulo

CIC/CPF: 639 659 178 20

Título de Eleitor: 65361501-83 (Zona 005, Seção 0167, São Paulo, S. P.)

Profissão: Professora MS-5, Departamento de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

Endereço residencial:

Alameda Lorena, 965, apto. 161,
CEP 01424-001, São Paulo, S.P.
Telefone: (11) 3088-6565

Endereço profissional:

Departamento de Linguística Aplicada,
Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP,
Caixa Postal 6045,
CEP 13081-970 Campinas, São Paulo.
Telefone: (19) 37881534
e-mail: rosearrojo@uol.com.br

2. FORMAÇÃO ACADÊMICA

Graduação:

- Letras (Inglês - Português), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1969-1972.

Pós-Graduação:

- Departamento de Literatura (área de concentração: teoria e prática de tradução literária), Universidade de Essex, Colchester, Inglaterra, outubro de 1975 a janeiro de 1977.
- Centro de Humanidades e Departamento de Línguas Românicas, Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, setembro de 1979 a maio de 1984.

Estágios de Pós-Doutorado:

- Centro de Pesquisas em Tradução, Departamento de Literatura Comparada, Universidade de Binghamton, Nova York, Estados Unidos, de 1º de setembro a 30 de outubro de 1991.
- Departamento de Literatura Comparada, Universidade de Yale, Connecticut, Estados Unidos, de 1º de outubro de 1993 a 30 de setembro de 1994.

3. TITULAÇÃO

- Bacharel e Licenciada em Letras (Inglês-Português), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, S. P., 1972.
- *Master of Arts*, Departamento de Literatura (área de concentração: ("teoria e prática de tradução literária")), Universidade de Essex, Colchester, Inglaterra, 1977. Tese: "*An Anthology of Brazilian Modernist Poetry in Translation*". Orientador: Dr. Arthur Terry.
- *Master of Arts*, Centro de Humanidades (áreas de concentração: literatura comparada, tradução literária), Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, 1982.
- *Master of Arts*, Departamento de Línguas Românicas (áreas de concentração: literaturas espanhola e hispano-americana), Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, 1983.

- PH. D., Centro de Humanidades (literatura comparada, teoria literária, literatura latino-americana), Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, maio de 1984. Tese: "*J. L. Borges's Labyrinths and J. Guimarães Rosa's Sertão: Images of Reality as Text*". Orientador: Dr. Eduardo González.

4. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO MAGISTÉRIO

- Instituto de Idiomas Yázigi, de março de 1969 a dezembro de 1970. Professora de inglês.
- Colégio Estadual Dr. Justino Cardoso, de 19 de maio de 1972 a 18 de outubro de 1972. Professora substituta de português e inglês para o curso colegial.
- Grupo Educacional Equipe, São Paulo, de fevereiro de 1973 a setembro de 1975; professora de inglês do curso colegial; e de março a dezembro de 1978, professora de inglês dos cursos colegial e supletivo.
- Departamento de Inglês, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de março de 1978 a junho de 1979. Professora contratada em nível de "assistente mestre".
- Departamento de Línguas Românicas, Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, de setembro de 1983 a maio de 1984. "*Teaching assistant*" de língua espanhola e língua portuguesa.
- Departamento de Inglês, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de agosto de 1984 a julho de 1988. Professora contratada em nível de "assistente-doutor".
- Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística Aplicada, de 1984 até 1988, professora MS-3, em regime de tempo parcial. Em junho de 1988, promoção por mérito para o nível MS-4 e para o regime de dedicação exclusiva. Em março de 1995, promoção por mérito para MS-5.

5. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO TRADUTORA

- Tradutora (do português para o inglês e para o espanhol, em regime de *free-lance*) de revistas e materiais de divulgação da Comissão Brasileira de Aeronáutica em Londres, Inglaterra, de janeiro a novembro de 1976.
- Tradutora e revisora (do inglês para o português, em regime de *free-lance*) da revista *Population Reports*, do *Population Information Program* da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, de junho de 1981 a maio de 1984.

- Tradutora (do português para o inglês e do inglês para o português, em regime de *free-lance*) para empresas brasileiras.

6. PROJETOS DE PESQUISA

- "Prática e Ensino de Tradução: Contribuições da Lingüística Textual e da Teoria Literária Contemporânea", projeto financiado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, São Paulo, de março de 1985 a fevereiro de 1987.
- "A Oposição Literal/Metafórico em Cheque (uma Revisão dos Pressupostos em que se Fundamentam a Lingüística, a Teoria Literária, a Semiótica e a Filosofia da Linguagem)", desenvolvido em colaboração com K. Rajagopalan, e financiado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, S.P., de março de 1987 a fevereiro de 1989.
- "O Autor, o Leitor e o Texto Redefinidos: Contribuições do Pensamento Pós-Estruturalista para o Estudo e o Ensino da Leitura", projeto realizado junto ao Departamento de Lingüística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, S.P., de fevereiro de 1987 a julho de 1989.
- "A Questão da Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática: Uma Revisão Crítica das Principais Tendências dos Estudos e do Ensino de Tradução Divulgadas no Brasil", projeto financiado pelo CNPq (ref. 304543/89-6/LL/FG), de outubro de 1989 a setembro de 1991.
- "Tradução, Desconstrução e Psicanálise: Intersecções e Perspectivas", projeto desenvolvido junto à Universidade de Binghamton, Binghamton, Nova York, Estados Unidos, de 1º de setembro a 30 de outubro de 1991; e junto ao Departamento de Lingüística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, de novembro de 1991 a abril de 1993.
- "A Teoria na Prática: Uma Proposta de Modelo Didático para as Disciplinas Práticas em Cursos de Bacharelado em Tradução", projeto financiado pelo CNPq (ref. 304543/89-6/NV), de abril de 1992 a março de 1994.
- "Sobre Escritura e Gênero: Implicações para a Teoria e a Prática de Tradução", projeto de pós-doutorado desenvolvido junto ao Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Yale, com o apoio financeiro da CAPES (ref. 369/93-7), de 01/10/1993 a 30/09/1994.
- "Algumas Relações entre a Reflexão sobre a Linguagem no Pós-Modernismo e a Mudança de Paradigma nos Estudos sobre Tradução a partir da Década de 1980", projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq (ref. 30.4543/89.6), de outubro de 1994 a fevereiro de 1996.

- "O Reconhecimento da Visibilidade do Tradutor na Pós-Modernidade, Suas Consequências e Implicações Políticas e o Desafio da Formulação de Uma Nova Ética para a Relação Tradução/Original", projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq (ref. 304543/89.6 RN), de março de 1996 a fevereiro de 1998.
- "O Tratamento Conferido à Figura do Tradutor e a Relação entre Teoria e Prática nos 'Estudos da Tradução': Uma Reflexão sobre Assimetria e Ética", projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq (ref. 304543/89.6 RN), de março de 1998 a fevereiro de 2000.
- "Controle, Prescritivismo e a Ameaça de Babel: A Resistência à Interferência Autoral do Tradutor na Teoria, no Ensino e na Ficção", projeto de pesquisa patrocinado pelo CNPq (ref. 304543/89.6 RN), de março de 2000 a fevereiro de 2002.

7. BOLSAS E AUXÍLIOS ACADÊMICOS

- Bolsa Fulbright concedida pelo governo norte-americano para realização de doutorado junto ao Centro de Humanidades da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, E.U.A., de setembro de 1979 a maio de 1984.
- Bolsa (*teaching assistantship*) concedida pela Universidade Johns Hopkins para ministrar aulas de língua espanhola e língua portuguesa junto ao Departamento de Línguas Românicas, de setembro de 1983 a maio de 1984.
- Bolsa de pesquisa concedida pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP para a implementação do projeto "Prática e Ensino da Tradução: Contribuições da Linguística Textual e da Teoria Literária Contemporânea", de março de 1985 a fevereiro de 1987.
- Bolsa de pesquisa concedida pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP para a implementação do projeto "A Oposição Literal/Metafórico em Cheque", em colaboração com K. Rajagopalan, de março de 1987 a fevereiro de 1989.
- Bolsa de pesquisa concedida pelo CNPq para a implementação do projeto "A Questão da Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática: Uma Revisão Crítica das Principais Tendências dos Estudos e do Ensino de Tradução Divulgadas no Brasil", de outubro de 1989 a setembro de 1991.
- Bolsa do *National Endowment for the Humanities* (Estados Unidos) para participação do Congresso "*Humanistic Dilemmas: Translation in The Humanities and The Social Sciences*", promovido pelo *Center for Research in Translation* da Universidade de Binghamton, Nova York, Estados Unidos, de 26 a 28 de setembro de 1991.

- Bolsa do FAEP (Fundo de Auxílio ao Ensino e Pesquisa da UNICAMP) para cobrir parte das despesas de passagem aérea para estágio de pós-doutorado junto à Universidade de Binghamton, Nova York, Estados Unidos, realizado entre 1º de setembro a 30 de outubro de 1991.
- Bolsa da FAPESP para a realização de estágio de pós-doutorado junto à Universidade de Binghamton, Nova York, Estados Unidos, de 1º de setembro a 30 de outubro de 1991.
- Bolsa de pesquisa concedida pelo CNPq para a implementação do projeto "Uma Proposta de Modelo Didático para as Disciplinas Práticas em Cursos de Bacharelado em Tradução", de abril de 1992 a outubro de 1993.
- Bolsa de pós-doutorado concedida pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para realização do projeto "Sobre Escritura e Gênero: Implicações para a Teoria e a Prática da Tradução", junto ao Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Yale, New Haven, Connecticut, Estados Unidos, de 1º de outubro de 1993 a 30 de setembro de 1994.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pela FAPESP para apresentação do trabalho "*Postmodernism, the Emergence of Translation Studies and the Empowerment of the Translator*" durante o Encontro da *Canadian Association for Translation Studies*, em Montreal, Canadá, de 02 a 04 de junho de 1995; e do trabalho "*Postmodernism and the Teaching of Translation*" durante a "*3rd Language International Conference: Teaching Translation and Interpretation*", patrocinado pela Universidade de Copenhagen, Elsinore, Dinamarca, de 09 a 11 de junho de 1995.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pelo FAEP (UNICAMP) para apresentação do trabalho "*Postmodernism's Declaration of 'Death' to the Author and Some Consequences for Translation Studies*" durante o 1º Congresso da *European Society for Translation Studies*, realizado na *Charles University*, Praga, República Tcheca, de 28 a 30 de setembro de 1995.
- Bolsa de pesquisa concedida pelo CNPq para implementação do projeto "Algumas Relações entre a Reflexão sobre a Linguagem no Pós-Modernismo e a Mudança de Paradigma nos Estudos sobre Tradução a partir da Década de 1980", de outubro de 1994 a fevereiro de 1996.
- Bolsa de produtividade em pesquisa concedida pelo CNPq para implementação do projeto "O Reconhecimento da Visibilidade do Tradutor na Pós-Modernidade, Suas Consequências e Implicações Políticas e o Desafio da Formulação de Uma Nova Ética para a Relação Tradução/Original", de março de 1996 a fevereiro de 1998.

- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) para participação do painel "*Translation and the Third World*", organizado pelo *Discussion Group on Translation*, durante a *112th Convention* da *Modern Language Association of America*, Washington D.C., Estados Unidos, de 27 a 30 de dezembro de 1996.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pela FAPESP para apresentação do trabalho "*Ambivalent Love in the Cultural Traffic Between Europe and South America: The Exemplary Case of Hélène Cixous' and Clarice Lispector's Textual Affair*" durante a conferência "*Postcolonial Translations: Changing the Terms of Cultural Transmission*" realizada nas Universidades de Montreal e Concordia, Montreal, Canadá, de 22 a 25 de maio de 1997; e para apresentação do trabalho "*Neo-Pragmatism and the Traditional Gap Between Theory and Practice in Translation*" durante o Encontro da *Canadian Association for Translation Studies*, realizado na *Memorial University*, St. John's, Terra Nova, Canadá, de 02 a 04 de junho de 1997.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pelo Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, para participação de congresso na Turquia e apresentação de palestras na Alemanha e na Áustria, no período de 28 de outubro a 9 de novembro de 1997.
- Passagem aérea (Frankfurt-Istambul-Istambul-Frankfurt) e acomodação em Istambul concedidas pelo Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade Técnica de Yildiz, Istambul, Turquia, para participação do "*1er Colloque International de Traduction -- Aspects Culturels de la Traduction*", de 22 a 26 de outubro de 1997.
- Acomodação e ajuda de custo concedidas pelo *Institut fur Übersetzer-und Dolmetscherausbildung* para apresentação de palestra a alunos e professores da Universidade de Viena, Áustria, 28 de outubro de 1997.
- Acomodação e ajuda de custo para apresentação de palestras concedidas pelo *Institut fur Übersetzer-und Dolmetscherausbildung* da *Karl-Franzens-Universität Graz*, Graz, Áustria, 30 de outubro de 1997.
- Acomodação e ajuda de custo para apresentação de palestras concedidas pelo *Institut fur Allgemeine Sprach-und Kulturwissenschaft*, da *Johannes Gutenberg-Universität Mainz* Germersheim, Alemanha, de 03 a 05 de novembro de 1997.
- Acomodação e ajuda de custo para apresentação de palestras concedidas pela *Fachbereich Fachkommunikation*, *Fachhochschule Magdeburg*, Magdeburgo, Alemanha, 07 de novembro de 1997.

- Bolsa de produtividade em pesquisa concedida pelo CNPq para implementação do projeto "O Tratamento Conferido à Figura do Tradutor e a Relação entre Teoria e Prática nos 'Estudos de Tradução': Uma Reflexão sobre Assimetria e Ética", no período de março de 1998 a dezembro de 1999.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pelo CNPq e pelo FAEP (UNICAMP) para apresentação do trabalho "*Writing, Translation, and the Power Struggle for the Control over Meaning*" durante o *EST Congress* promovido pela *European Society for Translation Studies* e pela Universidade de Granada, Granada, Espanha, 23 de setembro de 1998.
- Passagem aérea, acomodação e ajuda de custo concedidas pela Secretaria de Educação de Buenos Aires e pelo Instituto Camões para participação do "V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas", Buenos Aires, Argentina, 04 de junho de 1998.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pelo FAEP (UNICAMP) para apresentação do trabalho "*Training the Visible Translator in the Context of Anti-Essentialism*" a convite dos organizadores do evento "*Training Translators and Interpreters: New Directions for the Millennium*", *III Jornades de Traducció a Vic*, realizado na Universidade de Vic, Espanha, de 12 a 15 de maio de 1999.
- Acomodação e ajuda de custo concedidas pela Universidade de Vic para participação do evento "*Training Translators and Interpreters: New Directions for the Millennium*", *III Jornades de Traducció a Vic*, Vic, Espanha, de 12 a 15 de maio de 1999.
- Bolsa ("auxílio publicação") concedida pela FAPESP para publicação (em co-edição com a Pontes Editores) do livro *A Singularidade na Escrita Tradutora -- Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise*, de Maria Paula Frota, originalmente tese de doutorado por mim orientada junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística (I.E.L., UNICAMP), 2000.
- Bolsa de produtividade em pesquisa concedida pelo CNPq para implementação do projeto "Controle, Prescritivismo e a Ameaça de Babel: A Resistência à Interferência Autoral do Tradutor na Teoria, no Ensino e na Ficção", no período de março de 2000 a fevereiro de 2002.
- Bolsa ("auxílio-viagem") concedida pelo FAEP (UNICAMP) para apresentação de conferência durante o *International Symposium on Translation (Últimas Corrientes Teóricas en los Estudios de Traducción y Sus Aplicaciones)*, patrocinado pela Universidade de Salamanca, Espanha, de 16 a 18 de novembro de 2000.

- Acomodação e ajuda de custo concedidos pela Universidade de Salamanca, Espanha, para participação do *International Symposium on Translation Translation (Últimas Corrientes Teóricas en los Estudios de Traducción y Sus Aplicaciones)*), patrocinado pela Universidade de Salamanca, Espanha, de 16 a 18 de novembro de 2000.

8. ORIENTAÇÃO DE TESES, DISSERTAÇÕES E MONOGRAFIAS

1. Teses de Doutorado

- Cristina Carneiro Rodrigues -- "Tradução e Diferença: Uma Proposta de Desconstrução da Noção de Equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury", Programa de Pós-Graduação em Linguística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 16 de fevereiro de 1998.
- Maria Paula Frota -- "A 'Singularidade' na Escrita Tradutora: Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Linguística e na Psicanálise", Programa de Pós-Graduação em Linguística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 10 de janeiro de 1999.
- Paulo Sampaio Xavier de Oliveira -- "A Televisão como 'Tradutora': Veredas do Grande Sertão na Rede Globo", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 26 de fevereiro de 1999.
- Silene Moreno -- Tese de Doutorado: "Ecos e Reflexos: A Construção do Cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de Suas Concepções de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 30 de janeiro de 2001.

2. Dissertações de Mestrado

- Sandra M. Ferreira Castro -- "O Ensino da Leitura como Reflexo de Teorias Linguísticas de Leitura: Uma Crítica", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 6 de dezembro de 1988.
- Thelma Médici Nóbrega -- "*On The Road* X Pé na Estrada: As Estradas do Imaginário em Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 19 de agosto de 1991.
- Lenita Rimoli Esteves -- "As Bruxas de *Macbeth* no Original e em Quatro Traduções Brasileiras: Uma Inquisição das Diferenças", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 26 de outubro de 1992.

- Giana Maria Gandini Giani -- "A Tradução como Diferença: Um Estudo sobre *The Catcher in The Rye*, O Apanhador no Campo de Centeio e Uma Agulha no Palheiro", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 25 de novembro de 1992.
- Nícia Adan Bonatti -- "*A Brief History of Time*, de Stephen Hawking: Uma Breve História da Construção de Sentidos em Algumas Comunidades Interpretativas", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 03 de junho de 1993.
- Luzia Aparecida de Araújo -- "Por que Os Computadores Não São Capazes de Traduzir? Uma Resposta a partir de uma Concepção Pós-Estruturalista de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 1º de julho de 1993.
- Raffaella de Filippis Quental -- "A Dicotomia Tradicional Teoria/Prática no Ensino de Tradução: Suas Manifestações, Sua Matriz Teórica e Seus Efeitos para a Formação de Tradutores", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 8 de maio de 1995.
- Neuza Lopes Ribeiro Vollet -- "Ser ou Não Ser Pornográfico, Eis a Questão: O Tratamento da Linguagem Obscena em Traduções Brasileiras do *Hamlet*", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 23 de abril de 1997.
- Patrícia Stafusa Sala Battisti - Tese de Mestrado: "A Crítica de Tradução em Antoine Berman: Reflexo de uma Concepção Anti-Etnocêntrica de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo. Defesa: 04/02/2000.

3. Monografias

- Thomas William Nerney -- "O Messianismo de Walter Benjamin em 'A Tarefa do Tradutor'", Curso de Especialização em Tradução, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Conclusão 30 de abril de 1997.
- Maria Aparecida Fernandes -- "Tradução e Desconstrução: Um Projeto Nihilista?", Curso de Especialização em Tradução, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Conclusão 30 de abril de 1997.
- Sonia Violeta B. de Faria -- "Eficiência ou Eficácia na Tradução Técnica", Curso de Especialização em Tradução, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Conclusão 30 de abril de 1997.

9. TESES E DISSERTAÇÕES EM FASES DE ORIENTAÇÃO

1. Teses de Doutorado

- Neuza Lopes Ribeiro Vollet -- Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP.
- Ruth Bohunovsky -- Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP.
- Giana Maria G. Sampaio -- Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP.

2. Dissertações de Mestrado

- Ana Maria Siqueira -- Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP.
- Eduardo Pereira e Ferreira -- Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP.

10. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS JUNTO AO DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA APLICADA

- Membro da Comissão Editorial da revista "*Trabalhos em Lingüística Aplicada*" do Departamento de Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, de março de 1986 a fevereiro de 1998.
- Membro titular do Conselho Departamental como representante dos professores MS-3, de março de 1987 a julho de 1988.
- Membro titular do Conselho Departamental como representante dos professores MS-4, de agosto de 1988 a fevereiro de 1991.
- Membro suplente do Conselho Departamental como representante dos professores MS-4, de março de 1991 a novembro de 1992.
- Membro titular do Conselho Departamental como representante dos professores MS-4, de 01 de dezembro de 1992 a 30 de novembro de 1994.
- Membro suplente do Conselho Departamental como representante dos professores MS-4, de 01/12/1994 a 01/03/1996.

- Membro da Comissão Organizadora do IV Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, realizado de 04 a 06 de setembro de 1995.
- Membro da Comissão de Colóquios do Departamento de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, de abril de 1996 a novembro de 1997.
- Membro da Comissão Interna nomeada para a organização de concurso público para vaga de professor titular no Departamento de Linguística Aplicada, maio de 1996.
- Membro do Conselho Departamental como representante MS-5, desde julho de 1996.
- Membro da Comissão que analisou pedido de transferência direta para o doutorado para o mestrando Nelson Bolognini Jr., do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, janeiro de 1997.
- Membro da Comissão que elaborou critérios para a concessão de passagens aéreas financiadas pela CAPES, abril de 1997.
- Membro da Subcomissão de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, de setembro de 1997 a agosto de 1999.
- Membro da Comissão de Seleção de Candidatos para o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, outubro de 1997, outubro de 1998 e junho de 1999.
- Membro do Conselho Editorial da revista "Trabalhos em Linguística Aplicada".

11. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS JUNTO AO INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

- Membro titular da Congregação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, de junho de 1989 até junho de 1991.
- Membro da Comissão Eleitoral que realizou eleição de membros da Congregação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, em 25 e 26 de maio de 1993.
- Membro suplente da Congregação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, de agosto de 1991 a agosto de 1993.
- Membro da Comissão Eleitoral que realizou eleição de membros da Congregação do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, em 22 e 23 de novembro de 1994.

- Presidente da comissão encarregada de emitir parecer sobre o Relatório de Atividades do I.E.L. referente a 1997, em março de 1999.
- Membro indicado pelo DLA para a Comissão de Avaliação Docente do Instituto de Estudos da Linguagem, 14 de março de 2000.
- Membro indicado pelo DLA para a Comissão de Avaliação Docente do Instituto de Estudos da Linguagem, 04 de julho de 2000.
- Membro da Congregação do I.E.L., de junho de 1999 a agosto de 2000.

12. ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS JUNTO À UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

- Representante do Instituto de Estudos da Linguagem junto à Comissão de Avaliação e Desenvolvimento Institucional (CADI), de abril de 1991 a junho de 1992.
- Assessora "ad-hoc" junto ao Comitê Local PIBIC/CNPq-PRP para a emissão de pareceres relativos aos pedidos de bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica -- PIBIC/CNPq, desde junho de 1999.
- Assessora "ad hoc" junto ao FAEP (Fundo de Apoio ao Ensino e Pesquisa).
- Representante do Instituto de Estudos da Linguagem junto à Comissão Processante Permanente I, a partir de julho de 2000.
- Assessora "ad hoc" da Editora da UNICAMP.

13. ASSESSORIAS ACADÊMICAS EXTERNAS

- Assessora *ad hoc* do CNPq, da CAPES, da FAPESP (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo), da FAPERJ (Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio de Janeiro), da FAPDF (Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal) e da FAPEAL (Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Alagoas).
- Membro do Conselho Editorial da revista *Organon*, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Membro do Conselho Editorial da revista *Crop*, da área de língua e literatura de língua inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

- Membro do Conselho Editorial de *Tradterm - Revista de Estudos Tradutológicos e Terminológicos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP*.
- Membro do Conselho Editorial de *Alfa - Revista de Lingüística*, UNESP, São Paulo.
- Parecerista *ad hoc* da *Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada (D.E.L.T.A.)*.
- Membro da Comissão de Avaliação Externa do Curso de Letras-Tradução da Universidade de Brasília, de 27 a 31 de março de 1995.
- Assessora acadêmica do Curso de Especialização em Tradução da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, de março de 1995 a dezembro de 1996.
- Membro da Comissão Examinadora referente ao Concurso Público de Provas e Títulos para Professor Integrante da Carreira de Magistério Superior da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, de 16 a 18 de abril de 1997.
- Assessora da Comissão Organizadora do VII Encontro Nacional de Tradutores, realizado na Universidade de São Paulo, São Paulo, entre 08 e 11 de setembro de 1998.
- Membro do *Comité de Lecture* do periódico *TTR -- Études sur le texte et ses transformations*, *Canadian Association for Translation Studies* e Universidade de Concórdia, Montreal, Canadá, desde março de 1999.
- Membro do Conselho Consultivo da revista "*Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*", Centro Universitário Unibero.
- Membro do Conselho Editorial da publicação "Tópicos em Lingüística Aplicada/Issues in Applied Linguistics", Universidade de Brasília.
- Membro do "*Advisory Committee*" do Congresso "*Translation and Pedagogical Challenges*", realizado em Turku, Finlândia, entre 15 e 17 de junho de 2000, com o patrocínio do *Centre for Translation and Interpreting* da Universidade de Turku, Finlândia.
- Assessora *ad hoc* da *European Society for Translation Studies (EST)* para a concessão do prêmio "*Young Scholar*", de março a maio de 2001.

14. OUTRAS ATIVIDADES ACADÊMICAS

- Pesquisadora do CNPq, desde 1989.
- Coordenadora do GT de Tradução da ANPOLL (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística), de agosto de 1989 até maio de 1992.
- Coordenadora do GT de Tradução de São Paulo, filiado ao GT de Tradução da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística), de agosto de 1989 a setembro de 1993.
- Vice-Presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução, de 03 de abril de 1992 (data da fundação) até 15 de setembro de 1993.
- Presidente de honra do 1º Congresso Internacional Ibero-Americano de Tradução, realizado na Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas de São Paulo, de 11 a 14 de maio de 1998.
- Presidente do *Discussion Group on Translation*, da *Modern Language Association of America*, para o biênio 2001-2003.

15. DISCIPLINAS MINISTRADAS NO ENSINO SUPERIOR (GRADUAÇÃO)

- Junto ao Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no período de março de 1978 a junho de 1979, como professora contratada em nível de "assistente mestre": "Prática de Tradução", "Estágio em Tradução", "Leitura Extensiva", "Análise Contrastiva Português-Inglês", "Redação". Também responsável pela organização e gestão do Centro de Tradução.
- Junto ao Departamento de Línguas Românicas da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, no período de setembro de 1983 a maio de 1984, como *teaching assistant*: "Língua Espanhola" e "Língua Portuguesa".
- Junto ao Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no período de março de 1978 a junho de 1979, como professora contratada em nível de "assistente-doutor": "Prática de Tradução", "Literatura Norte-Americana", "Literatura Inglesa", "Prática de Tradução", "Teoria de Tradução", "Leitura Intensiva", "Prática Oral", "Leitura Extensiva", "Oficina de Tradução Literária".
- Junto ao Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, desde agosto de 1984: LA842 ("Tradução Inglês-Português") e LA840 ("Tópicos em Tradução").

16. DISCIPLINAS MINISTRADAS NO ENSINO SUPERIOR (PÓS-GRADUAÇÃO)

- Junto ao Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1985 e 1986: "Pragmática" (em colaboração com K. Rajagopalan); "Tópicos em Análise do Discurso" ("Implicações do Pós-Estruturalismo para a Leitura"); e "Introdução aos Estudos da Tradução", em colaboração com F. Tarallo).
- Junto ao Departamento de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, desde 1987: LP070 ("Introdução aos Problemas Teóricos da Tradução"); LP170 ("Teorias de Tradução"); LP270 ("Tópicos em Tradução"); LP271 ("Seminário Avançado em Tradução"); LP010 ("Teorias Gramaticais e Gramáticas Pedagógicas"); LP210 ("Tópicos em Língua Materna"); LP290 ("Estudo Dirigido em Linguística Aplicada"); LP291 ("Practicum"); LP112 ("Leitura em Língua Materna").

17. PARTICIPAÇÃO EM CURSOS DE EXTENSÃO, ESPECIALIZAÇÃO E SIMILARES

- "Oficina de Tradução: A Teoria na Prática", curso ministrado durante o IV Ciclo de Estudos do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, campus de Mariana, Minas Gerais, de 16 a 19 de novembro de 1987.
- "Teorias de Tradução", ciclo de palestras apresentadas na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, S.C., de 07 a 09 de maio de 1990.
- "Teorias de Tradução e a Questão do Texto Original", tema do grupo de trabalho oferecido durante o IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, de 6 a 10 de agosto de 1990.
- "Teorias de Tradução", disciplina oferecida junto ao curso de especialização promovido pelo Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, de 20 a 24 de janeiro de 1992.
- "Os Caminhos da Tradução: Teoria e Metodologia", disciplina integrante de curso de extensão promovido pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 08 horas de aula em 25 e 26 de setembro de 1992.

- Elaboração de projeto de curso de pós-graduação "*lato sensu*" em tradução para a PUC-SP, São Paulo, julho de 1993.
- "Tradução e Pós-Modernidade", disciplina de curso de especialização e de extensão oferecida junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em colaboração com Kanavillil Rajagopalan, de 05 a 26 de agosto de 1995.
- "Teoria de Tradução", disciplina de 30 horas do Curso de Especialização em Tradução, oferecido junto ao Curso de Mestrado em Letras, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, de 15 a 27 de outubro de 1995.
- "Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade", série de 12 palestras apresentadas em formato de curso de pós-graduação aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, de 09 de agosto a 29 de novembro de 1996.
- "Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade", curso de extensão universitária, de 35 horas-aula, oferecido a tradutores, alunos de graduação e pós-graduação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, de 05 de abril a 17 de maio de 1997.
- "Tradução e Desconstrução", palestra apresentada durante o curso de extensão universitária "A Pesquisa e a Tradução", Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 07 de outubro de 2000.

18. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO TRADUTORA

- Tradutora (do português para o inglês e para o espanhol, em regime de *free-lance*) de revistas e materiais de divulgação da Comissão Brasileira de Aeronáutica em Londres, Inglaterra, de janeiro a novembro de 1976.
- Tradutora e revisora (do inglês para o português, em regime de *free-lance*) da revista *Population Reports*, do *Population Information Program* da Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos, de junho de 1981 a maio de 1984.
- Tradutora (do português para o inglês e do inglês para o português, em regime de *free-lance*) para empresas e instituições brasileiras.

19. PUBLICAÇÕES (LIVROS)

- *Oficina de Tradução - A Teoria na Prática*. São Paulo, Ática, 1986, 1992, 1997 e 1999.
- *O Signo Desconstruído - Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*. Campinas, Pontes, 1992 (organizadora e principal autora).
- *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993, 210 páginas.

20. PUBLICAÇÕES (CAPÍTULOS DE LIVROS)

- "Searle e a Noção de Literalidade", em colaboração com K. Rajagopalan. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 113-121.
- "A Pesquisa em Teoria da Tradução ou O Que Pode Haver de Novo no Front". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 107-112.
- "O Ensino da Tradução e Seus Limites: Por uma Abordagem Menos Ilusória". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 99-106.
- "O Ensino da Leitura e a Escamoteação da Ideologia". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 87-92.
- "As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 71-80.
- "Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, 67-70.
- "A Crise da Metalinguagem: Uma Perspectiva Interdisciplinar", em colaboração com K. Rajagopalan. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 57-62.
- "A Noção de Literalidade: Metáfora Primordial", em colaboração com K. Rajagopalan. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 47-56.

- "A Desconstrução do Logocentrismo e a Origem do Significado". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 35-40.
- "A Noção do Inconsciente e a Desconstrução do Sujeito Cartesiano". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 13-18.
- "Tradução". José Luís Jobim (org.), *Palavras da Crítica*, Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp. 411-442.
- "O Que Efetivamente Pode Ensinar o Professor de Prática de Tradução". Luiz Angélico da Costa (org.), *Limites da Traduzibilidade*, Editora da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996, pp. 91-97.
- "Postmodernism and the Teaching of Translation". Cay Dollerup e Vibeke Appel (orgs.), *Teaching Translation and Interpreting 3 -- New Horizons (Papers from the Third Language International Conference, Elsinore, Denmark, 9-11 June 1995)*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdã e Filadélfia, 1996, pp. 97-103.
- "Dekonstruktion, Psychoanalyse und Translationslehre". Tradução de Hans J. Vermeer. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 165-179.
- "Interpretation und Askese: Weitergehende Gedanken zur Übertragung". Tradução de Hans J. Vermeer. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 141-161.
- "Die Endfassung der Übersetzung und die Sichtbarkeit des Übersetzers". Tradução de Helga Ahrens. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 117-132.
- "Das Übersetzen als 'theoretisches Problem': Die Strategien des Logozentrismus und der Paradigmenwechsel". Tradução de Margret Ammann. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 89-100.
- "Die Übersetzung als Paradigma der intralingualen Kommunikation". Tradução de Helga Ahrens. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 71-88.

- "Gedanken zur Translationstheorie und zur Dekonstruktion des Logozentrismus". Tradução de Hans J. Vermeer. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungswissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 63-70.
- "Eine neue Auffassung von 'Treue'". Tradução de Annette Wussler. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungswissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 43-48.
- "Eine neue Definition des Literarischen". Tradução de Annette Wussler. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungswissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 35-42.
- "Pierre Menard und eine neue Definition des 'Originals'". Tradução de Johanna Klemm. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungswissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 25-34.
- "The 'Death' of the Author and the Limits of the Translator's Visibility". Mary Snell-Hornby, Zuzana Jettmarová e Klaus Kaindl (orgs.), *Translation as Intercultural Communication -- Selected Papers from the EST Congress, Prague 1995*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdã e Filadélfia, 1997, pp. 21-32.
- "Tradução: Ambigüidades e Fronteiras". Flávio Aguiar, José Carlos Sebe Bom Meihy e Sandra Gardini T. Vasconcelos (orgs.), *Gêneros de Fronteira -- Cruzamentos entre o Histórico e o Literário*, Xamã VM Editora e Gráfica Ltda., São Paulo, 1997, pp. 369-372.
- "Dekonstruktion". Tradução de Michaela Wolf e Annette Wussler. Mary Snell-Hornby, Hans G. Honig, Paul Kussmaul e Peter A. Schmitt (orgs.), *Handbuch Translation*. Stauffenburg Verlag, Brigitte Narr GmbH, Tübingen, Alemanha, 1998, pp. 101-102.
- "Interpretation as Possessive Love: Hélène Cixous, Clarice Lispector, and the Ambivalence of Fidelity". Susan Bassnett e Harish Trivedi (orgs.), *Postcolonial Translation Theory*. Routledge, Nova York e Londres, 1999, pp. 141-161.

21. PUBLICAÇÕES (APRESENTAÇÃO E PREFÁCIO DE LIVROS)

- "Apresentação". *Tradução e Diferença*, de Cristina Carneiro Rodrigues. Editora UNESP, São Paulo, 1999, pp. 11-14.

- "Prefácio". *A Singularidade na Escrita Tradutora – Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise*, de Maria Paula Frota. Editora Pontes, FAPESP, Campinas, 1999, pp. 13-15.

22. PUBLICAÇÕES (ENSAIOS EM PERIÓDICOS)

- "Pierre Menard, autor del Quijote": Esboço de Uma Poética da Tradução Via Borges". *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, nº 5, São Paulo, dezembro de 1984, pp. 75-90.
- "O Labirinto Inescapável da Linguagem: Matriz Temática da Obra de Jorge Luís Borges". *Veredas - Revista da PUC-SP*, nºs 104 e 105, São Paulo, outubro de 1985, pp. 35-45.
- "A Tradução como Reescritura: O Texto/Palimpsesto e um Novo Conceito de Fidelidade". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nºs 5 e 6, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., dezembro de 1985, pp. 17-24.
- "Um Áporo e Suas Aporias: Reflexões sobre um Poema de Carlos Drummond de Andrade". *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, 7, São Paulo, dezembro de 1985, pp. 35-46.
- "Paulo Vizioli e Nelson Ascher Discutem John Donne: A Que São Fiéis Tradutores e Críticos de Tradução?". *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, 9, São Paulo, dezembro de 1986, pp. 133-142.
- "O Ensino de Tradução e Seus Limites: Por uma Abordagem Menos Ilusória". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 11, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1988, pp. 17-32.
- "A Noção de Literalidade: Metáfora Primordial", em colaboração com K. Rajagopalan. *D.E.L.T.A.*, vol. 5, nº 1, 1989, São Paulo, pp. 37-49.
- "Stylistics, Stanley Fish, and Objectified Conventionality: A Rejoinder to Dan Shen", em colaboração com K. Rajagopalan. *Poetics* 18, 1989, Elsevier Science Publishers B.V., Holanda, pp. 579- 586.
- "As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões". *D.E.L.T.A.*, vol. 6, São Paulo, EDUC, 1990, pp. 41-53.
- "Literariness and The Desire for Untranslatability: Some Reflections on Grande Sertão: Veredas". *TextconText*, nº 2, vol. 5, Julius Groos Verlag, Heidelberg, Alemanha, 1990, pp. 75-83.

- "O Ensino de Leitura e a Escamoteação da Ideologia". *Letras - Revista do Instituto de Letras*, PUC-Campinas, S.P., vol. 10, nºs 1 e 2, dezembro de 1991, pp. 45-49.
- "A Tradução Passada a Limpo e a Visibilidade do Tradutor". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 19, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., janeiro/junho de 1992, pp. 57-73.
- "A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Lingüísticos". *Alfa - Revista de Lingüística*, UNESP, São Paulo, vol. 36, 1992, pp. 67-80.
- "Laplanche Translates the Father of Psychoanalysis: The Main Scenes of A Family Romance". *Ilha do Desterro*, nº 28, 2º semestre de 1992, Florianópolis, S.C., pp. 51-62.
- "Sobre Leitura e Asceticismo: Reflexões em torno e a partir da Transferência". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 20, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., julho/dezembro de 1992, pp. 7-24.
- "Deconstruction and the Teaching of Translation". *TextconText*, Julius Groos Verlag, Heidelberg, Alemanha, vol. 9, 1994, pp. 1-12.
- "A Tradução como 'Problema Teórico', As Estratégias do Logocentrismo e A Mudança de Paradigma". *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 1, 1994, pp. 39-48.
- "Fidelity and the Gendered Translation". *TTR (Traduction, Terminologie, Rédaction) - Études sur le texte et ses transformations*, vol. VII, nº 2, 2ième semestre 1994, Association Canadienne de Traductologie, pp. 147- 163.
- "Ensino, Conscientização Política e Pós-Modernismo". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, UNICAMP, Campinas, 23, Jan./Jun. 1994, pp. 97-106.
- "Feminist, 'Orgasmic' Theories of Translation and Their Contradictions". *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 2, 1995, pp. 67- 75.
- "Translation and Postmodernism in Calvino's *Se una notte d'inverno un viaggiatore*". *La Traduzione -- Saggi e Documenti II, LIBRI E RIVISTE D'ITALIA*, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Divisione Editoria, 1995, pp. 41-56.
- "On Perverse Readings, Deconstruction, and Translation Theory: A Few Comments on Anthony Pym's Doubts". *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 3, 1996, pp.9-21.

- "Literature as Fetishism: Some Consequences for a Theory of Translation". *Meta -- Journal des Traducteurs, Translator's Journal, Les Presses d l'Université de Montréal*, vol. 41, nº 2, juin 1996, pp. 208-216.
- "Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda da Inocência". *Cadernos de Tradução*, G.T. de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, nº 1, 1996, pp. 53-70.
- "Asymmetrical Relations of Power and the Ethics of Translation". *TEXTconTEXT*, Verlag, Heidelberg, vol. 11, NF 1, 1997, pp. 5-24.
- "Postmodernism, the Emergence of Translation Studies and the Empowerment of the Translator". *APLIEMGE -- Ensino & Pesquisa -- Revista da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais*, Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais, FAPEMIG, 1997, 1, 163-174.
- "Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission". *Translation and Literature*, vol. 6, part 2, Edinburgh University Press 1997, pp. 268-271.
- "The Revision of the Traditional Gap between Theory & Practice & the Empowerment of Translation in Postmodern Times". *The Translator, Studies in Intercultural Communication*, volume 4, number 1, 1998, St. Jerome Publishing, pp. 25-48.
- "Translation, Colonialism, and Conversion: Expanding Horizons for Translation Studies". *The Translator -- Studies in Intercultural Communication*, volume 4, number 2, 1998, St. Jerome Publishing, pp. 343-349.
- "Os 'Estudos da Tradução' como Área de Pesquisa Independente: Dilemas e Ilusões de uma Disciplina em (Des)Construção". *D.E.L.T.A.*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, S.P., vol. 14, nº 2, 1998, pp. 423-454.
- "Algumas Relações entre Marginalidade e Prescritivismo: A Tradução e o Tradutor como Objetos de Pesquisa". *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 29, 2000, pp. 43-51.
- "Shared Ground in Translation Studies", em colaboração com Andrew Chesterman. *Target -- International Journal of Translation Studies*, John Benjamins Publishing Company, 12:1, 2000.
- "O Tradutor 'Invisível' por Ele Mesmo: Paulo Henriques Britto entre a Humildade e a Onipotência". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 36, Julho/Dezembro de 2000, pp. 159-165.

23. PUBLICAÇÕES (ANAIS DE CONGRESSOS, RESUMOS)

- "A Crise da Metalinguagem: Uma Perspectiva Interdisciplinar", em colaboração com K. Rajagopalan. *Estudos Lingüísticos - XVI Anais de Seminários do GEL*, Taubaté, S.P., 1988, pp. 14-21.
- "A Pesquisa em Teoria de Tradução ou O Que Pode Haver de Novo no Front". *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, Pernambuco, 1988, pp. 411-417.
- "Searle e a Noção de Literalidade", em colaboração com K. Rajagopalan. *Anais do XI Encontro Nacional de Lingüística*, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1988, pp. 73-87.
- "Algumas Reflexões sobre Teorias e Ensino de Tradução". *Estudos Lingüísticos - XVII Anais de Seminários do GEL*, USP, São Paulo, 1989, pp. 184-187.
- - "O Mito da Impossibilidade Teórica da Tradução e o Logocentrismo: Reflexões Preliminares" (resumo). *Boletim Informativo - Número Especial 13*, IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, Pernambuco, 1989, p. 131.
- "Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução". *Estudos Lingüísticos - XVIII Anais de Seminários do GEL*, Lorena, São Paulo, 1989, pp. 37-42.
- "A Noção do Inconsciente e a Desconstrução do Sujeito Cartesiano". *Estudos Lingüísticos, XIX Anais de Seminários do GEL*, Bauru, S.P., 1990, pp. 66-73.
- "A Missão Impossível (e Não Assumida) do Professor de Tradução Comentada" (resumo). *Boletim Informativo - Número Especial 14*, V Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, Pernambuco, 1990, p. 142.
- "A Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática" (resumo). *Programa do IX Congresso Internacional da ALFAL*, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1990, p. 364.
- "O Texto como Estratégia de Leitura e A Reflexão Desconstrutivista" (resumo), em colaboração com Kanavillil Rajagopalan. *Programa do IX Congresso Internacional da ALFAL*, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1990, p. 194.
- "A Tradução como 'Problema Teórico' e as Estratégias do Logocentrismo". *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, Franca, S.P., 1991, pp. 240-246.
- "A Desconstrução do Logocentrismo e a Origem do Significado". *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, Franca, S.P., 1991, pp. 49-54.

- "Deconstruction and the Teaching of Translation: For a More Realistic Approach" (abstract). "Abstracts", *Translation Studies – An Interdiscipline*, Translation Studies Congress, Viena, Áustria, 9 a 12 de setembro de 1992, s/p.
- "A Organização do GT e a Pesquisa em Tradução no País" (resumo). *Boletim Informativo - Número Especial*, 17, ANPOLL, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1992, pp. 159-160.
- "Teorias de Tradução e a Questão do Texto Original". *Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*, vol. II, UNICAMP, Campinas, S.P., 1993, pp. 467-471.
- "O Literário e o Desejo do Intraduzível: Algumas Reflexões sobre Grande Sertão: Veredas", *Anais do IV Encontro Nacional de Tradutores*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, agosto de 1994, pp. 225-228.
- "Postmodernism, the Emergence of Translation Studies and the Empowerment of the Translator", resumo de trabalho publicado. "Bulletin Newsletter", *Canadian Association for Translation Studies*, Montreal, 1995, p. 39.
- "Postmodernism and the Teaching of Translation", resumo de trabalho publicado. *Abstracts: Elsinore Conference 1995*, Dinamarca, editado por Cay Dollerup e Kirsten Holmboe, p. 49.
- "Neo-Pragmatism and the Traditional Gap between Theory and Practice in Translation" (resumo). "Bulletin Newsletter", *Canadian Association for Translation Studies*, Canada, junho de 1997, p. 7.
- "Ethics, the Fear of Difference, and the Scandal of Translation" (resumo). *X Jornada de Estudos Americanos -- Tradução/Transculturização*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 6.
- "Writing, Translation, and the Power Struggle for the Control over Meaning" (resumo). *Abstracts, EST Congress -- Granada 1998*, European Society for Translation Studies, p. 6.
- "Training the Visible Translator in the Context of Anti-Essentialism", programa do evento *III Jornades de Traducció a Vic -- La Formació de traductors i intèrprets: Noves orientacions per al Mil·lenni*, Universitat de Vic, Facultat de Ciències Humanes, Traducció i Documentació, Espanha, maio de 1999, pp. 265-278.
- "'O Tradutor Cleptomaniaco' e a Mudança de Paradigma nos Estudos da Tradução", *Anais do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (I CIATI) -- Tradução, Interpretação e Cultura na Era da Globalização*, 1999, pp. 99-102.

24. PUBLICAÇÕES (JORNAIS)

- "Ler Grande Sertão Enquanto A Globo Não Vem". *Folhetim, Folha de São Paulo*, nº 436, 2 de junho de 1985, p. 6.
- "No Território da Tradução" (resenha de *Território da Tradução, da Série Remate de Males*, dezembro de 1984). *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Minas Gerais, 17 de agosto de 1985.
- "A Questão Teórica da Tradução e a Modernidade". *O Escritor - Jornal da União Brasileira de Escritores*, janeiro/fevereiro de 1987, p. 6.
- "Teoria e Prática da Tradução". *Suplemento Cultura, O Estado de São Paulo*, 13 de outubro de 1990, p. 7.
- "Teorias e Políticas de Tradução". *Suplemento Cultura, O Estado de São Paulo*, 22 de junho de 1991, p. 3.
- "As Relações Ambivalentes entre Tradutores e Teorias de Tradução". *Ao Pé da Letra - Caderno de Tradução do Sindicato Nacional dos Tradutores*, ano I, nº 2, julho de 1993, pp. 8-9.

25. PUBLICAÇÃO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA

- "The Dog Without Plumes", versão inglesa d'O Cão sem Plumas, de João Cabral de Melo Neto. *Mundus Artium - A Journal of International Literature and the Arts*, Universidade do Texas em Dallas, E.U.A., vol. XVI, 1, 1983, pp. 72-96.

26. ORGANIZAÇÃO DE NÚMEROS ESPECIAIS DE REVISTA

- "Tradução", número especial de *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 11, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., janeiro/junho de 1988.
- "Tradução", número especial de *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 19, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., janeiro/junho de 1992.

27. TRABALHOS ACEITOS PARA PUBLICAÇÃO E/OU NO PRELO

- "*The Power of Originals and the Scandal of Translation – A Reading of Edgar Allan Poe's 'The Oval Portrait'*", a ser publicado na coletânea *Translation and Ideology*, organizada por Mona Baker, St. Jerome Publishing House, Manchester, Inglaterra.
- "A Modernidade e o Desprezo pela Tradução como Objeto de Pesquisa", a ser publicado em *Alfa - Revista de Lingüística*, UNESP, São Paulo.
- "*Writing, Interpreting, and the Power Struggle for the Control over Meaning -- Exemplary Scenes from Kafka, Borges, and Kosztolányi*", capítulo do livro *Translation and Power*, Edwin Gentzler (ed.), The University of Massachusetts Press, Estados Unidos.
- "*Ethics and the Traditional Gap between Theory and Practice in Translation*". Anais do "Ier Colloque International de Traduction -- Aspects Culturels de la Traduction", organizado pelo Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade Técnica de Yildiz, Istambul, Turquia.
- "*Translation as an Object of Reflection in Psychoanalysis*", verbete a ser publicado em *Handbooks of Linguistics and Communication Science*, editado por Walter de Gruyter (Berlim e Nova York).
- "Diferentes Concepções de Tradução e Suas Implicações para a Formação de Profissionais da Área", Anais do "V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas", patrocinado pelo Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández", da Secretaria de Educação de Buenos Aires e pelo Instituto Camões, realizado na UADE (*Universidad Argentina de la Empresa*), Buenos Aires, Argentina, junho de 1998.

28. CONFERÊNCIAS, PALESTRAS E COMUNICAÇÕES:

- "Os Vários Caminhos do Áporo", palestra apresentada aos alunos de especialização em tradução da Faculdade Ibero-Americana de São Paulo, São Paulo, 10 de junho de 1984.
- "A Tradução como Reescritura: O Texto/Palimpsesto e um Novo Conceito de Fidelidade", colóquio apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 14 de outubro de 1985.
- "Sobre Tradução e Literatura", palestra apresentada durante a Semana de Letras, PUC-SP, São Paulo, 19 de novembro de 1985.

- "Traduzindo uma Nova Teoria de Tradução", palestra apresentada durante o VII Encontro Nacional dos Estudantes de Letras, Universidade Nacional de Brasília, 28 de julho de 1986.
- "Problemas Teóricos na Prática: O Conceito de Fidelidade em Tradução", participação de painel realizado durante o I Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1º de setembro de 1986.
- "O Conceito de Fidelidade em Tradução: Fato ou Mito?", palestra apresentada em colaboração com Fernando Tarallo durante o V Seminário de Tradução, organizado pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas de São Paulo, 22 de outubro de 1986.
- "O Conceito de Fidelidade em Tradução: Fato ou Mito?", colóquio apresentado em colaboração com Fernando Tarallo no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 24 de novembro de 1986.
- "Reflexões sobre uma Teoria de Tradução Pós-Estruturalista", palestra apresentada na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Santos, Santos, S. P., 03 de fevereiro de 1987.
- "A Metaforicidade do Sentido Literal: Implicações para uma Teoria da Leitura", colóquio apresentado em colaboração com K. Rajagopalan no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 06 de abril de 1987.
- "O Literal e o Metafórico", participação, em colaboração com K. Rajagopalan, de mesa-redonda patrocinada pelo GT de Análise do Discurso durante o II Encontro Nacional da ANPOLL, Universidade Federal do Rio de Janeiro, R.J., 28 de maio de 1987.
- "O Literal e o Metafórico", palestra apresentada em colaboração com K. Rajagopalan ao Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP, São Paulo, 22 de junho de 1987.
- "A Relação Autor/Leitor e a Disputa pela Posse do Objeto-Texto: Uma Leitura do *Grande Sertão: Veredas*", comunicação apresentada durante o I Encontro de Estudos Interdisciplinares da Linguagem, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 03 de setembro de 1987.
- "Os Labirintos de Borges e o Sertão de Guimarães Rosa: Uma Leitura Intertextual", participação de mesa-redonda sobre Jorge Luís Borges realizada durante o II Congresso Nacional de Professores de Espanhol, Universidade de São Paulo, S.P., 25 de setembro de 1987.

- "A Quem Pertence a Metáfora nos Estudos da Linguagem?", participação de grupo de trabalho coordenado pela autora durante o XXXIV Seminário do GEL, realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNISANTOS, Santos, São Paulo, 07 de novembro de 1987.
- "A Crise da Metalinguagem: Uma Perspectiva Interdisciplinar", conferência apresentada em colaboração com K. Rajagopalan durante o XXXIV Seminário do GEL, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UNISANTOS, Santos, São Paulo, 7 de novembro de 1987.
- "A Pesquisa em Teoria da Tradução ou O Que Pode Haver de Novo no Front", palestra apresentada ao GT de Tradução, III Encontro Nacional da ANPOLL, Universidade Federal do Rio de Janeiro, R.J., maio de 1988.
- "Algumas Reflexões sobre Teorias e Ensino de Tradução", participação do grupo de trabalho "Teorias de Tradução: Perspectivas Críticas", coordenado pela autora durante o XXXV Seminário do GEL, Universidade de Taubaté, São Paulo, 17 de setembro de 1988.
- "Searle e a Noção de Literalidade", trabalho apresentado em colaboração com K. Rajagopalan durante o XI Encontro Nacional de Linguística, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1988.
- "Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução", participação do Grupo de Trabalho "O Que É Interpretação? Perspectivas Interdisciplinares" durante o XXXVI Seminário do GEL, Universidade de São Paulo, 02 de junho de 1989.
- "O Mito da Impossibilidade Teórica da Tradução e o Logocentrismo: Reflexões Preliminares", participação da mesa-redonda "Tradução: Ponto de Partida para os Estudos da Linguagem" realizada durante o IV Encontro Nacional da ANPOLL, PUC-SP, São Paulo, julho de 1989.
- "*Deconstructing Stable Meaning and Textual Analysis: A Reply to Raphael Nir*", participação da mesa-redonda "*The Function of Formal Features (Titles and Headlines) for Text Analysis*", realizada durante o II Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 06 de setembro de 1989.

- "O Ensino de Leitura e a Escamoteação da Ideologia", comunicação apresentada em colaboração com K. Rajagopalan durante o II Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 04 de setembro de 1989.
- "As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões", participação da mesa-redonda "Por Uma Teoria de Tradução: Contribuições Interdisciplinares", coordenado pela autora durante o Seminário "A Pesquisa em Tradução: a Teoria, o Ensino e a Prática", II Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 04 de setembro de 1989.
- "O Papel do Tradutor e o Logocentrismo", palestra apresentada durante a IX Semana do Tradutor no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, campus de São José do Rio Preto, São Paulo, 19 de outubro de 1989.
- "O Papel do Tradutor e o Logocentrismo", palestra apresentada durante a III Semana Objetivo de Letras, Objetivo Universidade Paulista, São Paulo, 16 de outubro de 1989.
- "A Noção do Inconsciente e a Desconstrução do Sujeito Cartesiano", participação do Grupo de Trabalho "Desconstrução e Linguagem: As Noções de Signo e de Sujeito", coordenado pela autora, durante o XXXVII Seminário do GEL, Faculdades Teresa d'Ávila, Lorena, São Paulo, 27 de outubro de 1989.
- "O Literário e o Desejo do Intraduzível: Algumas Reflexões sobre *Grande Sertão: Veredas*", comunicação apresentada durante o IV Encontro Nacional de Tradutores, Universidade de São Paulo, São Paulo, 03 de abril de 1990.
- "A Desconstrução do Logocentrismo e a Origem do Significado", participação do Grupo de Trabalho "Desconstrução e Linguagem: A Questão do Significado", coordenado pela autora, durante o XXXVIII Seminário do GEL, FAAC, UNESP, Bauru, São Paulo, 8 de junho de 1990.
- "A Tradução como 'Problema Teórico' e as Estratégias do Logocentrismo", comunicação apresentada durante o XXXVIII Seminário do GEL, FAAC, UNESP, Bauru, São Paulo, 8 de junho de 1990.
- "O Ensino de Tradução no Brasil Hoje: Problemas e Perspectivas", participação de mesa-redonda organizada pelo GT de Tradução, V Encontro Nacional da ANPOLL, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 25 de julho de 1990.

- "A Missão Impossível (e Não Assumida) do Professor de Tradução Comentada", comunicação apresentada ao GT de Tradução durante o V Encontro Nacional da ANPOLL, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 25 de julho de 1990.
- "O Texto como Estratégia de Leitura e a Reflexão Desconstrutivista", comunicação apresentada em colaboração com K. Rajagopalan durante o IX Congresso Internacional da ALFAL, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 09 de agosto de 1990.
- "A Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática", comunicação apresentada durante o IX Congresso Internacional da ALFAL, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 09 de agosto de 1990.
- "Teoria, Prática e Políticas de Tradução", palestra apresentada durante a X Semana do Tradutor, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, campus de São José do Rio Preto, São Paulo, 22 de outubro de 1990.
- "A Questão da Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática", participação de mesa-redonda realizada durante o II SIMPLA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, R.J., 9 de novembro de 1990.
- "A Pesquisa em Tradução no Estado de São Paulo", trabalho apresentado no Encontro do GT de Tradução da ANPOLL ocorrido durante o II SIMPLA, Universidade Federal do Rio de Janeiro, R.J., 9 de novembro de 1990.
- "As Relações Perigosas entre Teorias e Políticas de Tradução", colóquio apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, S.P., 19 de novembro de 1990.
- "Há Espaço para a Tradução nos Cursos de Pós-Graduação em Letras?", participação de mesa-redonda durante o I Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução, Universidade de São Paulo, S.P., 12 de abril de 1991.
- "A Integração entre Teoria e Prática no Processo de Ensino-Aprendizagem de Tradução", participação da mesa-redonda "O Ensino-Aprendizagem da Tradução como um Processo Integrado", realizada durante o I Seminário de Ensino-Aprendizagem de Tradução, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 8 de maio de 1991.
- "O Que Pode Efetivamente Ensinar o Professor de Tradução Comentada", comunicação apresentada durante o I Seminário de Ensino-Aprendizagem de Tradução, Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 09 de maio de 1991.

- "A Pesquisa em Tradução", participação do painel "Horizontes de Pesquisa: Língua, Linguística e Tradução", 2º Simpósio de Letras e SEB, patrocinado pelos Cursos de Línguas e Literaturas Francesas, Inglesas e Portuguesas e SEB da PUC-SP, São Paulo, 21 de maio de 1991.
- "A Distinção Arte X Ciência e a Teorização sobre Tradução", participação da mesa-redonda "Tradução Intersemiótica, Literária e Técnica" realizada durante o 2º Simpósio de Letras e SEB, PUC-SP, São Paulo, 21 de maio de 1991.
- "A Tradução nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem", colóquio apresentado em colaboração com Paulo Ottoni, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 20 de maio de 1991.
- "As Relações Perigosas entre Teorias e Políticas de Tradução", palestra apresentada no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, campus de Mariana, Minas Gerais, 03 de junho de 1991.
- "*Research into Translation*", participação de mesa-redonda realizada durante o XI ENPULI, Faculdades São Marcos, São Paulo, 02 de agosto de 1991.
- "*Laplanche Translates the Father of Psychoanalysis: The Main Scenes of a Family Romance*", participação do painel "*The Freudian Controversy*" realizado durante o congresso *Translation in the Humanities and the Social Sciences*, na Universidade de Binghamton, Nova York, Estados Unidos, 27 de setembro de 1991.
- "Laplanche Traduz o Pai da Psicanálise: Algumas Cenas de um Romance Familiar", colóquio apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, S.P., 18 de novembro de 1991.
- "A Tradução e o Flagrante da Transferência", comunicação apresentada durante o II Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, S.P., 02 de abril de 1992.
- "*Literature as Fetishism: Some Consequences for a Theory of Translation*", trabalho apresentado durante o *Primer Congrés Internacional sobre Traducció*, organizado pela *Escola Universitària de Traductors i d'Interprets*, Universidade Autônoma de Barcelona, Espanha, 07 de abril de 1992.
- "A Estrutura Curricular Viável para os Cursos de Tradução de Nossas Universidades", participação de mesa-redonda organizada pelo GT de Tradução durante o VII Encontro Nacional da ANPOLL, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 18 de maio de 1992.

- "O Encontro do GT de Tradução de São Paulo", comunicação apresentada ao GT de Tradução da ANPOLL durante o VII Encontro Nacional da ANPOLL, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 19 de maio de 1992.
- "Tradução, Literatura e Fetichismo", colóquio apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, S.P., 25 de maio de 1992.
- "O Ensino de Tradução a partir de uma Abordagem Pós-Estruturalista: Algumas Perspectivas", participação de seminário realizado durante o III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, UNICAMP, Campinas, S.P., 31 de agosto de 1992.
- "Tradução, Política e Instituição: Relações e Conseqüências", conferência apresentada durante o III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, UNICAMP, Campinas, S.P., 1º de setembro de 1992.
- "Tradução, Desconstrução e Psicanálise: Intersecções e Perspectivas", participação de seminário realizado durante o III Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, UNICAMP, Campinas, S.P., 1º de setembro de 1992.
- "Problemas de Tradução e Mercado Editorial", participação de mesa-redonda promovida pelo Sindicato Nacional dos Tradutores (SINTRA) durante a 12ª Bienal Internacional do Livro, São Paulo, 03 de setembro de 1992.
- "Teorias de Tradução e o Papel do Tradutor", palestra apresentada durante a VIII Semana de Tradução e Interpretação promovida pela Faculdade Ibero-Americana de Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 06 e 08 de setembro de 1992.
- "As Relações entre Teoria e Prática de Tradução", palestra apresentada na Biblioteca Mário de Andrade, com o patrocínio da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, 23 de novembro de 1992.
- "Tradução e Psicanálise", palestra apresentada durante o I Seminário de Tradução e Interpretação da Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 11 de maio de 1993.
- "Tradução, Desconstrução e Psicanálise", palestra apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, São Paulo, 16 de junho de 1993.
- "Ideologia, Teoria e Prática. A Tradução Possível", palestra apresentada durante o Ciclo de Palestras "Traduzir a Arte?", no Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, em 18 de agosto de 1993.

- "*The Gendered Translation and a New Kind of Fidelity*", trabalho apresentado durante o Congresso "*Woman, Text, Image*", Department of Romance Languages and Literatures, Binghamton University, Estado de Nova York, E.U.A., 16 de abril de 1994.
- "Tradução e Feminismo", palestra apresentada aos alunos de língua portuguesa do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Yale, New Haven, E.U.A., em 25 de setembro de 1994.
- "Tradução e Pós-Modernismo em *Se una notte d'inverno un viaggiatore*, de Calvino", colóquio apresentado em colaboração com Andrea Lombardi, no I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 31 de outubro de 1994.
- "Sobre Tradução Poética", palestra apresentada aos alunos de graduação do I.E.L. a convite da Profª Berta Waldman, I.E.L., UNICAMP, 16 de novembro de 1994.
- "Tradução e a Interface Gênero/Pós-Modernismo", palestra apresentada ao CITRAT (Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia), FFLCH/USP, São Paulo, 22 de março de 1995.
- "O Pós-Modernismo e a Emergência dos Estudos da Tradução", palestra apresentada ao Curso de Letras-Tradução, Universidade de Brasília, 30 de março de 1995.
- "A Formação do Profissional em Letras e Letras-Tradução", participação de mesa-redonda organizada pelos cursos de Letras (Línguas Estrangeiras, Tradução, Teoria Literária e Literaturas), Universidade de Brasília, 31 de março de 1995.
- "Supressão de Referências a Sexo e a Funções do Corpo nas Traduções Brasileira e Portuguesa de *The Catcher in the Rye*, de J. D. Salinger", colóquio apresentado no I.E.L., em colaboração com John R. Schmitz, UNICAMP, Campinas, São Paulo, 17 de abril de 1995.
- "Subversão e Fidelidade na Tradução Explicitamente Feminista", colóquio apresentado em colaboração com Luzia Margareth Rago, no I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 15 de maio de 1995.
- "Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade", palestra apresentada durante o I Congresso da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais (APLIEMGE), Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, 22 de maio de 1995.

- "Tradução: Ambigüidades e Fronteiras", participação de *workshop* realizado durante o seminário internacional "Gêneros de Fronteira: Cruzamentos entre o Histórico e o Literário", patrocinado pelo Centro Ángel Rama, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, 26 de maio de 1995.
- "*Postmodernism, the Emergence of Translation Studies and the Empowerment of the Translator*", trabalho apresentado durante o encontro da *Canadian Association of Translation Studies*", patrocinado pelo 1995 *Congress of Learned Societies* do Canadá e realizado na Universidade do Quebec em Montreal, Canadá, 04 de junho de 1995.
- "*Postmodernism and the Teaching of Translation*", trabalho apresentado durante a conferência "*The Third Language International -- Teaching Translation and Interpreting -- New Horizons*", patrocinado pela Universidade de Copenhage, em Elsinore, Dinamarca, 09 de junho de 1995.
- "A 'Morte do Autor' na Pós-Modernidade e Suas Consequências para os Estudos da Tradução", palestra apresentada aos alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Inglesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 23 de junho de 1995.
- "O Pós-Modernismo e a Emergência dos Estudos da Tradução como Disciplina Acadêmica", conferência apresentada durante o IV Encontro de Professores de Línguas e Literaturas Estrangeiras/II Encontro Paulista de Pesquisadores em Tradução, promovido pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, UNESP, Assis, 21 de setembro de 1995.
- "*Postmodernism's Declaration of 'Death' to the Author and Some Consequences for Translation Studies*", trabalho apresentado durante o 1º Congresso da *European Society of Translation Studies* ("*Translation/Interpreting as Intercultural Communication*"), realizado no *Institute of Translation Studies* da *Charles University*, em Praga, República Tcheca, em 28 de setembro de 1995.
- "Tradução e Pós-Modernidade", palestra apresentada durante o Simpósio "Pós-Modernidade?", organizado pelo Departamento de Teoria Literária, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 10 de novembro de 1995.

- "Tradução e Desconstrução", palestra apresentada aos alunos da disciplina de pós-graduação "Conceitos Teóricos Centrais da Pesquisa em Tradução", sob a responsabilidade do Prof. Dr. João Azenha Jr., do curso de Língua e Literatura Alemã da FFLCH da Universidade de São Paulo, 07 de maio de 1996.
- "Tradução e Ética na Pós-Modernidade", conferência apresentada na abertura do IV Seminário de Ensino-Aprendizagem de Tradução, promovido pelo Colegiado de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 27 de maio de 1996.
- "Tradução e Transgressão Lingüístico-Semiótica", participação de mesa-redonda realizada durante o IV Seminário de Ensino-Aprendizagem de Tradução, promovido pelo Colegiado de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 28 de maio de 1996.
- "Tradução e Autoria: O Problema da (Re)Escritura", participação de painel realizado durante o IV Seminário de Ensino-Aprendizagem de Tradução, promovido pelo Colegiado de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 31 de maio de 1996.
- "*Language Studies in Postmodern Times*", plenária apresentada durante o "*Translation Sig Forum*", *5th National Convention*, Braz-TESOL, Goiânia, Goiás, 22 de julho de 1996.
- "Os Estudos da Linguagem na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda da Inocência", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 09 de agosto de 1996.
- "As Principais Tendências do Pensamento Pós-Estruturalista", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 16 de agosto de 1996.
- "A Ética do Tradutor Pós-Moderno", palestra apresentada aos alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 19 de agosto de 1996.
- "A Tradução Ambivalente de uma Maçã numa Laranja: Amor e Poder nas Leituras 'Femininas' a que Hélène Cixous Submete Clarice Lispector", palestra apresentada aos alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 20 de agosto de 1996.

- "Desconstrução, Néo-Pragmatismo e Marxismo: Semelhanças e Diferenças", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 23 de agosto de 1996.
- "O Signo Desconstruído: Implicações para a Tradução e a Leitura", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 30 de agosto de 1996.
- "A Tradução Passada a Limpo pela Desconstrução e pelo Néo- Pragmatismo", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 13 de setembro de 1996.
- "As Noções de Inconsciente e Transferência em Psicanálise e Suas Implicações para a Tradução", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 20 de setembro de 1996.
- "Tradução, Assimetria e Ética", conferência apresentada durante a XVI Semana do Tradutor -- "Perspectivas para a Tradução", patrocinada pelo Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto, São Paulo, 26 de setembro de 1996.
- "Psicanálise, Educação e Tradução", conferência apresentada durante a mesa-redonda "Psicanálise e Interdisciplinariedade", 1ª Jornada de Psicanálise de São José do Rio Preto -- "O Centenário da Palavra", patrocinada pela Associação Livre, Associação Psicanalítica de São José do Rio Preto, São José do Rio Preto, São Paulo, 28 de setembro de 1996.
- "A Ética do Tradutor e da Tradutora na Pós-Modernidade", palestra apresentada aos alunos de de especialização e pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 18 de outubro de 1996.
- "O Projeto da Tradução Explicitamente Feminista e Suas Contradições", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 18 de outubro de 1996.

- "Ética e Tradução na Pós-Modernidade", palestra apresentada aos alunos do Curso de Letras -- Habilitação: Tradutor e Intérprete, Faculdade de Letras, Educação e Psicologia, Universidade Mackenzie, São Paulo, 05 de novembro de 1996.
- "A Modernidade e a Pós-Modernidade nos Estudos da Tradução: Implicações para a Prática e o Ensino", palestra apresentada aos alunos de especialização e de pós-graduação do Departamento de Letras Modernas e do Centro Interdisciplinar de Tradução e Terminologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 8 de novembro de 1996.
- "*Translation and the Third World*", participação do painel organizado pelo *Discussion Group on Translation*, a convite de seu coordenador, Lawrence Venuti, durante a *112th Convention da Modern Language Association of America*, Washington D.C., Estados Unidos, 29 de dezembro de 1996.
- "*Ambivalent Love in the Cultural Traffic Between Europe and South America: The Exemplary Case of Hélène Cixous's and Clarice Lispector's 'Textual Affair'*", trabalho apresentado durante a conferência "*Postcolonial Translations: Changing the Terms of Cultural Transmission*", realizada nas Universidades de Montreal e Concórdia, Montreal, Canadá, 24 de maio de 1997.
- "*Neo-Pragmatism and the Traditional Gap Between Theory and Practice in Translation*", trabalho apresentado durante o encontro da *Canadian Association for Translation Studies*, patrocinado pelo *1997 Congress of Learned Societies* do Canadá e realizado na *Memorial University*, St. John's, Terra Nova, Canadá, de 02 a 04 de junho de 1997.
- "*Ethics and the Traditional Gap between Theory and Practice in Translation*", conferência apresentada como convidada na Conferência "*1er Colloque International de Traduction -- Aspects Culturels de la Traduction*", organizada pelo Departamento de Tradução e Interpretação da Universidade Técnica de Yildiz, Istambul, Turquia, 23 de outubro de 1997.
- "*Translation as Deconstruction*", palestra apresentada aos professores e alunos do *Institut fur Übersetzer-und Dolmetscherausbildung*, Universidade de Viena, Áustria, 28 de outubro de 1997.
- "*Pierre Menard -- A New Conception of Originality*", palestra apresentada aos professores e alunos do *Institut fur Übersetzer-und Dolmetscherausbildung da Karl-Franzens-Universität Graz*, Graz, Áustria, 29 de outubro de 1997.

- "*Essentialism and Non-Essentialism in Translation Theories*", palestra apresentada a alunos do *Institut fur Ubersetzer-und Dolmetscherausbildung da Karl-Franzens-Universitat Graz*, Graz, Áustria, 30 de outubro de 1997.
- "*The Revision of the Traditional Gap between Theory and Practice and the Empowerment of Translation in Postmodern Times*", palestra apresentada aos alunos e professores do *Institut fur Allgemeine Sprach-und Kulturwissenschaft, Johannes Gutenberg-Universitat Mainz*, Gernersheim, Alemanha, 04 de novembro de 1997.
- "*Translation Studies in Brazil*", palestra apresentada aos alunos e professores do *Institut fur Allgemeine Sprach-und Kulturwissenschaft, Johannes Gutenberg-Universitat Mainz*, Gernersheim, Alemanha, 05 de novembro de 1997.
- "*Interpretation as Possessive Love: Hélène Cixous, Clarice Lispector and Ambivalent Fidelity*", palestra apresentada aos alunos e professores da *Fachbereich Fachkommunikation, Fachhochschule Magdeburg*, Magdeburg, Alemanha, 07 de novembro de 1997.
- "*Translation and Deconstruction*", palestra apresentada aos alunos e professores da *Fachbereich Fachkommunikation, Fachhochschule Magdeburg*, Magdeburg, Alemanha, 07 de novembro de 1997.
- "A Explosão e o Florescimento dos Estudos da Tradução nas Últimas Décadas", conferência de abertura, Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação, Faculdade Ibero-Americana, São Paulo, S.P., 11 de maio de 1998.
- "Diferentes Concepções de Tradução e Suas Implicações para o Ensino", conferência apresentada a convite do "V Encontro Internacional de Língua e Culturas Lusófonas", patrocinado pelo Instituto de Enseñanza Superior en Lenguas Vivas "Juan Ramón Fernández", da Secretaria de Educación de Buenos Aires e pelo Instituto Camões, realizado na UADE (Universidad Argentina de la Empresa), Buenos Aires, Argentina, 04 de junho de 1998.
- "*Ethics, the Fear of Difference, and the Scandal of Translation*", trabalho apresentado em mesa-redonda ("Tradução, Transculturização e Valores Éticos") a convite da X Jornada de Estudos Americanos -- Tradução/Transculturização, promovida pela Associação Brasileira de Estudos Americanos e pelo Departamento de Línguas Modernas do Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 26 de agosto de 1998.
- "Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade", participação de mesa-redonda durante o VII Encontro Nacional de Tradutores e I Encontro Internacional de Tradutores, Universidade de São Paulo, São Paulo, 8 de setembro de 1998.

- "Tradução e Pós-Colonialismo", participação de mesa-redonda durante o VII Encontro Nacional de Tradutores e I Encontro Internacional de Tradutores, Universidade de São Paulo, São Paulo, 10 de setembro de 1998.
- "*Writing, Translation, and the Power Struggle for the Control over Meaning*", trabalho (paper) apresentado durante o *EST Congress* promovido pela *European Society for Translation Studies* e pela Universidade de Granada, Granada, Espanha, 23 de setembro de 1998.
- "O Tradutor Cleptomaniaco e a Reflexão Tradicional sobre Tradução", palestra apresentada durante o evento "O Olhar do Tradutor", patrocinado pela Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Paraná, 30 de outubro de 1998.
- "Ética e a Politização da Tradução na Pós-Modernidade", palestra apresentada durante o evento "O Olhar do Tradutor", patrocinado pela Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Paraná, 30 de outubro de 1998.
- "Interpretação, Assimetria e Ética", palestra apresentada aos alunos e professores da disciplina "Teorias Críticas", Departamento de Teoria Literária, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 07 de abril de 1999.
- "Borges como Teórico da Escritura", participação de mesa-redonda sobre Borges: Teoria e Prática da Tradução durante o evento "Borges 100", patrocinado pelo Departamento de Letras Modernas, Área de Espanhol, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, S.P., 16 de abril de 1999.
- "Tradução e Desconstrução", palestra apresentada aos alunos da disciplina "Tradução: Alemão/Português" (LA844-A), Departamento de Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 10 de novembro de 1998.
- "*Training the Visible Translator in the Context of Anti-Essentialism*", trabalho apresentado durante o congresso "*Training Translators and Interpreters: New Directions for the Millennium*", *III Jornades de Traducció a Vic*, a convite de seus organizadores, *Facultat de Ciències Humanes, Traducció i Documentació, Universitat de Vic*, 15 de maio de 1999.
- "O Tratamento Conferido à Figura do Tradutor e à Tradução nos Estudos da Linguagem", conferência apresentada durante o XLVII Seminário do GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo), Universidade do Sagrado Coração, Bauru, São Paulo, 28 de maio de 1999.
- "As Principais Tendências Teóricas dos Estudos da Tradução", palestra apresentada aos alunos e professores do Curso de Introdução à Teoria e Prática da Tradução, Núcleo de Tradução, Centro de Ciências Humanas e Artes da Universidade Federal de Uberlândia, 18 de junho de 1999.

- "A Aceitação de Babel: A Tradução e o Tradutor Passados a Limpo na Pós-Modernidade", conferência apresentada durante o III Encontro de Tradutores da Faculdade de Ciências da Educação e Letras, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, São Paulo, 23 de outubro de 1999.
- "Tradução Literária", participação de mesa-redonda organizada pelas Editoras da UNICAMP, UNESP e pela EDUSP durante a 16ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, São Paulo, 01/05/2000.
- "O Tradutor na Ficção", palestra apresentada aos alunos do Curso de Tradução do Departamento de Letras, PUC-RIO, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 28/08/2000.
- "The Reevaluation of the Translator's Role in Poststructuralism", conferência apresentada durante o evento internacional "Últimas Corrientes Teóricas en los Estudios de Traducción y Sus Aplicaciones", Universidade de Salamanca, Espanha, 17 de novembro de 2000.
- "O Mito de Babel como Cena Inaugural dos Estudos da Tradução", conferência apresentada durante o II CIATI – II Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação ("2001: Uma Odisséia na Tradução"), 17 de maio de 2001.

29. PARTICIPAÇÃO EM BANCAS DE TESES, QUALIFICAÇÕES E CONCURSOS:

- José Carlos Paes de Almeida Filho. Concurso de Promoção para Assistente-Doutor. Departamento de Inglês, Faculdade de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da PUC-SP, São Paulo, 13 de dezembro de 1984.
- Carlos A. Gohn. Exame de Qualificação de Doutorado, L.A.E.L., PUC-SP, São Paulo, 25 de novembro de 1988.
- Cristina Carneiro Rodrigues. Tese de Mestrado: "Tradução: Teorias e Contrastes", L.A.E.L., PUC-SP, São Paulo, 28 de junho de 1988.
- Sandra M. Penteado Ferreira Castro. Tese de Mestrado: "O Ensino da Leitura como Reflexo de Teorias Lingüísticas de Leitura: Uma Crítica", Programa de Pós-Graduação em Lingüística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 06 de dezembro de 1988.

- Cecília A. Salles. Concurso de Promoção para Assistente-Doutor. Departamento de Inglês, Faculdade de Filosofia do Centro de Ciências Humanas da PUC-SP, São Paulo, 05 de outubro de 1990.
- Thelma M. Nóbrega. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 24 de abril de 1991.
- Lenita R. Esteves. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 03 de maio de 1991.
- Giana Maria G. Giani. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 14 de agosto de 1991.
- Thelma M. Nóbrega. Tese de Mestrado: "*On the Road X Pé na Estrada: As Estradas do Imaginário em Tradução*", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 19 de agosto de 1991.
- Nícia A. Bonatti. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 15 de outubro de 1992.
- Lenita R. Esteves. Tese de Mestrado: "*As Bruxas de Macbeth no Original e em Quatro Traduções Brasileiras: Uma Inquisição das Diferenças*", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 26 de outubro de 1992.
- Giana Maria G. Giani. Tese de Mestrado: "*A Tradução como Diferença: Um Estudo sobre *The Catcher in the Rye*, O Apanhador no Campo de Centeio e Uma Agulha no Palheiro*", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 25 de novembro de 1992.
- Luzia Aparecida Araújo. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 02 de dezembro de 1992.
- Dawn A. Duke. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 14 de dezembro de 1992.
- Nícia A. Bonatti. Tese de Mestrado: "*A Brief History of Time*, de Stephen Hawking: Uma Breve História da Construção de Sentidos em Algumas Comunidades Interpretativas", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 03 de junho de 1993.

- Luzia Aparecida de Araújo. Tese de Mestrado: "Por que os Computadores Não São Capazes de Traduzir? Uma Resposta a partir de uma Concepção Pós-Estruturalista de Tradução", Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 1º de julho de 1993.
- Raffaella de Filippis. Exame de Qualificação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 16 de setembro de 1993.
- Andrea G. Lombardi. Tese de Doutorado: "A Verdadeira História do Narrador: Calvino, Ariosto e a Influência Poética". Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, FFLCH, USP, 18 de novembro de 1994.
- João Azenha Júnior. Tese de Doutorado: "Aspectos Culturais na Produção e Tradução de Textos Técnicos de Instrução Alemão-Português: Teoria e Prática". Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP, 28 de novembro de 1994.
- Raffaella de Filippis Quental. Tese de Mestrado: "A Dicotomia Tradicional Teoria /Prática no Ensino de Tradução: Suas Manifestações, Sua Matriz Teórica e Seus Efeitos para a Formação de Tradutores"; Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 08 de maio de 1995.
- Paulo Sampaio Xavier de Oliveira. Exame de Qualificação de Projeto de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 26 de junho de 1995.
- Érica Luciene Alves de Lima. Exame de Qualificação de Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 09 de outubro de 1995.
- Edson Luiz de Oliveira. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Língua e Literatura Alemã, Departamento de Letras Modernas, FFLCH, USP, São Paulo, 20 de dezembro de 1995.
- Maria Helena Vieira Abrahão. Tese de Doutorado: "Conflitos e Incertezas do Professor de Língua Estrangeira na Renovação de Sua Prática de Sala de Aula"; Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 17 de junho de 1996.
- Lucinéa Marcelino Villela. Exame de Qualificação de Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 29 de julho de 1996.

- Sérgio Marra de Aguiar. Exame de Qualificação de Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 09 de agosto de 1996.

- Susana Kampff Lages. Tese de Doutorado: "Melancolia e Tradução: Walter Benjamin e 'A Tarefa do Tradutor'". Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Faculdade de Filosofia e Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 27 de agosto de 1996.

- Adriana Silvina Pagano. Tese de Doutorado: "Percursos Críticos e Tradutórios da Nação: Argentina e Brasil". Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, 02 de dezembro de 1996.

- Neusa Lopes Ribeiro Vollet. Exame de Qualificação de Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 10 de dezembro de 1996.

- Neusa Lopes Ribeiro Vollet. Tese de Mestrado: "Ser ou Não Ser Pornográfico, Eis a Questão: O Tratamento da Linguagem Obscena em Traduções Brasileiras do *Hamlet*", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, São Paulo, 23 de abril de 1997.

- Cristina Carneiro Rodrigues. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 10 de outubro de 1997.

- Silene Moreno. Exame de Qualificação de Tese de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 21 de novembro de 1997.

- Maurício Mendonça Cardozo. Exame de Qualificação -- Mestrado, Língua e Literatura Alemã, Departamento de Letras Modernas, FFLCH, Universidade de São Paulo, 08 de dezembro de 1997.

- Cristina Carneiro Rodrigues. Tese de Doutorado: "Tradução e Diferença: Uma Proposta de Desconstrução da Noção de Equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury", Programa de Pós-Graduação em Linguística, I.E.L., UNICAMP, I.E.L., Campinas, São Paulo, 16 de fevereiro de 1998.

- Sérgio Marra de Aguiar. Tese de Mestrado: "A Resposta da Crítica à Tradução no Brasil: O Prêmio Jabuti". Área de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 19 de junho de 1998.

- Lenita Maria Rimoli Esteves. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 29 de junho de 1998.
- Maria Tereza Celada. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 06 de julho de 1998.
- Maria Paula Frota. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 21 de outubro de 1998.
- Paulo Sampaio Xavier de Oliveira. Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 25 de novembro de 1998.
- Adauri Brezolin - Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Área de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 07 de dezembro de 1998.
- Maria Paula Frota. Tese de Doutorado: "A Singularidade na Escrita Tradutora -- Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise". Programa de Pós-Graduação em Lingüística, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 10 de fevereiro de 1999.
- Paulo Sampaio Xavier de Oliveira. Tese de Doutorado: "A Televisão como 'Tradutora': Veredas do *Grande Sertão* na Rede Globo". Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 26 de fevereiro de 1999.
- Adauri Brezolin - Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Área de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 26 de março de 1999.
- Silene Moreno - Exame de Qualificação de Projeto de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 12 de agosto de 1999.
- Patrícia Stafusa Sala Battisti - Tese de Mestrado: "A Crítica de Tradução em Antoine Berman: Reflexo de uma Concepção Anti-Etnocêntrica de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 04 de fevereiro de 2000.
- Nelson Bolognini Júnior - Exame de Qualificação de Projeto de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 14 de março de 2000.

- Silvana Maria Grisi Sarno -- Tese de Mestrado: "Da Linguagem: A Leitura da Literatura na Escola: Uma Prática de Significância", Faculdade de Educação, Núcleo de Linguagem, Desenvolvimento e Ação Pedagógica, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 27 de março de 2000.
- Lilian Virgínia de Paula Filgueiras – Exame de Qualificação de Doutorado, Área de Língua Inglesa e Literaturas Inglesa e Norte-Americana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, S.P., 24 de agosto de 2000.
- Silene Moreno – Exame de Qualificação de Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 09 de novembro de 2000.
- Silene Moreno – Tese de Doutorado: "Ecos e Reflexos: A Construção do Cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de Suas Concepções de Tradução, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 30 de janeiro de 2001.
- Ruth Bohunovsky – Exame de Qualificação de Tese de Doutorado: "O Conceito de 'Ciência de Tradução' em Catford, Nida, Mounin e Wilss", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 06 de fevereiro de 2001.
- Ana Maria Siqueira – Exame de Qualificação de Tese de Mestrado: "O Conceito de Texto em Lawrence Venuti: Um Resquício Essencialista", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, I.E.L., UNICAMP, Campinas, 06 de fevereiro de 2001.

MEMORIAL

Sumário

1. Breves Antecedentes Biográficos	3-5
2. Estudos de Graduação	5-7
3. Estudos de Pós-Graduação	7-22
4. Experiência Docente	22-32
5. Experiência Profissional como Tradutora	32-33
6. Desenvolvimento e Divulgação de Pesquisa	33-46
7. Orientação de Alunos	46-50
8. Palavras Finais	50-51

I. BREVES ANTECEDENTES BIOGRÁFICOS

Ao iniciar este exercício de reflexão sobre o passado e seu impacto sobre o presente que acaba constituindo a escritura de um memorial, encontro os primeiros fios da meada em que se transformaria minha trajetória profissional, previsivelmente, numa infância exposta a um certo multiculturalismo familiar que produziu um interesse persistente nas relações entre o doméstico e o estrangeiro. Tive a oportunidade de conviver, desde os primeiros anos de vida, com diferentes línguas e culturas: o italiano e o espanhol de avós imigrantes bastante presentes, além da influência do inglês e da cultura norte-americana (ou, talvez, mais precisamente, ítalo-americana) que nos invadia, de tempos em tempos, com a visita de parentes radicados em Connecticut. Esse convívio aguçava não apenas o interesse em conhecer melhor minhas próprias origens mas, também, em perseguir outras possibilidades culturais.

Esse interesse se alimentava também por uma enfática valorização da leitura como instrumento de conhecimento e como forma acessível de contato com outros povos e outras culturas, que aprendia com meu pai, Raphael Arrojo, um micro-empresário que, apesar de não ter podido estudar além do curso primário, passava quase todo seu tempo livre mergulhado em livros, em sua maioria clássicos da literatura mundial. Por trás dessa dedicação à leitura e à literatura, havia uma nostalgia e uma idealização de um passado espanhol supostamente repleto de parentes ilustres, alguns deles literatos reconhecidos. (Mais recentemente, numa viagem à Espanha, acabei descobrindo que havia um pouco de verdade naquelas histórias que escutava na infância. Meu avô paterno, José Graciano Arroyo, era primo de dois dramaturgos até hoje populares em Andaluzia e, sobretudo, em Sevilha: os irmãos Serafín e Joaquín Álvarez Quintero, sobre os quais obtive alguma bibliografia, para deleite de meu pai, que agora se dedica a escrever a história de alguns de seus ancestrais).

Se a influência paterna apontava para o estudo e para as letras, na influência materna encontrei o estímulo para, desde muito cedo, buscar satisfação pessoal no

exercício de uma profissão e na independência financeira. Minha mãe, Catharina Visconde Arrojo, havia sido impedida de continuar seus estudos para além do primário por ser mulher e, portanto, destinada, compulsoriamente, às prendas domésticas. Até hoje, amarga a frustração de não ter podido se realizar profissionalmente, embora se sinta orgulhosa por ter criado quatro filhas bastante empenhadas em suas respectivas carreiras.

Aluna do Grupo Escolar Amadeu Amaral, no Belenzinho, em São Paulo, sempre me destaquei pelas notas altas e pelo gosto pelo estudo, tendo ganho, inclusive, em 1959, no 3º ano primário, a Medalha Governador do Estado como a melhor aluna de toda a escola. No curso ginásial, no Colégio Estadual Domingos Faustino Sarmiento, também em São Paulo, o destaque, além das notas boas, se devia não apenas ao gosto pelos estudos mas, sobretudo, à pretensão de escrever poemas e contos que eram publicados no jornal da escola. Quando venci um concurso literário promovido pela escola, achei que gostaria de ser escritora e, para ser escritora, me parecia óbvio que deveria estudar na Faculdade de Letras. Achava, ainda, que, se não pudesse ser escritora, gostaria muito de ser professora de português, minha matéria favorita na época.

Ainda no curso ginásial, comecei a dar aulas particulares (devidamente remuneradas) sobre quase todas as disciplinas estudadas a colegas de outras séries e classes, e também a vizinhos e conhecidos, com problemas de notas. A idéia de conseguir uma classe de alunos como emprego me parecia atraente, além de um objetivo digno de ser tentado. Além disso, no início dos anos 1960, quando o ensino público se destacava pela excelência, via a maioria de meus professores do colégio estadual como pessoas bem-sucedidas e satisfeitas com as condições e as recompensas de seu trabalho.

A opção pelo curso clássico, no mesmo colégio, foi fácil. Pela primeira vez, estudava literatura brasileira e portuguesa como disciplinas autônomas, além de filosofia, biologia, latim, francês, inglês e espanhol. No segundo semestre do 3º ano, consegui uma bolsa parcial junto ao Equipe Vestibulares e o entusiasmo pela carreira

docente aumentou ainda mais, embora continuasse a pensar em outras possibilidades, como jornalismo ou direito. Entre os professores inspiradores que conheci no Equipe, devo mencionar minha atual colega Marisa Lajolo, cujas aulas de literatura brasileira me auxiliaram a dissipar as poucas dúvidas sobre a opção no vestibular.

A decisão de prestar apenas o vestibular para o curso de Letras da USP foi segura. Numa família como a minha, com quatro estudantes, não havia verba que permitisse o estudo numa faculdade particular. Além disso, meus pais acreditavam que se as faculdades públicas eram precisamente as melhores, não faria sentido algum estudar em qualquer outra. Meu plano inicial era prestar o exame para o curso de língua portuguesa. Logo, optei também pelo curso de língua inglesa por acreditar que me traria maiores possibilidades de emprego.

Em 1968, prestei com sucesso o exame vestibular, composto apenas de perguntas que exigiam respostas dissertativas nas seguintes áreas: língua portuguesa, latim e língua inglesa.

II. ESTUDOS DE GRADUAÇÃO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (1969 a 1972). Graus obtidos: Bacharel e Licenciada em Letras Inglês-Português.

Os anos de faculdade não foram muito agradáveis para a primeira turma dos cursos de letras da USP a estudar na Cidade Universitária em São Paulo. Além do desconforto físico e óbvio dos barracões – quentes demais no verão, insuportavelmente frios no inverno – convivíamos com o terror dos piores anos da ditadura: o medo de formar grupos, de participar de discussões e de expressar opiniões.

Assim que soube da aprovação no vestibular, no início de 1969, comecei a procurar um emprego que me permitisse cobrir os gastos pessoais e me tornasse um pouco independente da família. Em março do mesmo ano, comecei a dar aulas de

inglês no Instituto Yázigi, o que me levou a uma dupla jornada, dividida entre o trabalho e o estudo na universidade. Ao mesmo tempo, achava que deveria fazer o maior número possível de disciplinas e optei, inicialmente, por um bacharelado em três línguas: português, inglês e alemão. Além da dificuldade de conciliar o novo emprego e o primeiro semestre da faculdade, o início do curso me pôs em contato com a pobreza da vida universitária no campus da USP naqueles anos, que se resumia a um amontoado de aulas, nem sempre muito estimulantes, em turmas enormes.

Contudo, apesar dos revezes e das dificuldades, creio ter podido obter uma formação sólida naqueles anos de USP, sobretudo nas áreas de literatura brasileira, literatura portuguesa e língua e literatura inglesa. Lembro-me de professores dedicados e inspiradores, como Antonio Dimas, Décio de Almeida Prado e José Garbuglio, em literatura brasileira. No departamento de inglês, lembro-me com carinho de Paulo Vizioli e Onédia Barbosa, professores de literatura inglesa, e de Catarina Feldman, da área de literatura norte-americana. Embora tenha desistido, depois de alguns semestres, do curso de alemão como disciplina básica do bacharelado, as aulas de literatura alemã com o professor Modesto Carone ainda são uma lembrança positiva, apesar da dificuldade de ler textos literários no original sem praticamente conhecer a língua.

Dividida entre a universidade e os vários empregos temporários que conseguia conciliar com o horário das disciplinas cursadas, fui apenas uma aluna mediana nos tempos de faculdade, sem nenhum interesse maior em pesquisa e sem nenhuma pretensão de conquistar uma carreira docente no ensino superior. Nessa época, minha motivação primeira era conseguir um emprego estável e terminar os créditos necessários para a formatura o mais rápido possível.

Entre os colegas, o sentimento era mais ou menos o mesmo. Aliás, depois do término dos cursos, apenas reencontrei dois colegas da faculdade envolvidos com cursos de pós-graduação: Fernando Tarallo, que reencontrei em 1978, quando ambos éramos candidatos a bolsas Fulbright para o doutorado nos Estados Unidos; e Maria Helena Vieira Abrahão, que reencontrei mais recentemente, em meados dos anos 1990,

quando se interessou em ingressar no Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada do IEL.

Logo após a conclusão do bacharelado e da licenciatura em letras (inglês-português), no final de 1972, empenhei-me em conseguir trabalho. A partir de março de 1973, passei a dar aulas de inglês para o curso colegial do Equipe, em São Paulo. Mas, apesar de não me sentir estimulada a continuar os estudos e de gostar do trabalho no Equipe, não considerava as aulas no colégio como minha meta profissional última.

III. ESTUDOS DE PÓS-GRADUAÇÃO

1. Departamento de Literatura, Universidade de Essex, Colchester, Inglaterra (outubro de 1975 a janeiro de 1977). Grau obtido: Mestrado (*"Master of Arts"*) (*"Teoria e Prática de Tradução Literária"*).

O interesse em procurar um programa de pós-graduação fora do país surgiu mais explicitamente depois de uma breve experiência bem-sucedida na Inglaterra, mais precisamente em Cambridge, num curso de inglês avançado para professores organizado por uma agência de intercâmbio de São Paulo, realizado entre o final de 1973 e o início de 1974. Quando pensei em tentar um mestrado no exterior, meu interesse não era exatamente a pesquisa, mas o aperfeiçoamento profissional mais imediato. Sentia que, para me sentir mais segura como professora de língua inglesa, seria adequado um estágio mais longo de aprendizado num ambiente em que estivesse permanentemente exposta a falantes nativos. A idéia de viajar para o exterior e, sobretudo, de morar na Inglaterra também me atraía muito. Afinal, eram os anos 70 e Londres parecia o centro do mundo, principalmente para quem tinha apenas vinte e poucos anos.

Comecei os contatos com algumas universidades inglesas e, apesar da grande oferta de cursos de especialização e de mestrado sobre ensino de inglês como segunda língua, procurava cursos que, de alguma forma, me reconcilhassem com o interesse em

literatura que havia sido negligenciado em meus esforços para me tornar uma boa professora de inglês do colegial. Depois de alguns meses, já contava com duas possibilidades concretas: um programa de mestrado sobre literatura inglesa na Universidade de Londres e um programa de mestrado em literatura, concentrado em tradução, na Universidade de Essex, numa cidadezinha chamada Colchester, não muito longe de Londres.

Sem muitos elementos para tomar uma decisão, já que não estava particularmente interessada em literatura inglesa e nunca havia considerado a tradução como objeto de estudo, marquei um encontro com dois professores do departamento de inglês da USP que talvez pudessem me orientar: Paulo Vizioli e Onédia Barbosa. Ambos se mostraram muito interessados no programa sobre tradução oferecido por Essex. Ambos, aliás, estavam muito interessados em tradução. Onédia Barbosa me falou sobre o livro que preparava, um estudo das traduções de Byron feitas no Brasil e a influência que exerceram sobre a constituição do romantismo brasileiro (*Byron no Brasil: Traduções*. São Paulo, Ática, 1975). Além disso, chamou minha atenção para o fato de que a tradução era uma área praticamente inexplorada enquanto objeto de pesquisa e que valeria a pena investir num mestrado que a abordasse. Paulo Vizioli me falou de seu interesse particular em tradução poética, além de me informar que havia planos na faculdade de letras da USP de iniciar cursos de graduação nas diversas línguas oferecidas com uma área de concentração em tradução. Considerando tal possibilidade, acrescentou que meu mestrado na área poderia vir a interessar à universidade.

Minha decisão foi tomada nesse mesmo dia e, assim, saí dos barracões da Cidade Universitária com as generosas cartas de recomendação que ambos concordaram em escrever. Apenas me restava fazer os cálculos das despesas que teria com passagens, taxas de matrícula, acomodação e alimentação durante o curso. Nem me ocorreu procurar uma bolsa de estudos, ou qualquer outro tipo de auxílio. Pode parecer inacreditável hoje em dia, mas os cálculos das despesas cabiam perfeitamente

nas poucas economias que havia feito durante os quase dois anos e meio de aulas dadas no Colégio Equipe.

Ao chegar a Colchester e à Universidade de Essex no final de setembro de 1975, com as leituras exigidas para o início do curso devidamente realizadas e anotadas, soube que o curso se estruturaria em seminários semanais de três horas de duração sob a responsabilidade do Dr. Arthur Terry, professor de literatura espanhola e catalã e coordenador da área de tradução literária. Nesses seminários, encontrei três colegas: dois ingleses recém-saídos da graduação e interessados em começar a trabalhar como tradutores (a partir do francês), e uma professora de inglês da Universidade de Salônica, na Grécia, que já havia traduzido vários clássicos da literatura inglesa para o grego.

Os textos cujas leituras preparávamos para os seminários tinham como meta cobrir os principais autores que haviam se ocupado da questão da tradução de textos literários e poéticos, desde a antiguidade clássica. Um dos textos básicos do curso era o recém-lançado *After Babel*, de George Steiner (Londres, Oxford, Nova York, *Oxford University Press*, 1975), que lemos e comentamos na íntegra durante algumas semanas. Nas discussões durante os seminários, a ênfase geralmente cabia aos escritores e poetas ingleses que haviam se ocupado da tradução literária, como John Dryden (cf., por exemplo, *Dryden and the Art of Translation*, de W. Frost, New Haven, *Yale University Press*, 1955); Samuel Johnson; Matthew Arnold (cf., por exemplo, *On Translating Homer*, uma coleção de seus ensaios organizada por W. H. D. Rouse e publicada em Londres em 1905) e I. A. Richards (cf., por exemplo, *Mencius on the Mind: Experiments in Multiple Definition*, Londres, 1932).

O que me surpreendia, apesar da diversidade de épocas e autores estudados, eram a repetição constante dos mesmos dilemas e dos mesmos argumentos sobre a melhor forma de se traduzir, além dos critérios que me pareciam arbitrários e subjetivos para se definir o que seria a literatura e a poesia e, sobretudo, para se definir a qualidade das traduções e o que se perdia na transferência entre línguas, culturas e épocas. Um ensaio lido pela primeira vez nessa época, o clássico "*Miseria y Esplendor*

de la Traducción”, de José Ortega y Gasset, escrito em 1937, (cf. versão em inglês que acabou de ser publicada em *The Translation Studies Reader*, organizado por Lawrence Venuti para a Routledge, Nova York e Londres, pp. 49-53), sintetiza muito bem o tom e os caminhos que têm definido o pensamento tradicional sobre a tradução: o papel ao mesmo tempo fundamental e “insignificante” do tradutor humilde, a extrema dificuldade e, até mesmo, a impossibilidade de sua tarefa e, finalmente, a difícil relação com os originais e seus autores. Por mais que líamos e discutíamos sobre a questão, tinha a impressão de que nunca chegávamos a lugar algum. Os “problemas teóricos” da tradução me pareciam intrigantes mas, talvez, sem solução. Procurava, como muitos, respostas definitivas que pudessem resolver as questões levantadas de uma vez por todas.

Além da participação nos seminários, tínhamos um espaço individual para a orientação com o Professor Terry, especialmente dedicado à discussão dos três trabalhos (“*papers*”) que deveríamos terminar durante o curso e da tese de mestrado a ser entregue logo após a conclusão do mesmo. As condições de trabalho eram excelentes, sobretudo na biblioteca da universidade, localizada no meio de um bosque – Wivenhoe Park – que permanecia o mesmo do quadro homônimo de Constable, cuja reprodução ainda guardo, na minha sala do IEL, graças a um presente generoso do colega John Schmitz.

Pela primeira vez usufruindo o conforto e o prazer de poder me dedicar totalmente ao estudo e à leitura, a realização dos trabalhos me pareceu fácil e estimulante. Um dos trabalhos foi dedicado a discutir questões práticas sobre tradução literária ligadas a um conto de Clarice Lispector, “Devaneio e Embriaguez Duma Rapariga” (cf. *Laços de Família*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975, pp. 5-16), cuja linguagem traz as marcas do português lusitano como reflexo da personagem que bebe muito vinho verde. Como produzir, numa versão para o inglês, esse sotaque lusitano do texto, que me parecia tão importante para a leitura do conto? Minha resposta para esse tipo de questão, tão freqüentemente levantada nos textos teóricos lidos, tendia para o argumento da intocabilidade do literário e, portanto, da

impossibilidade da tradução. O segundo trabalho, de cunho prático, apresentou traduções comentadas de alguns poemas de Carlos Drummond de Andrade; e o terceiro propôs uma reflexão acerca de algumas consequências de conceitos fundamentais da teoria literária de vocação estruturalista para uma teoria da tradução de textos literários. A realização desses trabalhos me proporcionou, além da oportunidade esperada de melhorar meu nível de proficiência em inglês, uma introdução à pesquisa e à redação de textos acadêmicos e, principalmente, ao gosto pela apresentação e discussão de idéias.

A elaboração da tese de mestrado, uma seleção e tradução de poemas modernistas brasileiros para o inglês, intitulada "*A Selection of Brazilian Modernist Poetry in Translation*", me trouxe o prazer de ter podido realizar um trabalho mais ambicioso, bem cuidado e meticuloso, que abria novos caminhos e novas formas de realização pessoal. A tese apresentou dois capítulos introdutórios: "*The Issue of Literary Translation*", que discutia as principais questões até então levantadas sobre a tradução de poesia; e "*The Translatability of Brazilian Modernist Poetry*", uma reflexão sobre as principais características desse tipo de poesia e sua traduzibilidade, além de um apêndice ("*An Outline of Brazilian Modernism*") que procurava situá-la, historicamente, no contexto da cultura e da literatura brasileira.

A grande aventura acadêmica ousada pela tese, entretanto, foi a tentativa de traduzir, para o inglês, aqueles que selecionei como os mais representativos poetas e poemas do modernismo nacional, um panorama que se iniciou com Mário de Andrade e terminou com Affonso Romano de Sant'Anna. Como ilustração, listo, a seguir, esses poetas e os poemas escolhidos: Mário de Andrade ("Ode ao Burguês", "Poema da Amiga I", "Momento"); Oswald de Andrade ("Bucólica", "Sábado de Aleluia", "Paisagem"); Guilherme de Almeida ("A Missa Negra", "Outono", "Definição de Poesia"); Manuel Bandeira ("O Cacto", "O Último Poema", "A Realidade e a Imagem", "O Bicho", "Consoada", "Preparação para a Morte"); Sérgio Milliet ("O Sol Adolescente", "Paris"); Ronald de Carvalho ("Épura"); Menotti Del Picchia ("Paz"); Cassiano Ricardo ("Relâmpago", "Testamento", "Zanga contra um Guarda-Chuva",

“Estúdio”); Jorge de Lima (“O Grande Desastre Aéreo de Ontem”); Ribeiro do Couto (“Agosto”); Raul Bopp (“Negro”); Carlos Drummond de Andrade (“Os Ombos Suportam o Mundo”, “Mãos Dadas”, “A Noite Dissolve os Homens”; “Elegia 1938”, “Procura da Poesia”, “A Flor e a Náusea”, “Áporo”, “Família”); Murilo Mendes (“Panorama”, “Ante um Cadáver”, “Mapa”, “Cavalos”, “Radiograma”, “Pré-história”); Cecília Meireles (“Anunciação”, “Canção”, “O Jardim”, “Nadador”); Augusto Frederico Schmidt (“Poema”); Vinícius de Moraes (“Poema de Natal”); Domingos Carvalho da Silva (“A Rosa Irrevelada”); Bueno de Rivera (“As Carpideiras”, “Sono”); Péricles Eugênio da Silva Ramos (“Beira-Piscina”); José Paulo Moreira da Fonseca (“Ao Mar”); Fernando Ferreira de Loanda (“O Espantalho”); João Cabral de Melo Neto (“O Cão sem Plumas”); Ferreira Gullar (“O Mito nos Apura”, “Chão Verbal”); Renata Pallottini (“O Grito”); Affonso Romano de Sant’Anna (“A Pesca”).

A experiência proporcionada por esse trabalho foi fundamental. Aprendi, sobretudo, como a tarefa tradutória responsável obriga a tradutora a realizar uma leitura e uma análise textual tão cuidadosa quanto possível. Aliás, talvez nenhum leitor seja tão metódico e tão obsessivo quanto um tradutor que sente e assume a força da responsabilidade envolvida em seu trabalho. Li e reli os poemas escolhidos inúmeras vezes, analisei a constituição de suas imagens até chegar a desenvolver uma intimidade quase autoral com cada um deles. Depois disso, o desafio da versão e, nessa etapa, perseguia os colegas e amigos para que reagissem às minhas soluções num inglês que me parecia insuficiente para o tamanho da responsabilidade que assumira. No final do processo, as leituras cuidadosas e as sugestões pertinentes do Professor Terry, além de seu estímulo, me deram a sensação gratificante de que havia realizado um bom trabalho. De acordo com as normas do programa, depois de entregue e avaliada por uma banca de professores da Universidade de Essex, a tese foi enviada a dois examinadores externos.

Profissionalmente, a volta ao Brasil, no início de 1977, foi, no mínimo, anticlimática. Não pude retomar meu emprego junto ao Colégio Equipe, que não dispunha de aulas excedentes. A necessidade de conseguir trabalho me levou a um

emprego como tradutora/secretária bilíngüe junto a uma empresa de casas pré-fabricadas que começava a implantar um departamento de exportação. Assim, durante quase um ano dediquei-me à versão de manuais técnicos para o inglês e à redação de cartas comerciais em inglês e português.

No final de 1977, fui chamada para uma entrevista com o Professor Maurice Broughton, professor visitante do Conselho Britânico junto ao Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que se interessara por minha formação em Essex e planejava fortalecer as disciplinas de tradução oferecidas pelo departamento. A possibilidade concreta de trabalhar numa universidade como a PUC tornava concreta também a possibilidade de uma carreira acadêmica que, naquele momento, me parecia um alvo difícil demais. Além disso, fui convidada a voltar ao Equipe para aulas no colegial e no curso supletivo.

No início do ano letivo de 1978, estava novamente mergulhada em muitas aulas e envolvida com alunos de cursos diversos: colegial, supletivo e superior. A variedade de disciplinas que ensinava na PUC-SP ("Prática de Tradução", "Análise Contrastiva Português-Inglês", "Redação") e as diversas aulas no Colégio Equipe não deixavam muito espaço para as leituras e os projetos que já imaginava desenvolver num curso de doutorado.

Depois de alguns meses na PUC-SP, Maurice Broughton começou a me estimular a pensar mais concretamente num doutorado na Inglaterra, desta vez com uma bolsa do Conselho Britânico. Depois de pensar a respeito, decidi que seria mais enriquecedor tentar uma bolsa de estudos para um doutorado nos Estados Unidos.

2. Centro de Humanidades e Departamento de Línguas Românicas, Faculdade de Artes e Ciências, Universidade Johns Hopkins, Baltimore, Maryland, Estados Unidos (setembro de 1979 a maio de 1984). Graus obtidos: I. Mestrado ("*Master of Arts*") concedido pelo Departamento de Línguas Românicas, em maio de 1982; II. Mestrado ("*Master of Arts*") concedido pelo

Centro de Humanidades, em maio de 1984; III. Doutorado (“*Doctor of Philosophy*”) concedido pelo Centro de Humanidades, em maio de 1984.

Ainda no primeiro semestre de 1978, inscrevi-me num concurso organizado pela Associação Alumni de São Paulo que selecionava candidatos para bolsas da Fundação Fulbright, entidade norte-americana dedicada a patrocinar *scholars* do terceiro mundo dispostos a estudar nos Estados Unidos. O projeto de pesquisa de doutorado que submeti à comissão julgadora buscava uma aproximação entre as principais concepções de literatura desenvolvidas desde a antigüidade clássica e as visões de tradução implicitamente decorrentes dessas concepções.

Depois de passar por vários exames escritos e por uma arguição sobre o projeto submetido perante uma banca de especialistas (entre os quais, incluíam-se João Alexandre Barbosa e o teatrólogo Antonio Mercado, que havia concluído um doutorado sobre teatro clássico nos Estados Unidos), soube que havia ganho uma das duas bolsas integrais concedidas ao país naquele ano. A outra havia sido oferecida a um ex-colega do curso de graduação da USP que havia tido o prazer de reencontrar durante as provas da seleção, o querido e inesquecível Fernando Tarallo.

Uma das regras que regia a concessão da bolsa Fulbright determinava que o bolsista não contatasse nem escolhesse nenhum programa de pós-graduação sem a orientação explícita da instituição patrocinadora. A universidade e o programa deveriam ser escolhidos apenas entre as opções recomendadas pela comissão de seleção. Assim, as opções que me foram apresentadas envolviam três universidades: Universidade de Wisconsin, em Madison; CUNY (Universidade da Cidade de Nova York) e Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, Maryland. À indicação dessa última vinha associado o nome de William Arrowsmith, professor de letras clássicas e tradutor de prestígio. Como seu nome havia sido recomendado por Walter Mercado durante a entrevista sobre o projeto de pesquisa, mencionada acima, e como havia lido alguns ensaios da coletânea que organizara em colaboração com Roger Shattuck (*The*

entretanto, fui (re)aprendendo a estudar e a obter informações e conhecimentos através dos colegas e professores e, principalmente, nas bibliotecas quase utópicas do *Homewood campus* que permaneciam abertas dia e noite.

O volume de leituras exigia uma dedicação total e exclusiva aos estudos e meu crescimento acadêmico na universidade foi, aos poucos, se tornando possível dentro de uma disciplina rigorosa de trabalho, em que cada hora e cada passo tinham que ser cuidadosamente planejados. Entretanto, a dureza dessa rotina quase implacável era suavizada pelo conforto dos recursos encontrados e pelo estímulo de colegas e professores já acostumados aos rigores da vida acadêmica norte-americana. Além disso, comecei a me interessar profundamente pelas questões estudadas e posso dizer, com segurança, que o período de quase cinco anos em que estudei em Baltimore foi o mais fértil de toda minha vida estudantil, em que meus horizontes se abriram muito além do imaginado. E, nesse processo, meu projeto inicial de concentrar-me exclusivamente em teoria de tradução ficou um pouco esquecido.

Meus interesses se dividiam principalmente em dois ramos: um associado às teorias da linguagem, à psicanálise e à filosofia que perseguia em cursos oferecidos pelo Departamento de Inglês e pelo Centro de Humanidades, com professores como Richard Macksey, Nancy Struever, Stanley Fish, Michael Fried e Samuel Weber; e outro associado ao estudo da literatura de língua espanhola, sobretudo a produção hispano-americana, que tomava contato através das disciplinas cursadas junto ao Departamento de Línguas Românicas, com os professores Paul Olson, Harry Sieber, Carlos Alonso, Alicia Borinsky e Eduardo González. Além desses, pude concluir disciplinas cursadas junto aos departamentos de arte e de *creative writing*, além de um workshop sobre tradução oferecido por William Arrowsmith, do Departamento de Letras Clássicas em colaboração com o Departamento de *Creative Writing*, aliás a única disciplina diretamente associada ao meu projeto inicial que foi oferecida durante toda a minha estadia em Johns Hopkins.

Como concluí diversas disciplinas ligadas à literatura de língua espanhola, decidi me submeter aos exames regularmente aplicados pelo Departamento de Línguas

Românicas aos candidatos a um mestrado na área e que abrangiam os principais autores e obras associados às literaturas espanhola e hispano-americana desde a época medieval até os contemporâneos. Os exames realizados em várias etapas deveriam ser escritos em espanhol e duravam cerca de oito horas cada um. Por ter concluído número suficiente de disciplinas na área e por ter sido aprovada nos vários exames, conquistei um mestrado na área, outorgado em 1982.

Esse mergulho na cultura e na literatura de língua espanhola foi profundamente enriquecedor. A idéia de que minha principal tarefa durante vários meses se resumia à leitura e à análise de textos de prosadores e poetas do calibre de Cervantes, Unamuno, Góngora, Machado, Lorca, García Marques, Cortázar, Borges, Paz, Fuentes, e tantos, tantos outros, reforçava o empenho em fazer o melhor trabalho possível. O esforço me trouxe, além de um novo repertório de autores e textos, o prazer de viver um delicado caso de amor com a Espanha e sua cultura que tem se fortalecido e aprofundado com o passar dos anos.

É relevante lembrar que, desde o final dos anos 1960, a Universidade Johns Hopkins congregava boa parte do pensamento crítico praticado nos Estados Unidos, principalmente na área de estudos literários e filosóficos identificados com a pós-modernidade. Aliás, o primeiro evento associado ao que, depois viria a ser conhecido como “pós-estruturalismo” nos Estados Unidos, foi organizado por Richard Macksey, em colaboração com Eugenio Donato, na época filiado ao Departamento de Línguas Românicas da Universidade. Pela primeira vez, se reuniram, nos Estados Unidos, vários intelectuais franceses ligados ao estruturalismo: Roland Barthes, Jacques Lacan, Jacques Derrida, entre outros. O conhecido livro organizado por Macksey e Donato, *The Structuralist Controversy: The Languages of Criticism and the Sciences of Man* (Baltimore, *The Johns Hopkins University Press*, 1970) é um testemunho desse evento.

No final dos anos 1970 e início da década seguinte, época em que fiz meus estudos de doutorado, o clima de efervescência cultural ainda dominava a vida acadêmica da Universidade e nos estimulava ao estudo, à reflexão e ao debate. Além do contato com os professores regularmente associados aos departamentos acima

mencionados, tive ainda o privilégio de assistir a séries de palestras oferecidas por alguns dos maiores pensadores do final do século passado: Jacques Derrida, Paul de Man, Jean-François Lyotard, Michel Serre, entre outros, que regularmente nos visitavam.

Todas as leituras que pude realizar nesses anos e o universo que essas leituras e o contato com tantos professores e conhecimentos estimulantes me abriram me levaram, finalmente, a reler e a reavaliar os produtos de minha própria herança cultural mais próxima. No momento em que, por exigência de um dos cursos realizados, tive que reler *Ficciones*, de Jorge Luís Borges, livro que lera, com um pouco de tédio e sem muito interesse na juventude, percebi muito claramente como não havia passado por tantas leituras impunemente. Apaixonei-me irremediavelmente pelos textos de Borges e soube que essa paixão se tornara possível precisamente porque minha bagagem intelectual havia se tornado mais rica, mais sofisticada, mais compatível com um texto e um autor tão fascinado pelos mecanismos da linguagem e do significado. O “*Pierre Menard, autor del Quijote*” (*Ficciones*, Madri, Alianza Editorial, S. A., 1981) se tornou quase uma obsessão nos últimos anos em que estive em Johns Hopkins. Uma obsessão que ainda permanece e à qual sucumbo de tempos em tempos, reescrevendo sobre o conto.

Quando (re)encontrei o “*Pierre Menard*” e escrevi sobre algumas relações entre o pensamento de Borges, a filosofia de Nietzsche e o pensamento tradicional sobre a linguagem e o significado, num trabalho de final de semestre (“*Borges’s ‘Pierre Menard’ as a Precursor of Contemporary Critical Theory*”) para o exigentíssimo Stanley Fish, soube que havia encontrado também um tema para a tese de doutorado. Num outro trabalho de final de curso, “*Don Quixote and ‘Pierre Menard’ – A Commentary on Contemporary Critical Theory*”, para o Professor Harry Sieber, com quem estudara os *pícaros* espanhóis, expandi, ainda mais, a idéia inicial e comecei a delinear um projeto de tese, que submeti ao Professor Eduardo González, especialista em literatura latino-americana, em cujos cursos aprendera muito também

sobre as relações entre leitura e psicanálise, literatura e psicanálise, e que me estimulava a reler os grandes livros da tradição cultural do Brasil.

Por ter concluído disciplinas suficientes associadas ao Centro de Humanidades e por ter submetido uma monografia sobre Borges que sintetizava minhas leituras da obra do escritor argentino, conquistei um outro mestrado, este outorgado através do Centro de Humanidades em 1984.

A redescoberta de Borges me interessava também do ponto de vista teórico. Interessei-me, sobretudo, pela forma como a leitura de um texto pode servir de chave de leitura para outro, como ensina o autor argentino de forma tão convincente no brevíssimo ensaio "*Kafka y sus precursores*" (*Otras Inquisiciones, Obra Completa*, vol. 2, Barcelona, Editorial Bruguera, S. A. 1980). Assim, da mesma forma que minhas leituras de filósofos e teóricos pós-estruturalistas produziram uma "nova" leitura de Borges, a partir de Borges passei a reler outros textos. Algumas dessas releituras integraram o meu projeto de tese de doutorado, com destaque para o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e dois contos de Kafka lidos em suas versões para o inglês: "*The Great Wall of China*" e "*The Burrow*" (*The Complete Stories*, organizado por N. N. Glatzer, Schocken Books, Nova York, 1971).

Intitulada "*Jorge Luís Borges's Labyrinths and João Guimarães Rosa's Sertão: Images of Reality as Text*", a tese procura estabelecer, em primeiro lugar, uma relação próxima entre as ficções de Borges e algumas noções básicas sobre a linguagem e o texto exploradas por teorias críticas contemporâneas associadas ao pós-estruturalismo. A partir dessa relação, propõe, também, um diálogo intertextual entre a obra de Borges e o *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, além de um diálogo entre o "*Pierre Menard*", de Borges, e o *Dom Quixote*, de Cervantes e, ainda, entre alguns textos de Borges e dois contos de Kafka.

Como tento argumentar, em Guimarães Rosa, como em Borges, a realidade se textualiza: a relação entre homem e realidade se encontra inevitavelmente mediada pela necessidade de uma "leitura". A realidade, como um texto, não nos oferece uma verdade pronta, estável, recuperável e está sempre sujeita às mudanças de

interpretação. Esse princípio, que é um dos alicerces do pensamento desconstrutivista, representado principalmente pelo trabalho de Jacques Derrida, parece ser o fio condutor que oferece a mais completa e a mais satisfatória explicação para os textos de Borges e o *Grande Sertão*, de Guimarães Rosa. Em Borges, por exemplo, é esse o princípio que parece determinar seu constante questionamento de qualquer distinção clara e objetiva entre realidade e ficção. No *Grande Sertão*, o mesmo princípio pode iluminar as duas questões básicas enfrentadas pelo narrador protagonista Riobaldo: a questão da existência do diabo e a natureza de sua relação ambígua com Diadorim. Em síntese, como o labirinto ficcional de Borges, o universo do *Grande Sertão: Veredas* é um espaço onde tudo é e não é, e onde as tentativas de se estabelecerem oposições claras e definitivas não se sustentam e constantemente se desconstroem.

As bases e as implicações dessa visão de mundo são desenvolvidas nos quatro capítulos da tese. O primeiro é uma tentativa de mostrar que a base dos textos de Borges e do *Grande Sertão: Veredas* é uma teoria da linguagem que questiona a possibilidade de uma distinção absoluta entre o literal e o metafórico. Essa teoria da linguagem encontra paralelo na obra de Nietzsche e na exploração que os teóricos da desconstrução e do pensamento anti-essencialista em geral propõem das implicações da noção do signo arbitrário de Saussure, postulando uma estratégia de leitura que é essencialmente intertextual.

No segundo capítulo, através de uma leitura detalhada do “*Pierre Menard, autor del Quijote*”, conto que desafia nossos conceitos tradicionais de originalidade e autoria, examino a abordagem de Borges à produção de textos literários, sendo que produção aqui envolve não apenas a escritura mas, sobretudo, a leitura desses textos. Como tento mostrar, da mesma forma que Borges lê e relê Cervantes no conto mencionado, é possível reler Borges a partir de Cervantes e essa abordagem necessariamente intertextual, em que a leitura de um texto ilumina a leitura de outro, e vice-versa, também se torna minha na medida em que leio Guimarães Rosa através de Borges e aprofundo a leitura de Borges a partir do *Grande Sertão: Veredas*.

No terceiro capítulo, tendo como principal referência teórica o texto *The Anxiety of Influence – A Theory of Poetry*, de Harold Bloom, (Oxford, *Oxford University Press*, 1979), tento mostrar como o percurso da luta de Riobaldo pelo poder paterno de ser a origem absoluta da verdade em *Grande Sertão: Veredas* pode promover uma outra leitura do “*Pierre Menard*”, de Borges. Tanto o personagem de Borges como Riobaldo parecem motivados pelo desejo de eliminar um precursor e tomar sua posição privilegiada de “amo e senhor” daquilo que se aceita como verdadeiro. Nos universos textualizados de Borges e de Guimarães Rosa, a verdade se transforma em retórica, ou seja, no poder de dizer aquilo que será aceito como verdadeiro. Não será “encontrada” nos mecanismos internos de um texto, mas será sempre imposta por uma figura autoral.

Finalmente, o mesmo desejo edipiano, que parece motivar Riobaldo e Pierre Menard, também pode ser observado em outros níveis dos textos de Borges e de Guimarães Rosa. No *Grande Sertão*, a relação entre o narrador e seu interlocutor também é sublinhada por uma luta pela prioridade e pelo poder de decidir o que é real. Um conflito semelhante caracteriza as relações entre diversos personagens de Borges e seus “leitores”, entre os quais destaco o imperador chinês Shih Huang Ti, o construtor da Grande Muralha, cujo projeto é o tema da nota “*La muralla y los libros*” (*Otras Inquisiciones, Obra Completa*, Vol. II, Barcelona, *Editorial Bruguera, S. A.*, 1980). Assim, como ensina Nietzsche, o suposto desejo de encontrar a verdade, ou o conhecimento, enquanto motivação primeira da leitura e da escritura, é, na verdade, um desejo de poder.

Como concluo, numa espécie de auto-avaliação do papel de autora de tese que tive de exercer, esse desejo não parece liberar nenhum projeto de leitura ou escritura, e tento flagrá-lo também no meu próprio trabalho, não apenas em sua tentativa de dominar tantos textos e tantos autores mas, também, em sua pretensão de persuadir o leitor, propondo-lhe a explicação supostamente mais satisfatória sobre todos esses textos e autores. Afinal, num texto que explora tantos personagens masculinos dos universos ficcionais de Borges, Cervantes, Kafka e Guimarães Rosa, deve ser

significativo o fato de que aqueles que escolho como os mais bem-sucedidos de todos, em seus esforços para obter a “verdade” definitiva que domina o real, sejam duas mulheres, duas mestras absolutas da retórica e do poder de dominar o Outro, masculino e poderoso: Maria Mutema, do conhecido episódio do *Grande Sertão, e Sherazade*, presença constante nas ficções de Borges, que exploro no último capítulo da tese.

Após a defesa bem-sucedida da tese, que me deu o título de *Ph. D* em 1984, deixei Baltimore e todo um universo de boas lembranças: as bibliotecas e o *Homewood campus*, os colegas e professores companheiros de tantas horas de trabalho, os debates acalorados, a sensação reconfortante do crescimento intelectual, além da conversa memorável que pude ter com o próprio Borges um pouco antes da conclusão da tese, por ocasião de sua visita à Universidade. E, também, é claro, a gastronomia local, representada principalmente pelos caranguejos apimentados cozidos no vapor; o sotaque característico dos “nativos”; os passeios ao *Harbor Place* e aos museus da vizinha Washington D. C., entre tantas outras.

IV. EXPERIÊNCIA DOCENTE

1. O Ensino fora da Universidade

Como foi mencionado, meu interesse pelo ensino já se manifestava claramente na infância. O universo da escola, do quadro-negro e do giz, dos professores e dos livros sempre me atraiu desde a primeira aula que tive no curso primário. Durante o curso ginásial, já dava aulas de recuperação a colegas de outras classes e tinha muito prazer em fazê-lo. No curso clássico, continuei essa prática informal de ensino, o que tornava fácil a opção profissional.

Assim que comecei o curso de graduação na USP, consegui um emprego de professora de inglês no Instituto Yázigi, ao mesmo tempo em que recebia o “treinamento” obrigatório fornecido pelo departamento pedagógico da escola. Estimulada a decorar diálogos e exercícios de repetição com a pronúncia e a entoação recomendadas pelos encarregados de meu aprendizado, comecei a ter, pela primeira vez, um contato maior com inglês oral. Nessa posição de aluna/professora, comecei a aperfeiçoar meu inglês falado e a aprender a enfrentar, com responsabilidade, os diversos grupos de alunos que assumira. Apesar de pouco criativa, já que dependia apenas de dominar e ensinar, no estilo rígido adotado, os textos dos livros escritos pela escola, a experiência foi positiva o suficiente para me sentir segura a respeito da opção profissional.

Depois de 1970, achei que deveria buscar outros desafios e iniciei uma série de empregos informais, sem registro em carteira, em cursos supletivos e pré-vestibulares, nos quais dei aulas de inglês e português a alunos de todas as idades. Minha meta, como a da maioria de meus colegas de faculdade, era encontrar um colégio estadual onde pudesse, finalmente, iniciar minha carreira no magistério e ter alunos dos cursos ginásial e colegial.

Apenas no quarto ano da faculdade, consegui um emprego como professora substituta de inglês e português para alunos do colegial do curso noturno do Colégio Estadual Dr. Justino Cardoso, na Parada Inglesa, em São Paulo. O desafio de ensinar língua inglesa, além de gramática e literatura brasileira, a alunos do período noturno num colégio de periferia certamente me fez reavaliar as ilusões em relação ao ensino público, alimentadas pela experiência positiva que tivera como aluna. Entretanto, o esforço e o empenho de tentar atrair o interesse daqueles alunos para as dificuldades do inglês, da gramática da língua portuguesa e para os grandes textos da literatura nacional, nos poucos meses em que estive com eles, me auxiliaram a redimensionar as implicações e os desafios da profissão que escolhera.

Ao concluir o curso de graduação, empenhei-me em procurar um emprego mais regular e estável. Num jornal, encontrei um anúncio do Colégio Equipe, em São

Paulo, que divulgava uma vaga para professor de inglês para o colegial. Prestei o concurso e consegui uma das vagas, o que me deixou muito orgulhosa e preocupada, particularmente quando soube que teria que substituir Stella Tagnin a quem conhecera, como professora, na época em que estudara no cursinho Equipe.

A experiência como professora do colegial do Equipe, de fevereiro de 1973 a junho de 1975, foi muito enriquecedora. Diferentemente dos alunos da periferia, os alunos do Equipe eram de classe média alta e, em geral, filhos da elite intelectual da época. O desafio de planejar aulas de inglês e material compatível que pudessem integrar o estudo da língua aos diversos objetivos e conteúdos das outras disciplinas, sobretudo daquelas pertencentes ao núcleo artístico (teatro, cinema, fotografia, artes plásticas), era estimulante e um pouco assustador já que a maioria de meus alunos estudava, ou já havia estudado, em escolas de inglês. Alguns deles haviam vivido no exterior por algum tempo. Quase todos já haviam viajado para países de língua inglesa e todos, sem exceção, tinham acesso a livros e discos em inglês. O contato com esses alunos privilegiados me obrigava a tentar melhorar o meu inglês e a pensar em formas de estudar fora do país.

Alguns anos depois, entre fevereiro de 1978 e junho de 1979, tendo concluído o mestrado na Inglaterra, voltei ao Colégio Equipe para aulas no curso colegial e no supletivo.

2. Cursos de Graduação no Ensino Superior

2.1. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, março de 1978 a julho de 1979; agosto de 1984 a junho de 1988.

Depois da conclusão do mestrado, a primeira experiência didática que tive num curso universitário foi na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. A partir do início do ano letivo de 1978 até julho de 1979, integrei o Departamento de Inglês da

PUC-SP como “professora assistente-mestre”, onde fui responsável pelas seguintes disciplinas: “Prática de Tradução”, “Análise Contrastiva Português-Inglês”, “Redação”. Atuei também como coordenadora do estágio em tradução e me tornei responsável pela organização e gestão do Centro de Tradução, uma tentativa da universidade de fornecer estágio a seus próprios alunos e serviços de tradução à comunidade.

Apesar da variedade das disciplinas e do número de aulas por semana, nunca inferior a 16, essa primeira experiência no terceiro grau foi positiva, constituindo um estímulo importante para que tentasse prosseguir os estudos e permanecer na universidade também como docente. O contato com alunos de bom nível, a maioria deles bastante motivados, tornava o trabalho docente relativamente fácil.

As aulas de prática de tradução, a coordenação do estágio e do centro de tradução, que constituíam a base de minha atuação na PUC-SP nessa época, me mostravam que, apesar do mestrado na área concluído na Inglaterra e apesar de alguma experiência como tradutora, havia uma necessidade premente de aprofundar minha reflexão. Como já mencionei acima, incomodava-me o fato de não ter respostas definitivas sobre o que deveria ser uma tradução adequada. Incomodava-me o fato de que tinha que contar, muitas vezes, apenas com o que parecia ser pura “intuição”. Além disso, não encontrava o tipo de resposta que procurava nos poucos textos publicados no Brasil sobre os mecanismos da tradução e os “deveres” do tradutor.

O pouco tempo que tive, nessa primeira fase de trabalho junto à PUC-SP, foi suficiente para o estabelecimento de alguns laços de amizade e parcerias acadêmicas frutíferas com colegas do Departamento de Inglês e de Linguística, entre os quais destaco Kanavillil Rajagopalan, John R. Schmitz, Maurice Broughton, Leila Darin, Marisis Camargo, Leila Bárbara e Lynn Mario.

Numa segunda etapa, depois da conclusão do doutorado nos Estados Unidos, reassumi, em agosto de 1984, meu emprego junto ao Departamento de Inglês da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, agora como professora contratada na categoria de “assistente-doutor”, tendo permanecido no cargo até julho de 1988. Nesse período, fui responsável pelas seguintes disciplinas: “Prática de Tradução”, “Teoria de

Tradução" (junto ao Departamento de Lingüística), "Oficina de Tradução Literária", "Literatura Norte-Americana", "Literatura Inglesa", "Leitura Intensiva", "Prática Oral", "Leitura Extensiva".

Novamente, apesar da carga horária pesada e da variedade de disciplinas oferecidas, tenho boas recordações dos alunos e colegas da PUC-SP, onde tive a oportunidade de iniciar, formalmente, minhas pesquisas na área de tradução no Brasil, com o apoio de auxílios acadêmicos específicos.

Nessa fase de minha carreira docente, a principal meta que norteou as disciplinas de graduação oferecidas na PUC-SP foi a ênfase no estudo da linguagem como um instrumento para a reflexão. Essa abordagem envolveu também as disciplinas mais voltadas para o aprendizado do inglês e para a leitura de textos avançados nessa língua, como o estudo das literaturas inglesa e norte-americana, ou da teoria de tradução, o que sempre me pareceu perfeitamente possível, apesar das dificuldades lingüísticas dos alunos menos avançados. Mesmo nas disciplinas de cunho mais pragmático como "Prática Oral" e naquelas dedicadas à prática de tradução, sempre tentei, até mesmo com certa obstinação, encorajar a reflexão e o debate entre os alunos.

Na PUC-SP, tive a oportunidade e o prazer de estimular vários alunos e alguns colegas (entre os quais, Leila Darin, Lynn Mário Menezes, John Milton e Mário Ultimati) a prosseguir seus estudos e a freqüentar disciplinas de pós-graduação sob minha responsabilidade junto ao Instituto de Estudos da Linguagem, na UNICAMP. Entre esses, duas alunas da graduação da PUC-SP – Giana G. Gianni e Telma Nóbrega -- concluíram seus mestrados sob minha orientação na UNICAMP, sendo que a primeira delas atualmente escreve sua tese de doutorado, também sob minha orientação, junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada do IEL.

2.2. Departamento de Línguas Românicas, Universidade Johns Hopkins, de setembro de 1983 a maio de 1984.

Meus dois últimos semestres na Universidade Johns Hopkins me propiciaram também uma experiência como *teaching assistant* nas áreas de espanhol e de português como línguas estrangeiras. Um dos requisitos para a obtenção do *Ph. D.* envolvia uma experiência didática na própria universidade e, assim, tive que abrir mão de parte da bolsa Fulbright que recebia para assumir aulas de língua espanhola e língua portuguesa para alunos de graduação, sob a responsabilidade do Departamento de Línguas Românicas.

A experiência me lembrou os tempos de professora de inglês no Instituto Yázigi em São Paulo, em que apenas tinha que seguir um livro didático não muito criativo e aplicar os exercícios previstos. Esse tipo de ensino, sem muito tempo e espaço para quase nada além de um uso bastante artificial da língua, aumentava meu desejo de poder participar de um projeto docente dentro da universidade que pudesse despertar o interesse dos alunos pela reflexão e pela leitura.

2.3. Graduação, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP

Imediatamente após a conclusão do doutorado nos Estados Unidos, em junho de 1984, recebi um convite da Professora Angela Kleiman, do Departamento de Lingüística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas, para visitar o Instituto de Estudos da Linguagem e apresentar uma palestra. O Departamento de Lingüística Aplicada tinha como projeto um programa de pós-graduação que incluía os estudos da tradução como uma de suas áreas de concentração. A oportunidade de participar de um programa de pós-graduação e a reputação do IEL como centro de pesquisa me animaram a aceitar imediatamente o convite para integrar o departamento, apesar da distância.

Em agosto de 1984, assumi o cargo de professora MS-3, em horário parcial (RTC), junto ao Departamento de Lingüística Aplicada do IEL. Em junho de 1988, obtive promoção por mérito para o nível MS-4 e, a partir de agosto do mesmo ano,

passsei a trabalhar na UNICAMP em regime de tempo integral, com dedicação exclusiva ao ensino e pesquisa (RDIDP). Em março de 1995, obtive promoção por mérito para o nível MS-5.

O interesse explícito do Departamento em minha contratação apontava para o desafio de desenvolver a área de concentração em tradução junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada que já se delineava pelo menos como projeto. Enquanto esse projeto não se implementou, minhas atividades didáticas no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP se concentraram na disciplina Tradução Inglês-Português para os alunos de graduação do Instituto, além de algumas disciplinas junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística (como Tópicos em Análise do Discurso e Pragmática), algumas delas em colaboração com os colegas Fernando Tarallo e Kanavillil Rajagopalan.

Diferentemente dos alunos da área de tradução do Departamento de Inglês da PUC-SP, cuja opção profissional de certa forma auxiliava a estimular o interesse nas discussões e exercícios propostos em aula, os alunos que tenho encontrado através da disciplina Tradução Inglês-Português no IEL, acessível a todos os alunos da universidade que tenham concluído outras disciplinas da área de língua inglesa, têm, em primeiro lugar, um interesse em aprimorar, ou aumentar seus conhecimentos de inglês. Meu desafio tem sido precisamente mostrar a esses alunos que traduzir envolve muito mais do que o aprendizado das línguas envolvidas. Tenho tentado despertar seu interesse pelas implicações culturais e éticas do ato tradutório, relacionando-o à própria escritura de "originais", por exemplo.

Junto ao curso de graduação do IEL, recentemente foi possível implementar outra disciplina eletiva na área de tradução, "Introdução aos Estudos da Tradução", que pude ministrar no primeiro semestre de 2000. Meu objetivo nessa disciplina, diretamente ligada à minha área de pesquisa, tem sido não apenas a divulgação da área, ainda pouco conhecida entre os alunos de cursos de letras em geral, mas, também, a associação de sua problemática e das questões às quais se dedica a outras disciplinas,

como a lingüística e a teoria literária, com as quais esses alunos se encontram mais familiarizados.

A médio prazo, tenho como objetivo o estabelecimento de uma ponte mais estável entre a graduação e a pós-graduação do IEL para os estudos da tradução, através do fortalecimento dessas disciplinas eletivas.

Minha atuação junto à graduação do IEL tem se dado também de forma indireta, através de palestras sobre os estudos da tradução e suas interfaces, que tenho apresentado a alunos de outras disciplinas, a convite de colegas, entre os quais destaco Marisa Lajolo, Berta Waldman e Carmen Zink.

Creio ser pertinente mencionar que minha contribuição mais relevante para os cursos de graduação na área de letras em geral talvez seja o livro *Oficina de Tradução – A Teoria na Prática* (São Paulo, Ática 1986, 1992, 1997 e 1999), que tem sido amplamente utilizado em todo o país como parte da bibliografia básica e até mesmo como livro didático em cursos de letras voltados para o bacharelado em tradução.

3. Experiência Docente junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada

Antes da implementação do mestrado em Lingüística Aplicada, iniciei minha experiência como docente em disciplinas de pós-graduação junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da UNICAMP. A partir de 1985, ofereci algumas disciplinas formalmente associadas às áreas de análise do discurso e pragmática (focalizando, por exemplo, “Teorias Textuais Contemporâneas: a Desconstrução, o Pós-Estruturalismo e Seus Oponentes”; “A Oposição entre o Literal e o Metafórico”, em colaboração com Kanavillil Rajagopalan; e “Introdução aos Estudos da Tradução”, em colaboração com Fernando Tarallo).

Desde as primeiras disciplinas oferecidas, percebi que a docência em programas de pós-graduação, nas condições quase ideais oferecidas pela UNICAMP,

me proporcionaria a experiência didática mais satisfatória que já tivera. Entre essas condições, devo mencionar, por exemplo, a possibilidade de classes pequenas, a possibilidade de aulas em colaboração com colegas, a liberdade real de escolha de tópico e bibliografia, o bom nível dos alunos, a disposição geral para a discussão e para a pesquisa.

Alguns de meus dias mais memoráveis como docente no IEL, por exemplo, foram aqueles passados ao lado do Fernando, em classe, num debate acirrado, em que cada um de nós ardorosamente defendia seus próprios pontos de vista sobre tradução para um pequeno grupo de alunos, atônitos diante da possibilidade de exposição a professores com idéias tão opostas. A possibilidade de um espaço para esse diálogo, tão salutar num curso de pós-graduação, estimulava não apenas os alunos ao debate e à reflexão, mas me ajudou muito a amadurecer minha própria reflexão e a aguçar meu interesse, já grande, pelas questões levantadas. Além disso, a possibilidade desse espaço e desse diálogo nos mostrava como era perfeitamente possível incluir a camaradagem, o respeito pelo outro e por suas idéias, a amizade e a admiração numa discussão acadêmica responsável e proveitosa. A colaboração com Kanavillil Rajagopalan, embora diferente, já que ambos encarávamos as questões abordadas a partir de perspectivas semelhantes, também foi um dos pontos altos de minha experiência docente no IEL.

A possibilidade de desenhar parte de um programa de pós-graduação foi outra oportunidade que essa docência me trouxe quando pude participar do planejamento das disciplinas da área de concentração em tradução que viriam a integrar o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, cujo mestrado foi implementado em 1986, e o doutorado, em 1993. Desde então, tenho me dedicado quase exclusivamente às disciplinas da área: “Introdução aos Problemas Teóricos da Tradução”, “Introdução aos Estudos da Tradução”, “Teorias de Tradução”, “Tópicos em Tradução”, “Seminário Avançado em Tradução”. Além dessas, ofereci também disciplinas associadas a outras áreas, como “Teorias Gramaticais e Gramáticas Pedagógicas”, “Tópicos em Língua Materna”, com abordagens de interesse para os alunos das áreas

de leitura e tradução. Outras disciplinas oferecidas foram “Estudo Dirigido em Lingüística Aplicada”, “Practicum”, “Dissertação de Mestrado”, “Dissertação de Doutorado”.

Minha docência tem sido pautada pela tentativa de despertar no aluno a inquietação intelectual necessária para a realização de qualquer trabalho de pesquisa e, sobretudo, pelo esforço de desenvolver, nesse aluno, o gosto pelo trabalho acadêmico rigoroso e responsável.

4. Experiência Docente em Cursos de Extensão e Especialização

Como docente convidada, tenho participado de diversos cursos de extensão e especialização universitária dedicados aos estudos da tradução oferecidos pelas seguintes instituições: Universidade Federal de Ouro Preto (campus de Mariana), Minas Gerais (1987); Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (1990), Universidade Federal da Bahia, Salvador (1992, 1995, 1997); Universidade Federal do Paraná, Curitiba (1992); PUC-SP (1995, 1997); Universidade de São Paulo (1996, 2000); Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais (1999).

Minha participação nesses cursos tem sido inspirada sobretudo pela meta de divulgação dos estudos da tradução enquanto área de pesquisa que merece espaço demarcado nas instituições de ensino superior.

Em 1993, a convite da Professora Marisis Camargo, elaborei um projeto de curso de pós-graduação “*lato sensu*” na área de tradução para a PUC-SP. Em 1995, o projeto pode finalmente ser implementado e contou com a colaboração de colegas da PUC e da UNICAMP, como Leila Darin, Paulo R. Ottoni e K. Rajagopalan. Entre os docentes convidados para as diversas disciplinas, incluímos ainda quase todos os alunos que haviam concluído seus mestrados em tradução junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada da UNICAMP. Embora tenha atraído diversos alunos, o curso não pode ser repetido devido a questões orçamentárias da instituição.

Entretanto, creio ter sido uma experiência positiva não apenas para os docentes convidados, vários deles pela primeira vez tendo a oportunidade de participar de uma experiência nesse nível mas, também, para os alunos do curso, sendo que alguns deles continuaram seus estudos na UNICAMP.

Em 1999, elaborei um projeto de disciplina de extensão, “Oficina de Tradução”, junto ao IEL, UNICAMP, que estaria sob minha responsabilidade em colaboração com Paulo Sampaio Xavier de Oliveira, docente do Centro de Ensino de Línguas do IEL que, na época, havia concluído seu doutorado na área sob minha orientação. Embora essa disciplina ainda não tenha sido oferecida, a extensão é, sem dúvida, a próxima área docente que pretendo associar aos estudos da tradução e a auxiliar a implementar no Instituto.

V. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO TRADUTORA

Minha experiência profissional como tradutora tem sido constante, apesar de esporádica. Iniciou-se durante o período em que morei na Inglaterra para a realização do mestrado. Trabalhei, em regime de *free-lance*, para a Comissão Brasileira de Aeronáutica em Londres, Inglaterra, de janeiro a novembro de 1976, realizando versões para o inglês e para o espanhol de materiais de divulgação. Assumia esses trabalhos de versão desde que pudesse contar com colegas, falantes nativos de inglês e de espanhol, para a revisão.

Entre janeiro de 1977 e junho de 1978 trabalhei como tradutora (inglês-português) para uma empresa de casas pré-fabricadas em São Paulo, onde era responsável pela tradução e versão de manuais técnicos e cartas comerciais.

Durante o período em que estudei na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore, nos Estados Unidos, trabalhei como tradutora e revisora (sempre do inglês para o português), em regime de *free-lance*, para a publicação *Population Reports*, do

Population Information Program da Universidade Johns Hopkins, de junho de 1981 a maio de 1984.

Esporadicamente, quando as outras atividades permitem, tenho aceitado trabalhos de tradução e versão de textos jornalísticos e de divulgação, também em regime de *free-lance*.

Essas experiências profissionais, em países diferentes, foram (e têm sido) importantes não apenas para o desenvolvimento das aulas de prática de tradução que ministrei junto à PUC-SP, e que ainda ministro junto ao programa de graduação da UNICAMP, como para o desenvolvimento de meu trabalho de pesquisa que, apesar de concentrado em teoria de tradução, sempre procura levar em conta a perspectiva da prática.

Um dos planos para o futuro é a possibilidade de uma dedicação mais direta à atividade prática da tradução, sobretudo de textos literários e acadêmicos. Gostaria muito de poder retomar a experiência que tive na Inglaterra, por exemplo, quando preparava minha tese de mestrado, dedicada à versão de poemas que eu mesma havia selecionado.

VI. DESENVOLVIMENTO E DIVULGAÇÃO DE PESQUISA

Após a conclusão do doutorado nos Estados Unidos e a volta ao Brasil, meu primeiro desafio profissional foi a tentativa de compatibilizar o tipo de trabalho acadêmico que havia começado a desenvolver no ambiente tão propício da Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, com as diversas disciplinas ministradas junto ao curso de graduação do Departamento de Inglês da PUC-SP e com as aulas assumidas junto ao Departamento de Linguística Aplicada do IEL, UNICAMP.

Nessas duas instituições, minha missão principal se atrelava ao trabalho na área da tradução, que havia iniciado por ocasião do mestrado na Inglaterra e que havia sido a área à qual se associava meu nome tanto na PUC-SP quanto na UNICAMP. Como foi sugerido acima, o tipo de pesquisa que acabei desenvolvendo durante o doutorado nos Estados Unidos havia tomado outros rumos, concentrando-se sobretudo em teorias críticas contemporâneas (*"critical theory"*, no jargão acadêmico anglo-americano), literatura comparada e literatura hispano-americana.

Entretanto, assim que voltei ao país, antes mesmo de começar a dar aulas no segundo semestre de 1984, fui convidada por Fernando Tarallo a apresentar uma palestra a seus alunos de especialização em tradução da Faculdade Ibero-Americana em São Paulo no final do primeiro semestre. Apresentei uma discussão acerca de um poema muito especial de Carlos Drummond de Andrade, intitulado "Áporo" (cf. *Obra Completa*, org. de Afrânio Coutinho, Rio de Janeiro, Aguilar, 1967, p. 154), e as implicações da interpretação proposta para a tradução do poema para o inglês, questão que havia me atraído durante a realização do mestrado em Essex. Entre os alunos, os mais interessados viriam a se tornar pesquisadores conhecidos na área (Cristina Carneiro Rodrigues, João Azenha Jr., Álvaro Hattner, Adauri Brezolin). A receptividade dos alunos e do Fernando e as questões levantadas após a palestra que nos levaram, ao Fernando e a mim e a vários dos alunos, a uma discussão que continuou por muito tempo num bar próximo, me mostraram que havia um espaço real a ser ocupado por uma área de pesquisa ainda praticamente incipiente e sem lugar definido na universidade.

Imediatamente passei a tentar transferir para a tradução o tipo de reflexão que havia começado a desenvolver durante os estudos do doutorado. Num projeto de pesquisa patrocinado pelo Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, "Prática e Ensino de Tradução: Contribuições da Teoria Literária", tive como meta a tentativa de incorporar o viés crítico das teorias textuais associadas ao pós-estruturalismo à reflexão sobre a linguagem e a tradução que predominantemente se praticava, ainda

que de forma marginal, junto aos departamentos de lingüística e de teoria literária de nossas universidades.

As bases desse projeto e da pesquisa sobre tradução que viria a desenvolver a partir dele se concentraram sobretudo em algumas noções fundamentais do pensamento pós-estruturalista que reavaliam as concepções tradicionais de texto e de literalidade: o texto como produto direto da leitura, ou interpretação, de um leitor e, conseqüentemente, o papel eminentemente ativo do leitor/intérprete e, implicitamente, também do tradutor na produção de qualquer leitura, interpretação, ou tradução. A noção tradicional do texto visto como envólucro protetor de significados estáveis que poderiam ser classificados, objetivamente, como “literários”, ou “não-literários”, passa a ser revista, com base em teóricos exemplares do pós-estruturalismo como Jacques Derrida (cf., por exemplo, *Positions* [Chicago, *The University of Chicago Press*, 1978]; *Gramatologia* [São Paulo, Perspectiva, 1973]; *Writing and Difference* [Chicago, *The University of Chicago Press*, 1978]; *Dissemination* [Chicago, *The University of Chicago Press*, 1981]); Roland Barthes (cf., por exemplo, “From Work to Text” in J. Harari [ed.], *Textual Strategies – Perspectives in Poststructuralist Criticism* [Ithaca, *Cornell University Press*, 1979]); e Michel Foucault (*The Order of Things – An Archaeology of the Human Sciences* [Nova York, Pantheon, 1972]). Sobretudo nessa fase inicial, o livro *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities* (Cambridge, Harvard University Press, 1980), de Stanley Fish, que havia sido meu professor em Johns Hopkins, foi importante em minha tentativa de propor uma nova perspectiva para os estudos da tradução.

À luz da reflexão anti-essencialista proposta pelo pós-estruturalismo, me empenhei em rever os principais textos sobre teoria de tradução, principalmente aqueles associados às tentativas de adotar a lingüística como paradigma básico: J. C. Catford (*A Linguistic Theory of Translation – An essay in Applied Linguistics*, Oxford, *Oxford University Press*, 1965); E. Nida (*Language Structure and Translation*, Stanford, *Stanford University Press*, 1975) e G. Mounin (*Les Problèmes Théoriques de la Traduction*, Paris, *Editions Gallimard*, 1963). Além desses, foram relidos, nessa

primeira fase, os principais textos sobre tradução publicados no Brasil e no exterior, sobretudo a partir dos anos 1960. Entre esses, incluíram-se, por exemplo, S. Bassnett (*Translation Studies*, Londres e Nova York, Methuen, 1980); R. Brower (ed.) (*On Translation*, Cambridge, Harvard University Press, 1959); G. Steiner (*After Babel – Aspects of Language and Translation*, Oxford, Oxford University Press, 1975); P. Rónai (*A Tradução Vivida*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1981); E. Theodor (*Tradução – Ofício e Arte*, São Paulo, Editora Cultrix, 1983); M. G. Rose, (ed.) (*Translation Spectrum – Essays in Theory and Practice*, Albany, State University of New York Press, 1981); G. Campos (*Como Fazer Tradução*, Petrópolis, Vozes, 1986); W. Wills (*The Science of Translation: Problems and Methods*, Tübingen, Gunter Narr 1982); V. G. Yebra (*Teoría y práctica de la traducción*, Madri, Gredos, 1982).

Creio que a tarefa mais importante desse primeiro projeto de pesquisa, que inaugurou as bases teóricas e ideológicas dos projetos desenvolvidos posteriormente, foi o estabelecimento de uma oposição entre as teorias tradicionais de tradução – que partem da concepção do ato tradutório como uma transferência idealmente neutra de significados estáveis de um texto para outro – e uma abordagem desconstrutivista, pós-estruturalista, para a qual traduzir seria necessariamente transformar. Como sugere Jacques Derrida, “a noção de tradução teria que ser substituída pela noção de transformação: uma transformação regulada de uma língua em outra, de um texto em outro” (*Positions*, 1978, p. 20, minha tradução do inglês).

Como defendi em diversos trabalhos, uma das principais contribuições desse primeiro projeto foi a conclusão de que a grande maioria das teorias de tradução consagradas e divulgadas falha exatamente por não aceitar, de forma explícita ou implícita, os aspectos humanos inerentes a toda tradução: sua finitude, seus vieses, os reflexos do tradutor e suas circunstâncias. Ao propor que se considere a tradução como uma forma de transformação textual, dependente das circunstâncias de sua realização e de seu realizador, a perspectiva pós-estruturalista oferece uma saída para os descompassos entre teoria e prática que sempre acompanharam (e marginalizaram) os estudos da área. Além das bases da reflexão que venho desenvolvendo até hoje, esse

primeiro projeto trouxe também a possibilidade do estabelecimento de uma parceria fértil e intrigante entre os textos de Derrida e dos outros autores pós-estruturalistas lidos e a obra de Jorge Luís Borges, parceria essa que até hoje me ensina muito sobre textos, autores, tradutores e leitores.

Logo após o desenvolvimento desse primeiro projeto de pesquisa, iniciei uma espécie de “cruzada” acadêmica em prol da divulgação da pesquisa na área e de sua importância no contexto dos cursos de letras, visitando diversos programas de graduação que contemplavam a tradução como área de estudo. No estado de São Paulo, coordenei mesas-redondas e grupos de trabalho, envolvendo sobretudo os meus alunos de pós-graduação da UNICAMP, junto ao GEL (Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo). Numa etapa posterior, sobretudo entre 1989 e 1992, meus esforços de coordenadora do GT se concentraram na organização de GTs regionais que passaram a reunir professores e alunos envolvidos com tradução nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, que já contavam com algum espaço institucional aberto a essa área de pesquisa. Nesses anos, houve não apenas um crescimento do interesse pela pesquisa na área mas, também, a organização de vários eventos regionais que puderam divulgar e estimular esse tipo de trabalho. Em 1992, participei da fundação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Tradução, descendente direta do GT de Tradução de São Paulo, filiado à ANPOLL, e atuei como vice-presidente até setembro de 1993.

A partir desses primeiros esforços, as questões associadas à teoria, ao ensino e à prática de tradução têm ocupado o centro de minhas pesquisas desenvolvidas em vários projetos que, a partir de 1989, têm contado com o patrocínio do CNPq: "A Questão da Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática: Uma Revisão Crítica das Principais Tendências dos Estudos e do Ensino de Tradução Divulgadas no Brasil"; "Tradução, Desconstrução e Psicanálise: Intersecções e Perspectivas"; "A Teoria na Prática: Uma Proposta de Modelo Didático para as Disciplinas Práticas em Cursos de Bacharelado em Tradução"; "Algumas Relações entre a Reflexão sobre a Linguagem no Pós-Modernismo e a Mudança de Paradigma nos Estudos sobre Tradução a partir

da Década de 1980"; "O Reconhecimento da Visibilidade do Tradutor na Pós-Modernidade, Suas Consequências e Implicações Políticas e o Desafio da Formulação de Uma Nova Ética para a Relação Tradução/Original"; "O Tratamento Conferido à Figura do Tradutor e a Relação entre Teoria e Prática nos 'Estudos da Tradução': Uma Reflexão sobre Assimetria e Ética"; e "Controle, Prescritivismo e a Ameaça de Babel: A Resistência à Interferência Autoral do Tradutor, na Teoria, no Ensino e na Ficção". Além desses, um projeto especial, intitulado "Sobre Escritura e Gêneros: Implicações para a Teoria e a Prática de Tradução", foi desenvolvido, com o apoio da CAPES, durante um estágio de pós-doutorado realizado junto ao Departamento de Literatura Comparada da Universidade de Yale, nos Estados Unidos, entre outubro de 1993 e setembro de 1994.

Esses projetos têm se dividido basicamente entre duas tarefas principais: rever o pensamento dominante sobre tradução à luz da reflexão pós-estruturalista e pós-moderna e propor uma redefinição da tradução, do trabalho tradutório e da formação dos profissionais da área à luz dessa reflexão. Em meus trabalhos, tenho tentado explorar os vários aspectos e as inúmeras consequências da concepção básica de tradução enquanto transformação e, portanto, da interferência inevitável do tradutor no texto traduzido.

Alguns teóricos contemporâneos, direta ou indiretamente associados a alguma tendência do pensamento pós-estruturalista, ou pós-moderno, têm tratado dessa interferência, em diferentes termos. André Lefevere, por exemplo, propõe a noção de "manipulação" (cf. *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame*, Londres e Nova York, Routledge, 1992); Lawrence Venuti explora a "violência" da (in)visibilidade do tradutor (cf. *The Translator's Invisibility – A History of Translation*. Nova York e Londres, Routledge, 1994); Stephen David Ross aborda a tradução como forma de "transgressão" (cf. "Translation as Transgression", *Translation Perspectives V*, Center for Research in Translation, State University of New York at Binghamton, 1990, pp. 25-42); e Philip E. Lewis, no conhecido ensaio "The Measure of Translation Effects", (*Difference in Translation*, Joseph F. Graham,

ed., Ithaca e Londres, *Cornell University Press*, 1985, pp. 31-62), propõe um tipo de fidelidade “abusiva”. Diferentemente dessas abordagens que, em maior ou menor grau, ainda autorizam a possibilidade de uma tradução de alguma forma “neutra” e “não-interferente”, minha reflexão tem insistido na impossibilidade teórica e prática de qualquer trabalho textual que transcenda as circunstâncias e os interesses daqueles que realizam tal trabalho, quer sejam tradutores, leitores, ou autores.

Ao mesmo tempo, tenho insistido na necessidade de se refletir sobre questões relacionadas à ética do trabalho tradutório, fundamentais sobretudo quando se pensa a tradução como uma forma de transformação textual regulada pelas circunstâncias do tradutor. Diferentemente do que concluem alguns em relação ao tipo de abordagem que tenho proposto, a perspectiva pós-estruturalista de forma alguma “libera” o tradutor de seu compromisso de “fidelidade” ao original. O que essa perspectiva tem a dizer ao tradutor é, em síntese, que como não poderá deixar de ser visível e interferente no texto traduzido, terá que aguçar até o limite do possível sua consciência autoral ao realizar qualquer tradução, por mais simples e despretensiosa que seja. Terá, em suma, que assumir total responsabilidade por suas escolhas e supostas “fidelidades” e “infidelidades”.

Nessa linha, sempre perseguindo as relações complexas que se têm estabelecido entre tradutores e traduções, tradutores e originais, tradutores e autores, tenho explorado intersecções entre algumas áreas de pesquisa, direta ou indiretamente associadas à reflexão anti-essencialista contemporânea, como a psicanálise, os estudos do gênero e do pós-colonialismo, numa tentativa não apenas de compreender os mecanismos das relações mencionadas e de ampliar os horizontes dos estudos da tradução, mas também de explorar a exemplaridade do trabalho tradutório como questão lingüística fundamental e imbricada com a psicologia e a ideologia dos sujeitos e contextos envolvidos. Através desses projetos, tenho auxiliado a abrir novas frentes de pesquisa para a área e a incorporar aos estudos da tradução textos importantes do pensamento contemporâneo.

Ao investigar algumas possibilidades de interface entre tradução e psicanálise, por exemplo, interface praticamente inexplorada na área, que pude desenvolver principalmente graças a um estágio de pesquisa bibliográfica de dois meses junto ao Centro de Pesquisa em Tradução da Universidade de Binghamton (Nova York, Estados Unidos), no final de 1991, creio ter conseguido chamar atenção para o importante (e inescapável) papel da psicologia do tradutor para o trabalho que realiza. Ao explorar, à luz da psicanálise, as relações exemplares entre tradutor e texto, tradutor e autor, tradutor e leitor, creio ter colaborado para o aprofundamento das inúmeras questões envolvidas naquilo que geralmente se rotula de “fidelidade”, ou de “respeito” ao original. Além disso, tenho mostrado como, através do exame das traduções e de suas motivações, podemos compreender melhor a própria constituição da psicanálise enquanto terapia e área do conhecimento nos diversos países em que se estabeleceu (cf., por exemplo, “Laplanche Traduz o Pai da Psicanálise: As principais Cenas de um Romance Familiar”, *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1993, pp. 35-50).

O exame da interface entre os estudos da tradução e do gênero, realizado sobretudo durante o estágio de pós-doutorado em Yale, me trouxe a oportunidade de explorar a questão das “diferenças” no processo de tradução, abordando, desta vez, aquelas que poderiam ser atribuídas ao gênero, enquanto produto de condicionamentos sócio-culturais e históricos. Essa auspiciosa intersecção entre os estudos da tradução e os estudos do gênero me permitiu aprofundar algumas reflexões já desenvolvidas nessas áreas em relação a questões fundamentais sobre linguagem, autoria, autoridade, interpretação e política, como também identificar os preconceitos mais freqüentes que visitam tanto a teorização sobre tradução associada ao essencialismo, como as reflexões sobre relações textuais que ignoram diferenças relativas ao gênero.

Como explica Lia Zanotta Machado, a noção de gênero “aponta para o caráter implicitamente relacional do feminino e do masculino” e está ligada à idéia de “diferença e à idéia de desconstrução, tão caras ao pós-estruturalismo francês e depois ao pós-modernismo, especialmente como proposto pela academia anglo-saxônica”

("Introdução", *Uma Questão de Gênero*, organizado por Albertina Oliveira Costa e Cristina Bruschini, Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos e Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 9). Como lembra Heloísa Buarque de Hollanda, têm sido fundamentais para os estudos contemporâneos sobre a mulher "as noções de marginalidade, alteridade e diferença", que "começam a entrar em cena como temas centrais do debate acadêmico, através dos trabalhos dos filósofos franceses pós-estruturalistas como Foucault, Deleuze, Derrida e Kristeva" ("Os Estudos sobre Mulher e Literatura no Brasil: Uma Primeira Avaliação", in Oliveira Costa e Bruschini 1992, p. 55). Essa "compatibilidade" entre os estudos do gênero e os estudos da tradução de vocação pós-estruturalista tornou a exploração de sua interface uma área fértil de pesquisa, tendo produzido diversos trabalhos.

Os trabalhos que desenvolvi nessa área se destacaram, principalmente, por uma visão crítica das propostas desenvolvidas pelas teóricas e tradutoras associadas aos estudos da tradução feministas, como S. Bassnett ("*Writing in No Man's Land: Questions of Gender and Translation*". *Ilha do Desterro*, nº 28, 2º semestre, 1992, Florianópolis, pp. 63-74); L. Chamberlain ("*Gender and the Metaphorics of Translation*". *Signs*, 13, Spring, pp. 454-472); S. J. Levine ("*Translation as (Sub)Version: On Translating Infante's Inferno*". *Sub-stance*, 42, 1991, pp. 85-93). Em "*Fidelity and the Gendered Translation*" (*TTR -- Traduction, Terminologie, Rédaction -- Études sur le texte et ses transformations*, vol. VII, nº 2, 2^{ième} semestre 1994, Association Canadienne de Traductologie, pp. 147- 163), por exemplo, tento mostrar como grande parte dessa teorização declaradamente feminista parece repetir alguma versão do mesmo pressuposto essencialista que nos obriga a tratar originais e traduções de forma diferente. Ou seja, a grande maioria daquelas que defendem uma estratégia feminista de tradução tenta escamotear a intervenção consciente e política da tradutora sobre os textos que traduz com uma noção tradicional de fidelidade ao original. Como tentei mostrar, na medida em que disfarçam a intervenção consciente da tradutora nos textos que traduz sob a máscara de alguma versão "estável" do original que explicitamente desconstrói, as teóricas e tradutoras associadas ao

feminismo acabam por mostrar que não levam realmente a sério suas próprias conclusões, correndo o risco desnecessário de prejudicar a integridade e a coerência de seu trabalho.

Tanto minhas incursões pelos caminhos da psicanálise como as pesquisas sobre os estudos do gênero me levaram de volta à análise de textos literários. À luz do projeto que explorou a interface entre psicanálise e tradução, voltei a reler textos de Borges e o *Dom Quixote*, de Cervantes, que haviam sido objetos de minha tese de doutorado (cf., por exemplo, o ensaio “A Tradução e o Flagrante da Transferência: Algumas Aventuras Textuais com Dom Quixote e Pierre Menard” [*Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rio de Janeiro, Imago, 1993, pp. 151-176]). O estudo das teorias do gênero me levou à obra de Hélène Cixous e, através de Cixous, à redescoberta de Clarice Lispector. O exame da relação peculiar que a pensadora feminista francesa tem estabelecido com a obra de Lispector, à qual atribui uma importância apenas comparável à de Kafka e à de Joyce, foi objeto de várias palestras e é o tema central de um de meus ensaios favoritos, “*Interpretation as Possessive Love: Hélène Cixous, Clarice Lispector, and the Ambivalence of Fidelity*”, publicado numa coletânea organizada por S. Bassnett e H. Trivedi (*Postcolonial Translation – Theory and Practice*. Routledge, Nova York e Londres, 1999, pp. 141-161).

Na esteira dessas leituras, tenho me dedicado ao exame de diversos textos literários que, direta ou indiretamente, tematizam a tradução, a leitura, ou a revisão de textos, como parte do projeto que atualmente desenvolvo com o apoio de uma bolsa de produtividade concedida pelo CNPq: “Controle, Prescritivismo e a Ameaça de Babel: A Resistência à Interferência Autoral do Tradutor na Teoria, no Ensino e na Ficção”. Entre os textos selecionados para análise, destaco o conto “O Tradutor Cleptomaniaco”, do húngaro Dezső Kosztolányi (*O Tradutor Cleptomaniaco e Outras Histórias de Kornél Esti*, trad. de Ladislao Szabo, São Paulo, Editora 34, 1996, pp. 7-10); “*The Oval Portrait*” e “*The Gold Bug*”, de Edgar Allan Poe (*The Unabridged E. A. Poe*, Filadélfia, Running Press, pp. 734-738 e pp. 806-836); “*La muerte y la brújula*” e “*Funes, el memorioso*”, de Borges (*Ficciones*, Madri, Alianza Editorial, S.

A., pp. 147-164, e 121-132); *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago (São Paulo, Companhia das Letras, 1989); *Corazón tan Blanco*, de Javier Marías, (Barcelona, Editorial Anagrama, 1992); e *El traductor*, de Salvador Benesdra (Buenos Aires, Ediciones de La Flor, 1998). (Como amostras da pesquisa a que me dedico no momento, anexeï, a este documento, cópias de dois ensaios inéditos sobre alguns dos textos acima mencionados.)

Nesse projeto, que investiga as formas de tratamento dispensadas à figura do tradutor e do intérprete em textos de ficção, na teoria e no ensino, retomo ainda o interesse pela pedagogia e pela formação de tradutores que já foi objeto de outros esforços de pesquisa, entre os quais o projeto "A Teoria na Prática: Uma Proposta de Modelo Didático para as Disciplinas Práticas em Cursos de Bacharelado em Tradução", desenvolvido junto ao CNPq, entre 1992 e 1993.

Esse trabalho de pesquisa tem auxiliado a abrir e a fomentar novos campos de estudo dentro da tradução que, sobretudo a partir dos anos 1980, têm tentado se organizar como área de pesquisa com lugar devidamente demarcado na universidade, não mais às margens da lingüística ou da literatura comparada tradicionais. Como declarou Andre Lefevere, "o estudo da tradução pode ser revalorizado como uma ferramenta inestimável para a análise de problemas importantes tais como a relação entre poder e cultura (literária), a construção da imagem de uma cultura, de uma literatura, de um autor, de uma obra, em benefício (ou em detrimento) de outra cultura, as relações entre culturas dominantes e dominadas, a manipulação de textos ao serviços de ideologias e poéticas – problemas que têm ramificações para além do literário" ("*The Art of Translation – Voices from the Field [book review]*". *Comparative Literature Studies*, vol. 28, 1991, nº 1, pp. 105-109).

A relação entre o florescimento desses estudos, nesse momento histórico em especial, e o tipo de valorização da tarefa tradutória, que implícita e explicitamente se propõe nas abordagens anti-essencialistas, também mereceu um projeto de pesquisa ("Algumas Relações entre a Reflexão sobre a Linguagem no Pós-Modernismo e a

Mudança de Paradigma nos Estudos sobre Tradução a partir da Década de 1980"), patrocinado pelo CNPq e desenvolvido entre os anos de 1994 e 1996.

Paralelamente ao interesse em tradução, desenvolvi alguns trabalhos que expressaram tentativas de repensar as bases dos estudos da linguagem como um todo, formalizados, por exemplo, num projeto que concretizou a parceria com o colega Kanavillil Rajagopalan e que contou com o apoio do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-SP, "A Oposição Literal/Metafórico em Cheque – Uma Revisão dos Pressupostos em Que se Fundamentam a Lingüística, a Teoria Literária, a Semiótica e a Filosofia da Linguagem", desenvolvido entre 1987 e 1989. Outros trabalhos focalizaram um interesse na teoria e no ensino de leitura, outra área de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, que foi objeto de um projeto realizado junto ao meu departamento: "O Autor, o Leitor e o Texto Redefinidos; Contribuições do Pensamento Pós-Estruturalista para o Estudo e o Ensino da Leitura", também desenvolvido entre 1987 e 1989.

Os resultados das pesquisas realizadas têm sido divulgados em diversos textos publicados no Brasil e no exterior, não apenas em livros e em periódicos especializados mas, também, em coletâneas. Como se trata de uma área de tradição de pesquisa recente, tanto no Brasil como no exterior, a maioria das revistas especializadas na área apenas foi criada nos últimos anos. Mesmo assim, tenho tido a oportunidade de publicar ensaios em praticamente todas as revistas nacionais que se dedicam especificamente aos estudos da tradução, e em diversas revistas de prestígio no cenário internacional da pesquisa na área. Entre essas, destaco *Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*; *Tradterm – Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia da FFLCH, USP*; *Cadernos de Tradução – Revista do GT de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina*; *Ao Pé da Letra – Caderno de Tradução do Sindicato Nacional de Tradutores*; *TTR – Traduction, Terminologie, Rédaction – Études sur le texte et ses transformations*, da Universidade de Concórdia, Canadá; *Translation and Literature*, da Universidade de Edimburgo; *The Translator – Studies in Intercultural Communication*, da St. Jerome

Publishing House, Inglaterra; *TextconText*, associada à Universidade de Heidelberg, Alemanha; *Meta – Translator's Journal*, da Universidade de Montreal, Canadá; *Target -- International Journal of Translation Studies*, da *John Benjamins Publishing Company*, sediada em Israel; e *La Traduzione – Saggi e Documenti*, do Ministério da Cultura Italiano.

Há trabalhos meus publicados também em revistas especializadas das áreas de lingüística, lingüística aplicada e teoria literária como *Poetics*, *Elsevier Science Publishers*, Holanda; *D.E.L.T.A.*; *Alfa – Revista de Lingüística da UNESP*; *Letras – Revista do Instituto de Letras – Puc-Campinas*; *Veredas – Revista da PUC-SP*; *Ilha do Desterro – Universidade Federal de Santa Catarina*; *APLIEMGE – Ensino e Pesquisa – Revista da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais*; e *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, IEL, UNICAMP.

No Brasil, tenho divulgado meu trabalho em palestras e conferências apresentadas em eventos e em universidades de vários estados: Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Bahia, Universidade Federal de Goiás, Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Ouro Preto, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Universidade Mackenzie, Universidade Estadual de Campinas, UNESP (Campus de São José do Rio Preto), Universidade Estadual do Paraná, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, entre outras. No exterior, tenho participado de eventos promovidos por universidades e associações acadêmicas de diversos países (Estados Unidos, Argentina, Canadá, Espanha, Áustria, Alemanha, Turquia, Dinamarca, República Tcheca), em vários deles como conferencista convidada.

Meus textos têm sido citados e discutidos por especialistas de destaque na área em todo o mundo, entre os quais me parece oportuno mencionar Lawrence Venuti (E. U. A.), Hans Vermeer (Alemanha), Sherry Simon (Canadá), Michaela Wolf (Áustria), Mona Baker (Inglaterra), Mary Snell-Hornby (Áustria), Douglas Robinson (E. U. A.),

Anthony Pym (Espanha), África Vidal (Espanha), Román Álvarez (Espanha), Pilar Godayol (Espanha), Heidrun Witte (Espanha), Kaisa Koskinen (Finlândia), Sian Reynolds (Inglaterra), Gillian Lane-Mercier (Canadá), Dilek Dizdar (Turquia).

O reconhecimento de meu trabalho na área tem sido expresso também através dos vários convites recebidos para integrar comissões editoriais de periódicos nacionais e internacionais (*Tradterm, Tradução e Comunicação, Organon, Alfa, Crop, TTR – Études sur le texte et ses transformations, Tópicos em Lingüística Aplicada/Issues in Applied Linguistics*), e para prestar assessorias acadêmicas a organizações importantes como a *European Society for Translation Studies (EST)*. Outra manifestação relevante desse reconhecimento foi o convite para presidir o *Discussion Group on Translation*, da *Modern Language Association of America*, nos Estados Unidos, para o biênio 2001-2003.

VII. ORIENTAÇÃO DE ALUNOS

Como já foi mencionado, desde o início de minha atuação junto ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, além da realização de meus próprios projetos, tenho tido como meta constante a divulgação e o fortalecimento da tradução como área de pesquisa que merece maior espaço junto às faculdades de letras.

Uma das estratégias em que esses esforços têm sido investidos é a orientação de pesquisas, particularmente importante para qualquer área emergente, já que seu crescimento depende diretamente da disseminação do trabalho acadêmico responsável e rigoroso.

As principais dificuldades enfrentadas se remetem diretamente ao fato de que o número de programas de graduação em letras, modalidade tradução, ainda é restrito, não havendo, em geral, muitos alunos preparados para os desafios de um curso de pós-graduação na área. Ao mesmo tempo, aqueles que se interessam por tradução têm que

levar em conta que não haverá muitas possibilidades de emprego docente, após a conclusão do mestrado e do doutorado.

Apesar dessas dificuldades, desde a implantação do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, o primeiro no país a acolher os estudos da tradução como área de concentração, tenho me empenhado em orientar pesquisas de mestrandos (a partir de 1988) e de doutorandos (a partir de 1993). Mesmo antes da implantação do doutorado, comecei a orientar doutorandos na área junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Até o momento, quatro de meus alunos de doutorado concluíram suas teses:

- Cristina Carneiro Rodrigues. "Tradução e Diferença: Uma Proposta de Desconstrução da Noção de Equivalência em Catford, Nida, Lefevere e Toury", Programa de Pós-Graduação em Linguística, IEL, UNICAMP. Defesa: 16 de fevereiro de 1998.
- Maria Paula Frota. "A 'Singularidade' na Escrita Tradutora: Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Linguística e na Psicanálise", Programa de Pós-Graduação em Linguística, IEL, UNICAMP. Defesa: 10 de fevereiro de 1999.
- Paulo Sampaio Xavier de Oliveira. "A Televisão como 'Tradutora': Veredas do *Grande Sertão* na Rede Globo", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. São Paulo. Defesa: 26 de fevereiro de 1999.
- Silene Moreno. "Ecos e Reflexos: A Construção do Cânone de Augusto e Haroldo de Campos a partir de Suas Concepções de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 30 de janeiro de 2001.

Oito alunas concluíram dissertações de mestrado na área de tradução, e uma aluna defendeu seu mestrado na área de ensino de leitura:

- Sandra M. Ferreira Castro. Dissertação de Mestrado: "O Ensino da Leitura como Reflexo de Teorias Lingüísticas de Leitura: Uma Crítica", Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 6 de dezembro de 1988.
- Thelma Médici Nóbrega. Dissertação de Mestrado: "*On The Road* X Pé na Estrada: As Estradas do Imaginário em Tradução", Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 19 de agosto de 1991.
- Lenita Rimoli Esteves. Dissertação de Mestrado: "As Bruxas de *Macbeth* no Original e em Quatro Traduções Brasileiras: Uma Inquisição das Diferenças", Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 26 de outubro de 1992.
- Giana Maria Gandini Giani. Dissertação de Mestrado: "A Tradução como Diferença: Um Estudo sobre *The Catcher in The Rye*, *O Apanhador no Campo de Centeio* e *Uma Agulha no Palheiro*", Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 25 de novembro de 1992.
- Nícia Adan Bonatti. Dissertação de Mestrado: "*A Brief History of Time*, de Stephen Hawking: Uma Breve História da Construção de Sentidos em Algumas Comunidades Interpretativas", Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 03 de junho de 1993.
- Luzia Aparecida de Araújo. Dissertação de Mestrado: "Por que Os Computadores Não São Capazes de Traduzir? Uma Resposta a partir de uma

Concepção Pós-Estruturalista de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 1º de julho de 1993.

- Raffaella de Filippis Quental. Dissertação de Mestrado: "A Dicotomia Tradicional Teoria/Prática no Ensino de Tradução: Suas Manifestações, Sua Matriz Teórica e Seus Efeitos para a Formação de Tradutores", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 8 de maio de 1995.
- Neuza Lopes Ribeiro Vollet. Dissertação de Mestrado: "Ser ou Não Ser Pornográfico, Eis a Questão: O Tratamento da Linguagem Obscena em Traduções Brasileiras do *Hamlet*", Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 23 de abril de 1997.
- Patrícia Stafusa Sala Battisti. Dissertação de Mestrado: "A Crítica de Tradução em Antoine Berman: Reflexo de uma Concepção Anti-Etnocêntrica de Tradução", Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL, UNICAMP. Defesa: 04 de fevereiro de 2000.

Orientei também monografias de alunos que concluíram o Curso de Especialização em Tradução da PUC-SP, em 1997:

- Thomas William Nerney. Monografia: "O Messianismo de Walter Benjamin em 'A Tarefa do Tradutor'". Conclusão 30 de abril de 1997.
- Sonia Violeta B. de Faria. Monografia: "Eficiência ou Eficácia na Tradução Técnica. Conclusão 30 de abril de 1997.

- Maria Aparecida Fernandes. Monografia: "Tradução e Desconstrução: Um Projeto Nihilista?". Conclusão 30 de abril de 1997.

Talvez nenhum outro trabalho docente seja tão árduo e, ao mesmo tempo, tão delicado e tão fundamental quanto a formação de um pesquisador. Apesar das dificuldades, creio que poucas conquistas profissionais possam sequer ser comparadas à satisfação de perceber que um orientando finalmente "aprendeu" a argumentar e a defender suas idéias de forma adequada.

Quase todos os meus ex-orientandos já atuam junto a universidades que abriram algum espaço para os estudos da tradução: UNESP, campus de Rio Preto; PUC-Rio; Universidade de São Paulo; PUC-SP, Unibero, em São Paulo, entre outras. Quase todos se tornaram pesquisadores atuantes e têm conseguido divulgar as pesquisas realizadas. Duas das teses de doutorado orientadas se transformaram em livros: *A Singularidade na Escrita Tradutora -- Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise*, de Maria Paula Frota (Pontes, Fapesp, Campinas 1999); e *Tradução e Diferença*, de Cristina Carneiro Rodrigues (Editora UNESP, São Paulo, 1999).

No momento, oriento três doutorados e dois mestrados, todos na área de tradução, e um dos meus objetivos mais imediatos é a orientação de monografias na área junto à graduação do IEL.

VIII. PALAVRAS FINAIS

Creio que é muito mais fácil abrir um texto como este do que concluí-lo. Talvez devido à expectativa de que a conclusão do memorial deva encerrar algum pronunciamento solene, ou declaração bombástica. Ou, ainda, uma auto-avaliação definitiva, ou o estabelecimento da próxima etapa e das próximas metas.

Apenas vou acrescentar que esta revisão do percurso acadêmico que fui seguindo em tantos anos, imposta pela escritura deste texto, me traz a certeza de que, embora tenha conseguido atingir diversas metas e de ter cumprido com responsabilidade os papéis que aceitei assumir, ainda gostaria de ter muito o que fazer e de buscar novos desafios que possam me trazer tanto prazer quanto as atividades aqui relatadas.

Relação e resumos dos trabalhos publicados

I. Publicações em revistas e periódicos especializados, anais de congressos e jornais (em ordem cronológica):

1. "The Dog Without Plumes", versão inglesa d'O Cão sem Plumas, de João Cabral de Melo Neto. *Mundus Artium - A Journal of International Literature and the Arts*, Universidade do Texas em Dallas, E.U.A., vol. XVI, 1, 1983, pp. 72-96.

A versão inglesa do conhecido poema de João Cabral de Melo Neto, *O Cão sem Plumas* (1950), começou a ser preparada durante o "Translation Workshop", conduzido por William Arrowsmith, tradutor premiado e professor de Letras Clássicas da Johns Hopkins University, no outono de 1983, durante meu curso de doutorado. Devidamente aprovada pelo poeta, minha versão foi publicada sob recomendação de Arrowsmith.

2. "'Pierre Menard, autor del Quijote': Esboço de Uma Poética da Tradução Via Borges". *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, nº 5, São Paulo, dezembro de 1984, pp. 75-90.

Primeiro texto que publiquei sobre as relações entre as concepções textuais de Jorge Luís Borges e a reflexão acerca da tarefa tradutória. Associa o perfil ideológico do personagem exemplar de Borges e suas principais "obras" às premissas básicas que têm inspirado tanto as concepções leigas como o pensamento acadêmico sobre tradução.

3. "Ler Grande Sertão Enquanto A Globo Não Vem". *Folhetim*, Folha de São Paulo, nº 436, 2 de junho de 1985, p. 6.

Considerando o romance de Guimarães Rosa um "clássico" nos termos definidos por Borges, o artigo aborda o poder de interpretação da Rede Globo e da mini-série baseada no *Grande Sertão* que começaria a ser veiculada em alguns dias. Ao estabelecer algumas relações possíveis entre o "original" de Guimarães Rosa, "o maior romance brasileiro sobre o poder da linguagem", e a releitura proposta pela Globo, o

artigo propõe que se retome “o diálogo crítico e se explore a legibilidade infinita do ‘Grande Sertão’”.

4. "No Território da Tradução" (resenha de *Território da Tradução, da Série Remate de Males*, dezembro de 1984). *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Minas Gerais, 17 de agosto de 1985.

Resenha do volume especial da série Remate de Males (revista do Departamento de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP), organizado por Iumna Maria Simon. Ressalta a importância da coletânea não apenas por divulgar o trabalho de diversos tradutores brasileiros mas, também, por constituir um “valioso manual de literatura universal e comparada que poderia, inclusive, enriquecer o estudo da própria literatura brasileira”. Lamenta, entretanto, que não tenha sido possível uma edição bilíngüe.

5. "O Labirinto Inescapável da Linguagem: Matriz Temática da Obra de Jorge Luís Borges". *Veredas - Revista da PUC-SP*, n°s 104 e 105, São Paulo, outubro de 1985, pp. 35-45.

O texto estabelece relações entre o pensamento do escritor argentino acerca dos mecanismos da linguagem e da interpretação com a obra de Nietzsche, sobretudo com o ensaio “Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral” (in F. Nietzsche, *Obras Incompletas*, seleção de textos de G. Lebrun; trad. e notas de Rubens R. Torres Filho, São Paulo, Nova Cultural, 1987, pp. 31-38), publicado pela primeira vez em 1873, que tem sido fundamental para a reflexão contemporânea associada ao pós-estruturalismo e à pós-modernidade.

6. "A Tradução como Reescritura: O Texto/Palimpsesto e um Novo Conceito de Fidelidade". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, n°s 5 e 6, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., dezembro de 1985, pp. 17-24.

O ensaio trata da tradução dos chamados textos “literários”. Objeto do desprezo de muitos, a eventual traduzibilidade do texto poético tem sido vista como sinal de inferioridade, como defenderam, por exemplo, Robert Frost e Paul Valéry. Para outros, entretanto, como o poeta inglês Samuel Johnson, a poesia é exatamente aquilo que sobrevive às transformações formais e que pode ser transferível a outras línguas. Tal debate não revela concepções opostas sobre as possibilidades ou os limites da

tradução, mas visões diferentes do que seria a poesia ou a literatura, ou daquilo que se deve privilegiar como poético ou literário. Tanto os que elegem a forma quanto aqueles que elegem o conteúdo como *locus* poético compartilham de um pressuposto comum: ambas as posições consideram o poético uma propriedade intrínseca e estável do texto e que, dependendo da posição tomada, pode ser resgatável, ou não. A meta do ensaio é mostrar que a discussão sobre a tradução, ou sobre a traduzibilidade dos textos que chamamos de literários ou poéticos, depende de uma discussão anterior sobre o *status* do texto original, isto é, sobre aquilo que nos leva a considerar um determinado texto “poético”, ou “literário”. O que está em discussão é precisamente a “originalidade” do original e a “literariedade” do literário enquanto características intrínsecas. Essa discussão é ilustrada com um exemplo: o poema “*This Is Just to Say*”, do norte-americano William Carlos Williams.

7. “Um Áporo e Suas Aporias: Reflexões sobre um Poema de Carlos Drummond de Andrade”. *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, 7, São Paulo, dezembro de 1985, pp. 35-46.

Partindo da concepção textual bartheana segundo a qual o prazer da leitura “só pode vir da leitura enquanto atividade produtora, que realiza o texto na medida em que o lê, que o constrói ao invés de decifrá-lo e que o enriquece ao invés de tentar deter sua máquina de significação”, o ensaio defende que “a tradução – que é a forma mais intensa e atenta de leitura – é necessariamente recriação: a reconstrução dos achados no jogo da leitura para que outros também possam participar (ativamente) dele”. A partir da proposta de uma determinada leitura do poema, o ensaio tenta mostrar que qualquer tradução somente poderá ser fiel à leitura do tradutor, e não ao original em si como entidade supostamente abstrata e presente em si mesma.

8. “Paulo Vizioli e Nelson Ascher Discutem John Donne: A Que São Fiéis Tradutores e Críticos de Tradução?”. *Tradução e Comunicação - Revista Brasileira de Tradutores*, 9, São Paulo, dezembro de 1986, pp. 133-142.

A partir de uma polêmica entre o crítico Nelson Ascher e o tradutor de John Donne, Paulo Vizioli, veiculada pela Folha de São Paulo em fins de abril e princípio de maio de 1985, o ensaio defende que “as questões centrais que nutriram essa polêmica são também fundamentais para aqueles que se dedicam ao estudo e à prática da tradução”. Tanto o tradutor como o crítico de tradução têm sua tarefa norteadas por preocupações relativas à fidelidade. Entretanto, como sugere o ensaio, “o que em geral se omite na tentativa de se atingir ou avaliar essa “fidelidade” é exatamente o status do texto original. “Quando avalia uma tradução, estará o crítico considerando o *mesmo* “original” que o tradutor?” Assim, com base em diversas declarações do crítico e do

tradutor, conclui-se que tanto Paulo Vizioli quanto Ascher (que admira as traduções de Donne realizadas por Augusto de Campos) são inevitavelmente fiéis às suas concepções teóricas acerca de tradução e acerca da poesia de Donne e, não, aos “originais” de Donne, enquanto textos supostamente eternos e imunes à interpretação e aos interesses daqueles que os lêem, traduzem e criticam.

9. "A Questão Teórica da Tradução e a Modernidade". *O Escritor - Jornal da União Brasileira de Escritores*, janeiro/fevereiro de 1987, p. 6.

Publicado num número especial dedicado à tradução, o ensaio defende que a “tradução enquanto questão teórica sai do limbo e da marginalidade, resgatada por algumas correntes da crítica e da filosofia contemporânea: a ‘desconstrução’ de Jacques Derrida, a ‘arqueologia’ de Michel Foucault, a ‘semioclastia’ de Roland Barthes, que trazem, em maior ou menor grau, a influência do pensamento [...] de Nietzsche e [...] de Freud”. Defende que, sob a ótica pós-estruturalista, “as pequenas e as grandes traições, as arbitrariedades, as infidelidades e as indeterminações, que sempre rondaram a reputação e o destino de toda tradução, deixam de ser ‘defeitos’ ou ‘limitações’ e passam a ser aceitas como a própria condição de possibilidade de toda linguagem”.

10. "A Crise da Metalinguagem: Uma Perspectiva Interdisciplinar", em colaboração com K. Rajagopalan. *Estudos Lingüísticos - XVI Anais de Seminários do GEL*, Taubaté, S.P., 1988, pp. 14-21.

Como mostra o ensaio, um dos principais sustentáculos da lingüística moderna é “a crença na possibilidade de uma metalinguagem isenta de qualquer interferência [...] oriunda da linguagem corriqueira ou leiga”. Da mesma forma que a lingüística, “a teoria da literatura também se propõe como uma metalinguagem, encarregada de descrever e explicar a linguagem que elegeu como objeto de investigação”. Ambos esses projetos se ancoram numa busca do “científico” enquanto possibilidade “de uma distinção clara e demarcável entre sujeito e objeto, entre linguagem poética e linguagem comum, entre linguagem e metalinguagem, que a teoria literária compartilha com a lingüística e com a maioria de nossas disciplinas institucionalizadas”, dentro da tradição logocêntrica que sempre predominou no pensamento ocidental. Como defende o texto em questão, tanto a lingüística e a teoria literária, como as demais disciplinas que a instituição reconhece nos campos dos estudos da linguagem, não apenas compartilham os mesmos sonhos e as mesmas ilusões, mas também têm o mesmo destino: “estarão fadas a não abordar de frente as questões básicas que as justificam, a menos que se disponham a examinar seus próprios alicerces e os produtos das searas alheias”.

11. "A Pesquisa em Teoria de Tradução ou O Que Pode Haver de Novo no Front". *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, Pernambuco, 1988, pp. 411-417.

O texto propõe uma reflexão sobre "a tensão recorrente entre teoria e prática e sobre os rumos possíveis, os limites, as pretensões e as ilusões de toda teorização que envolve o ato de traduzir". A partir da reflexão de W. T. T. Mitchell sobre a dicotomia clássica entre teoria e prática (in *Against Theory: Literary Studies and the New Pragmatism*, Chicago, The University of Chicago Press, 1985, p. 6), examina como essa cisão tem afetado em geral os estudos da tradução, tomando como exemplo *Os Problemas Teóricos da Tradução*, de Georges Mounin (trad. de Heloysa de L. Dantas, São Paulo, Cultrix, 1975).

12. "O Ensino de Tradução e Seus Limites: Por uma Abordagem Menos Ilusória". *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 11, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1988, pp. 17-32.

O ensaio parte de uma situação real ocorrida numa aula de Prática de Tradução no programa de Bacharelado em Inglês (modalidade Tradução) da PUC-SP, em que uma das alunas me entregou uma lista manuscrita de palavras e expressões inglesas. Explicou-me que tais palavras e expressões haviam sido extraídas de um manual de computação que aceitara traduzir e que, depois de consultar vários dicionários bilingües, alguns deles técnicos, resolvera vir até mim em busca dos significados que tanto ela como os dicionários consultados desconheciam. Julgava que a professora, como responsável por vários cursos de prática de tradução, tinha o dever de conhecer a tradução para o português das palavras e expressões mencionadas. O objetivo do ensaio é promover uma reflexão crítica acerca das conseqüências da postura teórica implícita na atitude e nas expectativas da aluna mencionada para a formação profissional de tradutores. O ensaio tenta mostrar como a postura da aluna – que pode parecer absurda e extremada – não é, de forma alguma, idiossincrática mas, sim, absolutamente coerente com a visão logocêntrica que nossa tradição tem da atividade do tradutor e que, conseqüentemente, se impõe, quer de forma implícita ou explícita, ao processo de formação de profissionais da área.

13. "Searle e a Noção de Literalidade", em colaboração com K. Rajagopalan. *Anais do XI Encontro Nacional de Lingüística*, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1988, pp. 73-87.

O objetivo do trabalho é explicitar os caminhos que levaram os autores, depois de uma análise crítica dos diversos escritos de John Searle, à conclusão de que o pensamento

teórico desse filósofo, ao longo do último quarto de século, constitui um enorme esforço no sentido de reivindicar legitimidade e destaque para a antiga noção do chamado sentido literal no âmbito da filosofia da linguagem. Para atingirem seu objetivo, os autores se concentraram em três momentos na evolução do pensamento filosófico de Searle, que revelam um desejo subliminar de encontrar um valor constante através do qual se tornasse possível a compreensão do fenômeno da linguagem: 1. a discordância de Searle com seu mestre Austin a respeito do conceito de "ato locucionário"; 2. a posição assumida por Searle em relação à questão da "referência" e, em especial, a posição contrária à tese de Keith Donnellan; 3. o encontro entre a pragmática de Grice e a teoria dos atos de fala que resultou no conceito do ato de fala indireto.

14. "Algumas Reflexões sobre Teorias e Ensino de Tradução". *Estudos Lingüísticos - XVII Anais de Seminários do GEL*, USP, São Paulo, 1989, pp. 184-187.

Em linhas gerais, pode-se dizer que há, basicamente, duas formas possíveis de se encarar a linguagem e a realidade: "ambas dependem da posição que assumem perante a noção de literalidade". Enquanto que a primeira visão "abriga a possibilidade de um sentido literal, inerente à palavra, independente do contexto e do intérprete, a partir do qual outros sentidos podem ser decorrentes, a segunda desconfia dessa possibilidade e transfere para o contexto e/ou para o sujeito – para o social e/ou para o psicológico – a origem de todo o significado, que não se encontra, portanto, immanentemente atrelado à letra ou à palavra isolada. A primeira tem sido a concepção de linguagem a inspirar, implícita ou explicitamente, a grande maioria das teorias da linguagem, quer estejam vinculadas à lingüística ou à teoria literária ou, até mesmo, à filosofia da linguagem. A segunda tem sido a base do pensamento anti-essencialista associado, por exemplo, ao pós-estruturalismo. É, portanto, também a partir dessas noções que se desenvolve grande parte do pensamento sobre tradução que conhecemos e, conseqüentemente, também a base de toda a formação acadêmica dos futuros profissionais da área. O ensaio estabelece um breve contraste entre as conseqüências dessas duas formas de se encarar a linguagem para o ensino de tradução.

15. "O Mito da Impossibilidade Teórica da Tradução e o Logocentrismo: Reflexões Preliminares" (resumo). *Boletim Informativo - Número Especial 13*, IV Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, Pernambuco, 1989, p. 131.

O objetivo primeiro deste trabalho é apontar o íntimo parentesco entre as teorias tradicionais de tradução e uma concepção de linguagem calcada no logocentrismo. Na medida em que este pressupõe a possibilidade de uma distinção clara e objetivamente

demarcável entre sujeito e objeto e crê, portanto, na possibilidade de uma verdade independente de um sujeito e de sua história, as teorias da linguagem que propõe estão fadadas a procurar as fórmulas infalíveis que pudessem finalmente esclarecer, de uma vez por todas, os mecanismos desse fenômeno que chamamos de linguagem. Como essas teorias não conseguem dar conta da prática da tradução, parecem chegar sempre a um impasse, optando inclusive pela sugestão de que a tradução pode ser teoricamente impossível. A outra face – mais visível e mais conhecida – dessa tendência é o preconceito generalizado com que se considera qualquer tradução, olhada de soslaio até mesmo pelos profissionais da área. Assim, à tradução se impõe um caráter de precariedade, de remendo, de “mal necessário”, em oposição a um “original” sempre pleno e completo em si mesmo. Como o trabalho pretende argumentar, a precariedade e a temporariedade que o logocentrismo associa às traduções são traços intrínsecos de toda a escritura (no sentido de Jacques Derrida) e de todos os empreendimentos humanos, inevitavelmente mediados por uma perspectiva e por um desejo e avessos, portanto, às fórmulas rígidas e às classificações eternas com que sonha a grande maioria dos teóricos e dos profissionais da tradução.

16. "A Noção de Literalidade: Metáfora Primordial", em colaboração com K. Rajagopalan. *D.E.L.T.A.*, vol. 5, nº 1, 1989, São Paulo, pp. 37-49.

A possibilidade de um significado literal – ou seja, de um significado que seja anterior a qualquer interferência de um contexto ou de um usuário – é o alicerce comum em que se baseiam as várias disciplinas que se dedicam ao estudo da linguagem. Embora essas disciplinas proponham teorias que pretendam estabelecer limites objetivos entre um nível “literal” de significado e o “figurado”, esse objetivo não pode ser atingido, como o ensaio se propõe defender, precisamente porque já se encontra inspirado pela própria noção que pretende esclarecer. Tendo como base alguns *insights* elaborados a partir da psicanálise freudiana e das reflexões de Nietzsche sobre a linguagem, o ensaio sugere que aquilo que geralmente chamamos de “literal” também é, como todo o significado figurado, inevitavelmente dependente de um contexto e da interpretação de um sujeito. Assim, a oposição tradicional entre o “literal” e o “metafórico” não pode ser mantida a salvo do subjetivismo, nem dos interesses institucionais das disciplinas que pretendem estudá-los.

17. "Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução". *Estudos Lingüísticos - XVIII Anais de Seminários do GEL*, Lorena, São Paulo, 1989, pp. 37-42.

Dentro da tradição logocêntrica, que pressupõe “a possibilidade de um sujeito de consciência plena e, portanto, capaz de uma relação puramente objetiva com a

realidade", o ato de "interpretar" é geralmente oposto ao ato de "compreender". Outras versões da oposição compreensão x interpretação são a oposição entre o chamado "literal" e o "figurado", entre a linguagem "ordinária" e a "poética" ou, ainda, a oposição entre fato e julgamento, ou entre "verdade" e retórica. Todas essas oposições pressupõem, também, a possibilidade de um resgate pleno dos significados supostamente estáveis em todo processo de "compreensão" que estaria, assim, imune ao subjetivo e ao que constitui as circunstâncias do sujeito que "compreende". O ensaio se propõe examinar esse pressuposto tendo como alvo especial o texto "Descrição e Quantificação de Dados em Tradutologia", de Francis H. Aubert (in *Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, nº 4, 1984, pp. 71-82).

18. "Stylistics, Stanley Fish, and Objectified Conventionality: A Rejoinder to Dan Shen", em colaboração com K. Rajagopalan. *Poetics* 18, 1989, Elsevier Science Publishers B.V., Holanda, pp. 579- 586.

A argumentação de Santley Fish contra o essencialismo acaba privando a estilística de seu objeto de estudo. Se o significado é produto de convenções sociais e não se encontra na letra, como defende Fish, o que mais pode fazer o pesquisador da estilística, além de tentar neutralizar a convencionalidade e encontrar algum nível de significado que esteja firmemente arraigado ao próprio material com que trabalha, ou seja a chamada "materialidade" da linguagem? Num ensaio intitulado "*Stylistics, Objectivity, and Convention*" (in *Poetics* 17, 221-238), Dan Shen apresenta sua versão da estratégia clássica da estilística contra a convencionalidade. Ao invés de defender a premissa básica do essencialismo, de acordo com a qual as oposições como a subjetividade x objetividade, a cultura x a natureza são claramente demarcadas e independentes de interpretação, Shen rejeita a dicotomia "convencionalidade x objetividade", à qual associa o argumento de Fish, e propõe uma distinção entre convencionalidade e idiossincrasia. Ao aproximar a objetividade da convencionalidade e a subjetividade da idiossincrasia, Shen torna seu argumento tão frágil quanto uma construção feita de cartas de baralho. Chega à conclusão absurda, por exemplo, de que a linguagem é "um sistema subjetivo de relações arbitrárias", com base na idéia de que a linguagem é um sistema convencional de relações arbitrárias. Deixa de explicar, entre outras coisas, como esse sistema – que é, inquestionavelmente, público – pode ser "subjetivo". Como consequência, não nos fornece uma teoria aceitável do literário com base em suas "novas" dicotomias. Como o ensaio tenta mostrar, parece claro que as conclusões de Shen não neutralizam, de forma alguma, a força dos argumentos de Fish, limitando-se a propor reformulações simplistas dos pressupostos que deram início à sua própria discussão.

19. "As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões". *D.E.L.T.A.*, vol. 6, São Paulo, EDUC, 1990, pp. 41-53.

Como muito bem lembra George Steiner, mesmo depois de vinte séculos de comentários e reflexões sobre tradução, "o número de idéias originais e significativas sobre a questão permanece limitado". Esse aparente beco sem saídas – que já levou diversos teóricos a propor, por exemplo, a impossibilidade teórica do trabalho tradutório – não se deve, como defende o ensaio, a alguma dificuldade insolúvel peculiar à tradução. A dificuldade – ou, melhor, a impossibilidade – de se encontrar respostas definitivas para as questões propostas pela grande maioria dos teóricos se encontra precisamente nos pressupostos logocêntricos que produzem essas mesmas questões. Os mecanismos da tradução – como os mecanismos de outras atividades lingüísticas – apenas podem ser satisfatoriamente compreendidos se aceitarmos que qualquer atividade humana inevitavelmente se produz no contexto da perspectiva psicológica, social e ideológica em que nos encontramos, num tempo e lugar determinados.

20. "A Noção do Inconsciente e a Desconstrução do Sujeito Cartesiano". *Estudos Lingüísticos, XIX Anais de Seminários do GEL*, Bauru, S.P., 1990, pp. 66-73.

O ensaio relaciona os trabalhos de Freud e Nietzsche, precursores fundamentais do projeto de desconstrução de Jacques Derrida, à noção tradicional de sujeito e suas implicações para os estudos da linguagem. Ao solapar todo o projeto logocêntrico e qualquer possibilidade de uma relação puramente objetiva entre homem e realidade, o pensamento desconstrutivista nos leva, obrigatoriamente, a uma reformulação radical das formas pelas quais pensamos e desenvolvemos as disciplinas que se dedicam ao seu estudo.

21. "A Missão Impossível (e Não Assumida) do Professor de Tradução Comentada" (resumo). *Boletim Informativo - Número Especial 14*, V Encontro Nacional da ANPOLL, Recife, Pernambuco, 1990, p. 142.

A formação do tradutor inspirada por concepções teóricas (implícitas ou explícitas) de ascendência logocêntrica exige do professor de prática de tradução o exercício de uma missão impossível. Ao pressupor que todo texto "original" contenha significados estáveis que devem ser resgatados e preservados na tradução, quaisquer que sejam seu contexto e seus objetivos, esse professor tem que tentar ensinar a seus alunos uma impossibilidade, tem que tentar lhes ensinar a perseguir, em suas traduções, o intrinsecamente correto, o unanimemente aceitável, ou seja, aquilo que nunca pôde,

nem poderá, estar acessível a ninguém. O objetivo principal deste trabalho é esmiuçar os contornos desse projeto pedagógico necessariamente fadado ao insucesso e à frustração, além de propor uma diretriz mais "realista" para o ensino de prática de tradução a partir de uma visão pós-estruturalista acerca da atividade do tradutor.

22. "O Texto como Estratégia de Leitura e A Reflexão Desconstrutivista" (resumo), em colaboração com Kanavillil Rajagopalan. *Programa do IX Congresso Internacional da ALFAL*, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1990, p. 194.

O trabalho pretende rever a noção de texto à luz da reflexão pós-estruturalista. Em primeiro lugar, procura estabelecer que, numa perspectiva como a de Roland Barthes, para quem o nascimento de um leitor se dá no momento exato da morte do autor, a própria noção de texto precisa ser radicalmente diferente daquela com a qual a maioria das teorias tende a se articular: a de um objeto de análise pronto e acabado, apto a ser usufruído por quem quer que seja. Em seguida, argumenta por que a noção de texto como algo que se constitui no próprio ato de ler não pode ser simplesmente incorporada aos modelos teóricos vigentes, uma vez que tais modelos apostam na materialidade do texto.

23. "A Tradução e o Desencontro entre Teoria e Prática" (resumo). *Programa do IX Congresso Internacional da ALFAL*, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1990, p. 364.

As teorias de tradução de base logocêntrica necessariamente chegam a conclusões que, se levadas às últimas consequências, defendem não apenas a impossibilidade teórica da atividade do tradutor mas, também, a própria incapacidade da teoria de descrever e sistematizar seu objeto de estudo. O contraste entre a evidência indiscutível da prática e as dificuldades da teorização filiada ao logocentrismo é particularmente dramatizado nas reflexões teóricas de tradutores consagrados. O objetivo primeiro do trabalho é o exame desse contraste num artigo recente de José paulo Paes, "Quatro Pólos da Tradução e Sua Crítica", publicado pelo suplemento *Letras, Folha de São Paulo*, 21 de abril de 1990.

24. "Literariness and The Desire for Untranslatability: Some Reflections on Grande Sertão: Veredas". *TextconText*, nº 2, vol. 5, Julius Groos Verlag, Heidelberg, Alemanha, 1990, pp. 75-83.

Com base na noção de leitura como uma forma de apropriação do significado do Outro, uma das consequências de uma perspectiva não-logocêntrica acerca do texto e da linguagem, o ensaio examina a relação entre autor e leitor “reais” a partir da relação exemplar que se estabelece entre o narrador e o “doutor” que o escuta no *Grande Sertão: Veredas*.

25. "Teoria e Prática da Tradução". *Suplemento Cultura, O Estado de São Paulo*, 13 de outubro de 1990, p. 7.

O artigo examina a cisão entre teoria e prática sobretudo num ensaio de José Paulo Paes, “Quatro Pólos da Tradução e Sua Crítica” (em *Tradução, a Ponte Necessária – Aspectos e Problemas da Arte de Traduzir* – Ática, São Paulo, 1990). Como tenta mostrar, enquanto o tradutor Paes “ampara o ‘possível’ e o ‘humano’” em seus comentários sobre a prática, o teórico “a relega a uma idealização inatingível e divorciada da prática”.

26. "A Tradução como 'Problema Teórico' e as Estratégias do Logocentrismo". *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, Franca, S.P., 1991, pp. 240-246.

Como tenho observado em outros trabalhos, a tradição teórica embasada numa visão logocêntrica do texto e da leitura tem tratado a tradução como “um ‘problema’ rebelde que tem resistido às mais variadas investidas das diversas disciplinas que se dedicam ao estudo da linguagem”. Essa busca tem sido motivada pela “expectativa de se descobrir um modelo teórico que pudesse solucionar os aparentes desencontros entre uma prática tão intensa e tão fundamental e uma teorização tão ineficiente e tão limitada”. Um texto exemplar desse tipo de busca é o ensaio “*Theory for Translation*”, de Joseph F. Graham (in M. G. Rose, ed., *Translation Spectrum – Essays in Theory and Practice*. Albany, State University of New York, 1981), para o qual a teoria que se deve procurar “deveria ser absolutamente científica, além de decididamente pedagógica [...] completamente explícita, não permitindo nenhuma implicação, nenhuma suposição, não exigindo, portanto, nenhuma interpretação” (p. 129). A partir do exame das pretensões expressas nesse texto, o ensaio em questão defende que a “investigação teórica sobre tradução em moldes logocêntricos [...] é, antes de mais nada, narcisista; seu interesse maior não é deslindar os meandros do processo tradutório, mas, sim, a manutenção e a defesa de seus próprios princípios e crenças”. E, no caso, de Graham, o que deve ser preservado é a distinção chomskyana entre “*competence*” e “*performance*”.

27. "A Desconstrução do Logocentrismo e a Origem do Significado". *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, Franca, S.P., 1991, pp. 49-54.

Para a tradição cultural que crê na possibilidade de uma distinção intrínseca entre sujeito e objeto, "a origem do significado é necessariamente localizada no significante (no texto, na 'mensagem', na palavra), nas intenções (conscientes) do emissor/autor, ou numa combinação ou alternância dessas duas possibilidades". Algumas das consequências dessa concepção são a noção dominante de literalidade ("que autoriza a possibilidade de um significado subordinado à letra, anterior a qualquer interpretação e independente de qualquer contexto") e a noção de literariedade que ainda domina a tradição dos estudos literários entre nós: "a noção de que o literário e o poético se encontram *no texto*, como propriedades intrínsecas que o marcam indelevelmente e o distinguem dos textos 'não-literários'". Como defende o ensaio, "a projeção da origem do significado para fora do sujeito 'receptor' e de seu contexto de leitura, consequência do desejo de 'um significado transcendental', neutro e independente da situação de recepção, leva qualquer teoria lingüística a um destino de frustração e ineficiência". Da mesma forma, essa mesma tradição "não conseguiu produzir uma única leitura unanimemente aceitável, resistente à passagem do tempo e às mudanças de contexto, de nenhum texto, mesmo daqueles 'clássicos' que são lidos, geração após geração, há mais de dois milênios". Finalmente, propõe-se ilustrar a frustração desses projetos logocêntricos através da análise da argumentação de E. D. Hirsch em *The Aims of Interpretation* (Chicago, *The University of Chicago Press*, 1978).

28. "Teorias e Políticas de Tradução". *Suplemento Cultura, O Estado de São Paulo*, 22 de junho de 1991, p. 3.

O artigo aborda a marginalização da tradução e dos tradutores. Como resultado de expectativas tanto leigas quanto acadêmicas em relação à tradução como reprodução "fiel" do original, fundadas na relação perigosa que o logocentrismo estabelece entre teoria e prática, a tradução, além de marginal, parece fadada a um destino de frustração e inadequação. Assim, "qualquer tradução será sempre 'menor', sempre 'insatisfatória', em comparação a um original idealizado e, por isso mesmo, inatingível". Essa questão se torna bastante clara no trabalho daqueles que criticam traduções já que "todo crítico de tradução escamoteia de sua crítica o fato de que sempre compara a tradução que julga com a tradução que tem em mente e que toma como sendo a 'correta' ou 'ideal'". Nesse sentido, é exemplar o texto de Paulo Francis "A Língua é Nossa" (*Caderno 2, O Estado de São Paulo*, 31/1/1991), de que se ocupa o artigo.

29. "O Ensino de Leitura e a Escamoteação da Ideologia" ", em colaboração com K. Rajagopalan. *Letras – Revista do Instituto de Letras*, PUC-Campinas, S. P., vol. 10, nºs 1 e 2, dezembro de 1991, pp. 45-49.

Qualquer teoria de leitura necessariamente acaba se definindo em relação à origem do significado: estaria ela no próprio leitor, "produtor de todos os significados", ou estaria ela fora desse leitor, "fora do alcance de seu desejo, de seu contexto e de sua perspectiva"? Essas questões, que são, aliás, "a grande preocupação implícita de toda a filosofia e de todo o conhecimento", são particularmente importantes para as teorias de leitura que pretendem normatizar ou influenciar o ensino e a formação de leitores. O objetivo do ensaio em questão é "propor uma breve reflexão sobre algumas das implicações dessas teorias para o ensino da leitura". Em outras palavras, "que papéis reservam essas teorias para o leitor e para sua história? A quem – ou a quê – essas teorias atribuem o direito de julgar a qualidade ou a propriedade de uma leitura?"

30. "A Organização do GT e a Pesquisa em Tradução no País" (resumo). *Boletim Informativo - Número Especial*, 17, ANPOLL, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1992, pp. 159-160.

Por não terem um lugar devidamente demarcado dentro das instituições acadêmicas e, principalmente, por não terem ainda se organizado numa disciplina que desfrute do *status* de "área de concentração" nos nossos programas de pós-graduação – única exceção sendo o Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UNICAMP – os estudos sobre tradução têm se desenvolvido principalmente às margens da pesquisa que se faz tanto nas áreas de Letras como de Linguística. Essa marginalidade tem impedido o crescimento da área enquanto objeto de pesquisa e isolado aqueles a que a ela se dedicam. Conseqüentemente, além de desorganizada e incipiente, a pesquisa na área tem frutificado ao sabor do acaso e do capricho das outras áreas com lugar garantido nas instituições e nos programas de pós-graduação. Os esforços do GT de Tradução têm se concentrado numa tentativa de começar a mudar esse quadro. A partir da descentralização do GT e da constituição de GTs regionais nos estados onde havia membros ativos do GT nacional – Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul – temos tentado mapear, organizar e estimular a pesquisa em tradução que se pratica no país.

31. "A Tradução Passada a Limpo e a Visibilidade do Tradutor". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 19, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., janeiro/junho de 1992, pp. 57-73.

O ensaio propõe um paralelo entre o pressuposto básico da semiologia clássica de acordo com o qual há, por trás de todo signo, um referente externo ao sistema lingüístico, assim como há uma origem primordial e definida por trás de toda derivação; ou uma presença real e resgatável por trás de todo simulacro, com a relação geralmente estabelecida, dentro do logocentrismo, entre o "original" e sua tradução. Como argumenta Jacques Derrida, dentro da lógica da semiologia clássica, o signo e, em especial, a escritura, "como agente do adiamento da presença", "é concebível apenas com base na presença que adia e no movimento em direção à presença adiada que pretende resgatar" (cf. "*Différance*", in *Margins of Philosophy*, trad. de Alan Bass, Chicago, *The University of Chicago Press*, p. 9). Assim, de acordo com essa semiologia, "a substituição da coisa-em-si pelo signo é tanto secundária quanto provisória": "secundária em relação a uma presença original e perdida, a partir da qual se deriva o signo; provisória em relação a essa presença definitiva e ausente, em cuja direção o signo, nesse sentido, constitui um movimento de mediação" (idem). A partir dessa conclusão, o ensaio pretende rever a problemática da tradução e dos chamados "originais" dentro dos limites do logocentrismo, já que todas as metáforas (geralmente negativas e preconceituosas) que a tradição tem escolhido para descrever e explicar a relação original/tradução derivam precisamente dessa concepção clássica de signo e das relações que lhe permite estabelecer com seu referente. Quando se passam a limpo essas metáforas, entretanto, pode-se começar a compreender o papel transformador de qualquer atividade tradutória e a visibilidade inevitável de qualquer tradutor e qualquer tradutora. Examinam-se, entre outros projetos, um texto de Suzanne Jill ("*Translation as (Sub)Version: On Translating Infante's Inferno*", in *Sub-Stance* 42, pp. 85-93) e o ensaio "*Gender and the Metaphorics of Translation*", de Lori Chamberlain (in *Signs - Journal of Women in Culture and Society*, nº 13, Spring, pp. 454-72).

32. "A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Lingüísticos". *Alfa - Revista de Lingüística*, UNESP, São Paulo, vol. 36, 1992, pp. 67-80.

O objetivo principal do ensaio é explorar alguns pontos em comum entre a reflexão desconstrutivista e a pragmática de Quine, Davidson e Rorty em relação à tradução enquanto modelo de todo e qualquer processo de significação. Entre esses pontos, destaca-se o questionamento da concepção de realidade herdada do platonismo que prescreve a busca de "verdades" independentes de qualquer perspectivismo e da história. Em oposição a essa impossibilidade, tanto a desconstrução como a pragmática, apesar de suas diferenças, localizam na relação com o outro a única possibilidade de se estabelecerem significados, sempre provisórios e datados, sempre atrelados à situação e às circunstâncias em que se produzem.

33. "Laplanche Translates the Father of Psychoanalysis: The Main Scenes of A Family Romance". *Ilha do Desterro*, nº 28, 2º semestre de 1992, Florianópolis, S.C., pp. 51-62.

O texto propõe uma reflexão acerca da tradução a partir de algumas noções caras à psicanálise de Freud. Concentra-se em algumas declarações do psicanalista Jean Laplanche, responsável pela primeira tradução francesa das obras completas de Freud, cujo primeiro volume foi publicado em 1988 (cf. "Os dilemas da tradução Freudiana" e "Os postulados da razão tradutora", in *Folhetim, Folha de São Paulo*, 30 de julho de 1988, pp. B2-B11). O principal objetivo do ensaio não é o exame da controvérsia iniciada por essa tradução, sobretudo nas hostes da psicanálise francesa, mas o exame de alguns componentes do projeto que a provocaram. Como tento mostrar, o exame das implicações dos objetivos e dos princípios da tradução declarados por Laplanche a partir de noções básicas da própria teoria psicanalítica nos permite identificar um enredo exemplar das motivações subliminares que acompanham a atividade tradutória, além da relação complexa que se estabelece entre o tradutor e o autor que traduz. Assim, não parece ser por acaso que o jogo transferencial de amor e ódio que parece ocorrer entre os pressupostos de Laplanche como tradutor e o cânone freudiano – assim como ocorre entre qualquer "original" e sua tradução – revolve ao redor da questão da fidelidade, questão central de qualquer reflexão sobre tradução. Dividido entre o tributo que necessita e quer pagar ao pai/autor e o desejo de assmirm seu direito de produzir significado, o tradutor parece encontrar em suas declarações de fidelidade um refúgio da culpa que lhe permite não apenas ocupar o lugar do autor mas, também, declarar sua humildade e o reconhecimento de seu lugar de filho e de discípulo.

34. "Deconstruction and the Teaching of Translation: For a More Realistic Approach" (resumo). "Abstracts", "Translation Studies – An Interdiscipline", *Translation Studies Congress*, 9-12 de setembro, 1992, Viena, Áustria).

Ao questionar a possibilidade de qualquer significado intrínseco que pudesse ser objetivamente separável das circunstâncias em que é produzido (não simplesmente por um autor mas, sobretudo, por alguém na posição de leitor), a desconstrução de Jacques Derrida revolucionou a forma pela qual pensamos a tradução. Ao revisar o *status* do chamado "original" – enquanto depósito sagrado das intenções supostamente recuperáveis de um autor – além das relações tradicionais que geralmente se estabelecem entre o original e suas traduções, o pensamento desconstrutivista deixa de considerar a tradução como uma tentativa eternamente mal sucedida de transferência de significados estáveis de uma língua para outra, e de uma cultura para a outra, e passa a considerá-la como um ato inevitável de transformação. O principal objetivo deste trabalho é o exame das implicações de tal concepção para a prática e o ensino da

tradução. Como pretendo argumentar, uma reflexão sobre a tradução alimentada pelos *insights* que a desconstrução traz à nossa compreensão da relação entre sujeito e objeto nos permitiria reconhecer não apenas o papel autoral que os tradutores necessariamente desempenham em seu trabalho mas, também, as ligações inescapáveis que amarram seu trabalho às circunstâncias em que se realiza. A partir dessa perspectiva, o que deveria o tradutor “saber” para poder realizar seu trabalho adequadamente? Assim, o que deveria aprender um estudante de tradução antes de poder realizar seu trabalho profissionalmente? Seria possível aplicar uma teoria da tradução desconstrutivista ao planejamento de programas de formação de tradutores? E, se possível, que diferença a desconstrução poderia trazer para essa formação?

35. "Teorias de Tradução e a Questão do Texto Original". *Atas do IX Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL)*, vol. II, UNICAMP, Campinas, S.P., 1993, pp. 467-471.

O texto tem como objetivo examinar algumas relações entre a reflexão tradicional, essencialista, sobre os mecanismos da tradução e as concepções de texto e de interpretação que defende, implícita ou explicitamente. Ao mesmo tempo, coteja essas relações com aquelas que podem ser estabelecidas a partir da reflexão sobre tradução inspirada pelo desconstrutivismo de Jacques Derrida

36. "Sobre Leitura e Asceticismo: Reflexões em torno e a partir da Transferência". *Trabalhos em Linguística Aplicada*, nº 20, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., julho/dezembro de 1992, pp. 7-24.

Um dos alvos do pensamento crítico contemporâneo, influenciado sobretudo pela psicanálise de Freud e pela filosofia anti-essencialista de Nietzsche, é a figura do pensador enquanto perseguidor de verdades e caçador de essências, que se afasta de seus semelhantes e busca em sua mente, em sua suposta racionalidade, a forma de decifrar o real, olhando-o de cima com um olhar supostamente livre de qualquer desejo e das contingências de seu momento histórico e da comunidade a que pertence. Nesse isolamento e nessa pretensão, se assemelha ao asceta que, nas palavras de Richard Rorty, “busca se distanciar e se limpar daquilo que contempla” na esperança de atingir uma auto-negação, uma “*askesis* purificadora” que pudesse promover seu encontro com uma essência imutável e absoluta (cf. “*Heidegger, Kundera, and Dickens*”, in *Essays on Heidegger and Others*, Cambridge, Cambridge University Press, 1991, p. 70). A partir dessa imagem do intelectual asceta, o ensaio elabora uma reflexão acerca da impossibilidade desse asceticismo, buscando recursos em teóricos como Jean-

Jacques Lecercle, Jacques Derrida, Shoshana Felman, Harold Bloom, Jacques Lacan e Julia Kristeva, entre outros.

37. "As Relações Ambivalentes entre Tradutores e Teorias de Tradução". *Ao Pé da Letra -- Caderno de Tradução do Sindicato Nacional dos Tradutores*, ano I, nº 2, julho de 1993, pp. 8-9.

O ensaio tem como objetivo "incitar uma reflexão sobre as relações complexas que os tradutores geralmente parecem estabelecer com esse 'fantasma' ambíguo a que chamam de 'teoria de tradução'". Examina algumas declarações sobre teoria expressas por dois tradutores de destaque: o brasileiro Paulo Vizioli (em entrevista publicada pela revista *Trabalhos em Linguística Aplicada*, 1, junho de 1988, IEL-UNICAMP, p. 57), e a francesa Dominique Aury, responsável pelo prefácio ao clássico de Mounin, *Os Problemas Teóricos da Tradução* (trad. de Heloysa de Lima Dantas, Editora Cultrix, São Paulo, 1975, p. 9).

38. "Deconstruction and the Teaching of Translation". *TextconText*, Julius Groos Verlag, Heidelberg, Alemanha, vol. 9, 1994, pp. 1-12.

O ensaio tenta estabelecer relações entre o que geralmente se imagina que os tradutores devam saber para que façam seu trabalho adequadamente e a reflexão dominante sobre o ensino e a formação de profissionais da área. A partir de um texto exemplar, de Stephen H. Straight, (in Marilyn G. Rose, ed., *Translation Spectrum – Essays in Theory and Practice*, Albany, 1981, pp. 41-51), tenta mostrar que, para a tradição essencialista, "a dimensão do 'conhecimento' explícita, ou implicitamente, exigida dos tradutores para o sucesso de seu trabalho não parece ter limites humanos". Assim, o tradutor "idealizado por uma cultura que gira em torno do conceito de *logos* e de seus diversos disfarces deveria conhecer idealmente tudo que há para ser conhecido". A partir desse cenário, que pressupõe uma noção de conhecimento enquanto acumulação estável e preservável de informações supostamente neutras e objetivas, e em que a tarefa tradutória idealmente envolve, portanto, a preservação idealizada dos significados originais sem alterações ou perdas, não é de surpreender que geralmente se associe a tradução ao fracasso e à incompetência. Ao invés de se ensinar aos aspirantes a tradutores que seu objetivo é o impossível e a onipotência, pressupostos implícitos das propostas logocêntricas, o ensaio defende uma abordagem ao ensino que parta de um conceito de conhecimento que se baseie, por exemplo, na conclusão de Michel Foucault, de acordo com a qual "a verdade não se encontra fora da esfera do poder" ("*Truth and Power*", in Paul Rabinov, ed., *The Foucault Reader*, Nova York 1984, 51-75), promovendo o desenvolvimento e a implementação de uma

proposta pedagógica que leve em conta não apenas o poder inegável do trabalho tradutório mas, sobretudo, as responsabilidades envolvidas em se assumir tal poder.

39. "A Tradução como 'Problema Teórico', As Estratégias do Logocentrismo e A Mudança de Paradigma". *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 1, 1994, pp. 39-48.

O objetivo principal do ensaio é examinar o contraste entre a concepção tradicional de tradução, referendada pelas principais disciplinas que se dedicam ao estudo da linguagem a partir de uma perspectiva logocêntrica, para as quais a tarefa do tradutor é necessariamente um "problem" e, muitas vezes, uma impossibilidade, ou até mesmo um constrangimento, e as reflexões que começaram a proliferar particularmente no final da década passada, de inspiração pós-estruturalista ou pós-moderna, e que liberam a tradução de seu estigma milenar de "problema teórico". Essa mudança de paradigma abre perspectivas animadoras para a tradução não apenas enquanto objeto de estudos da linguagem, mas também para a sua prática. Examinam-se, sobretudo, dois textos exemplares das duas tendências, coincidentemente do mesmo autor, Joseph F. Graham: "Theory for Translation" (in M. G. Rose, ed., *Translation Spectrum – Essays in Theory and Practice*, Albany, State University of New York Press, 1981, pp. 23-30) e a Introdução a *Difference in Translation*, organizado pelo autor (Ithaca, Cornell University Press, 1985, pp. 13-30), que mostram um percurso interessante da mudança de paradigma. Um caminho semelhante parece ter sido trilhado por Susan Bassnett, como mostra o exame de seu *Translation Studies* (Londres, Methuen & Co., 1978), quando comparado ao primeiro livro que essa autora organizou em colaboração com Andre Lefevere, *Translation, History and Culture* (Nova York, Pinter Publishers, 1990).

40. "Feminist, 'Orgasmic' Theories of Translation and Their Contradictions". *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 2, 1995, pp. 67- 75.

O principal objetivo do ensaio é o exame de algumas reflexões teóricas sobre a tradução inspiradas pelo feminismo contemporâneo e amparadas numa reflexão sobre a linguagem de vocação supostamente pós-moderna. Tem como alvo mais imediato o texto "Writing in No Man's Land: Questions of Gender and Translation", de Susan Bassnett (*Ilha do Desterro*, Universidade Federal de Santa Catarina, nº 28, 2º semestre de 1992, pp. 63-73). Como argumenta o ensaio, a proposta de Bassnett de uma "teoria de tradução orgásmica" – que pudesse transcender os modelos tradicionais "colonialistas" e "machistas" – e defendida, também, em termos semelhantes, por

teóricas como Lori Chamberlain, Barbara Godard e Susanne de Lotbinière-Harwood, entre outras, ao invés de se opor frontalmente à “violência” das teorias que rejeita, acaba por endossar algumas das mesmas estratégias que tanto combate nas concepções de ascendência patriarcal. Como tenho proposto, a grande contribuição que as teorias de linguagem contemporâneas (vinculadas ao pós-estruturalismo e à pós-modernidade) podem oferecer à reflexão sobre a tarefa da tradutora, ou do tradutor, é exatamente a noção de que toda tradução – como todo ato interpretativo – por se constituir inevitavelmente numa forma de re-escritura, numa interferência eminentemente autoral, será também “violenta”, ou seja, implicitamente se apoderará da escritura de outrem e sobre ela imporá seus próprios significados, ainda que tenha como única meta a proteção ao chamado “original”. Assim, para que uma teoria de tradução feminista possa ser também pós-moderna terá que reconhecer, em primeiro lugar, que o prazer da tradutora, ao se apossar do texto que traduz e ao interferir explícita e implicitamente em sua rede de significados, está mais ligado ao prazer autoral de quem imagina poder inaugurar o significado do que à satisfação de uma “colaboração” supostamente pacífica e “orgásmica” com o “original”.

41. *"Postmodernism, the Emergence of Translation Studies and the Empowerment of the Translator"*, resumo de trabalho publicado. *"Bulletin Newsletter"*, *Canadian Association for Translation Studies*, Montreal, 1995, p. 39.

Na tradição dominada pelo logocentrismo, a tradução é geralmente vista como um problema teórico que desafia os pressupostos básicos da maioria das disciplinas dedicadas aos estudos da linguagem. Como o trabalho pretende ar argumentar, não parece ser por acaso que a tradução tem conquistado um espaço mais definido dentro da universidade e da reflexão sobre a linguagem a partir dos anos 1980, ao mesmo tempo em que a “visibilidade” do tradutor e da tradutora nos textos que traduzem começa a ser reconhecida, não como um inconveniente que precisa ser evitado, mas como uma consequência inevitável de qualquer ato de interpretação. O reconhecimento da importância das questões teóricas levantadas pela tradução, não apenas para sua área específica, mas, também, para a reflexão mais ampla sobre a linguagem, parece coincidir com a disseminação de teorias da linguagem e da cultura vinculadas à pós-modernidade e ao pós-estruturalismo. Nesta era pós-moderna, herdeira de Nietzsche e de Freud, que desiste do culto ao mesmo e começa a considerar a tradução como um paradigma de qualquer relação que se pode estabelecer com o Outro, o poder dos tradutores e o reconhecimento de seu papel autoral são consequências previsíveis.

42. "Postmodernism and the Teaching of Translation", resumo de trabalho publicado. In *Abstracts: Elsinore Conference 1995*, Dinamarca, editado por Cay Dollerup e Kirsten Holmboe, p. 49.

As noções tradicionais de tradução e de ensino – e, portanto, também de ensino de tradução – compartilham as mesmas concepções essencialistas de conhecimento e de significado enquanto categorias estáveis e puramente objetivas que poderiam ser manipuladas sem interferência do contexto, nem dos sujeitos envolvidos. Essas concepções têm sido especialmente prejudiciais para a tradução, tanto como profissão quanto como objeto de pesquisa, já que é associada, em geral, a algum tipo de fracasso, sobretudo em relação a um ideal de uma fidelidade inatingível ao chamado "original". A partir dessa perspectiva, como deveríamos ensinar a traduzir? Como poderíamos determinar o conhecimento que os estudantes de tradução devem adquirir para que possam realizar adequadamente seu trabalho profissional? A meta deste trabalho é o exame das respostas fora da realidade que geralmente são dadas a essas perguntas pela tradição intelectual informada por concepções logocêntricas de linguagem e de sujeito e, particularmente, por alguns dos modelos didáticos produzidos nessa tradição.

43. "Fidelity and the Gendered Translation". In *TTR (Traduction, Terminologie, Rédaction) -- Études sur le texte et ses transformations*, vol. VII, nº 2, 2^{ième} semestre 1994, Association Canadienne de Traductologie, pp. 147- 163.

As teorias da linguagem vinculadas à pós-modernidade mudaram drasticamente as formas pelas quais encaramos a tarefa tradutória e as relações que podem se estabelecer entre o chamado original e suas versões estrangeiras. Um dos *insights* mais importantes que nos trouxeram essas teorias é o reconhecimento do papel inescapavelmente autoral do tradutor na elaboração do texto traduzido. Ao mesmo tempo, uma conscientização cada vez maior acerca do impacto de questões associadas ao gênero sobre a produção do significado começa a encorajar uma interface promissora entre feminismo, teorias textuais contemporâneas e a disciplina emergente dos estudos da tradução. Essa interface começou a produzir um novo tipo de traduções com motivações explicitamente políticas, além de uma reflexão inovadora tanto sobre as questões relacionadas à tradução como ao gênero, estimulando algumas tradutoras a escrever sobre sua prática feminista e sobre as estratégias que explicitamente empregam para subverter os originals com os quais discordam. Contudo, como pretende argumentar o ensaio, embora seu trabalho e seus comentários teóricos revelem que suas vozes já conquistaram um espaço merecido dentro do cenário (ainda) predominantemente essencialista da cultura patriarcal, elas parecem repetir alguma versão do mesmo pressuposto que trata originais e traduções de forma diferente, e que elas mesmas apropriadamente condenam nas teorias tradicionais de tradução e de

gênero. Na medida em que disfarçam sua intervenção consciente nos textos que traduzem sob a máscara de alguma versão "estável" do original que explicitamente descontroem, essas tradutoras mostram que não levam realmente a sério suas próprias conclusões, correndo o risco desnecessário de prejudicar a integridade e a coerência de seu trabalho.

44. "Ensino, Conscientização Política e Pós-Modernismo". In *Trabalhos em Linguística Aplicada*, UNICAMP, Campinas, 23, Jan./Jun. 1994, pp. 97-106.

O principal objetivo deste ensaio é a tentativa de responder a uma pergunta: seria possível chegarmos à sistematização de uma perspectiva desconstrutivista, pós-moderna para a tarefa do tradutor num modelo pedagógico que fosse aplicável universalmente nas disciplinas de prática de tradução oferecidas em algumas de nossas universidades? Em outras palavras, e em termos mais genéricos, seria coerente com a reflexão pós-moderna uma tentativa de sistematizá-la num método? Como o ensaio tenta argumentar, as principais características da reflexão que geralmente se rotula de "pós-moderna" (aqui representada, por exemplo, pelo trabalho de Jean-François Lyotard) não nos levariam a um "modelo" pedagógico, mas a um "anti-modelo", no centro do qual encontraremos a conscientização do professor e da professora de que não há "metanarrativa" que possa mascarar a luta pelo poder que motiva qualquer projeto, inclusive a busca intelectual que constitui o projeto pedagógico. A partir dessa perspectiva, a primeira meta de qualquer projeto de ensino seria a desconstrução de suas próprias estratégias e motivações. Ao invés de simplesmente "proteger" e "transmitir" um corpo de conhecimentos supostamente neutro e estável, o professor pós-moderno tentaria expor as lutas pelo poder que sublinham as relações estabelecidas na própria sala de aula onde ensina e onde sua "autoridade textual" (nos termos de Aronowitz e Giroux 1991) é exercida. Para a professora de tradução, essa pedagogia traria a conscientização de que, ao invés de tentar ensinar seus alunos a empreender a impossível busca da tradução absolutamente "correta", o que estaria fazendo é tentar convencer seus alunos a assumir o poder de aprender aquilo que torna uma tradução particularmente bem-sucedida nas comunidades culturais onde pretendem atuar, ao mesmo tempo em que os estimula a refletir sobre as implicações e as limitações políticas da própria profissão que escolheram.

45. "Translation and Postmodernism in Calvino's *Se una notte d'inverno un viaggiatore*". *La Traduzione -- Saggi e Documenti II*, LIBRI E RIVISTE D'ITALIA, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Divisione Editoria, 1995, pp. 41-56.

A partir de alguns textos de Roland Barthes sobre o prazer do texto e do conhecido ensaio de Foucault sobre a autoria, o ensaio propõe uma leitura de um romance do autor italiano Italo Calvino, em sua versão inglesa, *If on a Winter's Night a Traveler* (trad. de William Weaver, Nova York, Harcourt Brace Jovanovich, 1981). O enredo de Calvino, confessadamente influenciado pelo pensamento e pela ficção de Jorge Luis Borges e que apropriadamente gira em torno de relações entre leitores e textos, leitor e leitora, leitor e autor, leitores e tradutor, tradutor e autor, propicia uma reflexão esclarecedora acerca dos desejos e motivações que produzem as leituras, a escritura de “originais” e as traduções e, também, acerca da forma pela qual essas “produções” são julgadas socialmente.

46. "Literature as Fetishism: Some Consequences for a Theory of Translation". *Meta - Journal des traducteurs, Translator's Journal, Les Presses d l'Université de Montréal*, vol. 41, nº 2, juin 1996, pp. 208-216.

O ensaio examina diferentes tentativas de se definir o o “literário” e o “poético”, tendo como meta esmiuçar suas relações com a tradução que, numa cultura que cultiva o mito das essências e dos significados estáveis, nunca foram amigáveis. Utiliza como exemplo, entre outros, um texto de Edgar Allan Poe, “*The Philosophy of Composition*”, que expressa o desejo essencialista (e dominante) de que a linguagem da poesia pudesse ser intocável e pertencente à esfera do não-arbitrário, funcionando como um depósito seguro do poético imaginado e criado pelo poeta. É precisamente nesse contexto que se discute, por exemplo, a intraduzibilidade da linguagem poética. Como alternativa, o ensaio propõe que se compreendam essas noções tão inescapavelmente ligadas às noções da linguagem literária e, sobretudo, poética e à “inadequação” das traduções desse tipo de linguagem com base em alguns textos de Freud como, por exemplo, “*Creative Writers and Daydreaming*”, “*On Infantile Sexual Theories*”, e nas leituras que Jacques Lacan e Samuel Weber, entre outros, propuseram a partir desses textos. A partir da noção freudiana de fetichismo, enriquecida pela leitura de outros estudiosos do fetiche, como Jane Gallop, Michel Leiris, John Forrester e Emily Apter, o ensaio elabora uma relação entre essa noção e a forma “especial” com que nossa cultura sempre encarou alguns tipos de linguagem.

47. "On Perverse Readings, Deconstruction, and Translation Theory: A Few Comments on Anthony Pym's *Doubts*". *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 3, 1996, pp.9-21.

Num ensaio publicado na edição de 1995 de *Tradterm*, Anthony Pym pretende fundamentar sua crítica às abordagens teóricas da tradução de ascendência desconstrutivista na “comparação de quatro versões de uma frase de Derrida” que encontra em textos de Barbara Johnson, Andrew Benjamin e Rosemary Arrojo. Meu ensaio tem como objetivo principal propor alguns comentários à suposta “desconstrução” perpetrada por Anthony Pym com base, principalmente, em sua própria declaração de que as leituras que apresenta são “perversas” e “pequenas”. Como pretendo argumentar, a “perversidade” e a “trivialidade” de sua crítica, sobretudo por sua falta de rigor e cuidado, são essencialmente inócuas e não chegam a abalar, como quer Pym, “a pertinência geral da desconstrução” para uma teoria da tradução.

48. "Os Estudos da Tradução na Pós-Modernidade, o Reconhecimento da Diferença e a Perda da Inocência". *Cadernos de Tradução*, G.T. de Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, nº 1, 1996, pp. 53-70.

O texto aborda as principais manifestações da reflexão associada à pós-modernidade e que começou a ser mais intensamente divulgada, sobretudo no circuito universitário anglo-americano, a partir do final dos anos 1970 e início da década seguinte. Dentre essas manifestações, distinguem-se geralmente quatro grandes tendências, nem sempre claramente demarcáveis: o néo-pragmatismo, o novo marxismo, o feminismo contemporâneo e o pós-estruturalismo. O ensaio estabelece as principais relações entre essa reflexão e os estudos da tradução contemporâneos e as contrasta com as teorias de tradução essencialistas, propostas sobretudo pela lingüística pós-saussuriana, além das relações que essas teorias estabelecem com o conceito de modernidade ainda vinculado ao ideal iluminista cultivado pela cultura europeia do século XVIII. O principal argumento defendido pelo ensaio é a noção de que é somente dentro de um paradigma inspirado por concepções de linguagem e texto associadas à pós-modernidade que os tradutores podem realmente assumir a responsabilidade autoral por suas interferências e por sua inevitável visibilidade nos textos traduzidos. Não haveria, portanto, uma ética da tradução que pudesse estar dissociada dos interesses a que inevitavelmente serve. Quanto mais conscientes estiverem do papel autoral que exercem ao traduzir qualquer texto, por mais despretencioso que seja, menos cego e menos ingênuo será o trabalho fundamental que exercem na constituição de identidades e culturas nacionais.

49. "Asymmetrical Relations of Power and the Ethics of Translation". *TEXTconTEXT*, Verlag, Heidelberg, vol. 11, NF 1, 1997, pp. 5-24.

O ensaio observa que o estudo da tradução sempre envolveu especulações sobre ética, inspiradas sobretudo pelo desejo de se estabelecer um conjunto de princípios e regras gerais, unanimemente aceitáveis, que pudessem organizar, disciplinar e avaliar a tarefa tradutória. A expectativa de formular leis universais que pudessem reger o trabalho de tradução, quaisquer que fossem as línguas, as culturas, os interesses e os contextos envolvidos, persegue o pensamento sobre a questão desde Cícero e Quintiliano, passando por Dolet e Tytler e incluindo grande parte dos teóricos de nossos tempos, de Mounin, Catford e Nida até Juliane House, Peter Newmark and Joseph Graham, apenas para mencionar alguns. A concepção de teoria e ciência que subjaz a essa expectativa está diretamente associada a uma concepção moderna, idealizada da relação que se pode estabelecer entre sujeito e objeto, uma relação que é, sem dúvida, ditatorial. Como tem tentado mostrar a reflexão pós-moderna, a negação da diferença implícita nesse sonho de universalização tem sido uma estratégia eficiente daqueles que detêm o poder para justificar e legitimar suas opções e visões de mundo e de manter excluídos aqueles que dominam. O objetivo do texto em questão é o exame de alguns projetos teóricos de tradução vinculados à pós-modernidade e ao pós-colonialismo e o contraste entre a ética de tradução que defendem e aquela defendida tão teimosamente pela tradição essencialista.

50. "Neo-Pragmatism and the Traditional Gap between Theory and Practice in Translation" (resumo). "Bulletin Newsletter", *Canadian Association for Translation Studies*, Canada, junho de 1997, p. 7.

Para as teorias de tradução tradicionais especialmente associadas às teorias essencialistas de linguagem, interessadas em estabelecer princípios universais para a tarefa do tradutor, a prática da tradução nunca foi muito mais do que um incômodo que teimosamente resiste ao científico e ao objetivo. A partir dessa perspectiva, a interferência indesejável das circunstâncias do tradutor no texto traduzido tem sido o principal obstáculo a ser vencido pela teoria. Como têm tentado argumentar as teorias da linguagem, da cultura e do sujeito associadas à pós-modernidade, a tentativa de reproduzir a identidade de um texto e de neutralizar a visibilidade de seu intérprete tem-se mostrado apenas uma ilusão. Entre essas teorias, a reflexão geralmente associado ao néo-pragmatismo (representado, por exemplo pelo trabalho de Richard Rorty) é particularmente relevante para se reavaliar a relação geralmente estabelecida entre a teoria e a prática da tradução. Ao desistir da possibilidade de uma filosofia universal que pudesse se libertar das circunstâncias históricas e ideológicas do filósofo, e ao redefinir a filosofia como o diálogo contínuo da humanidade, o néo-pragmatismo pode auxiliar os estudos da tradução a abrir mão do sonho de uma teoria puramente racional e divorciada da prática real para que possamos começar a lidar com as questões que são realmente relevantes para a tarefa tradutória.

51. "Postmodernism, the Emergence of Translation Studies and the Empowerment of the Translator": APLIEMGE -- Ensino & Pesquisa -- Revista da Associação de Professores de Língua Inglesa do Estado de Minas Gerais, FAPEMIG, 1997, 1, 163-174.

O ensaio associa o tipo de abordagem prescritivista e de aspirações universalistas defendida, por exemplo, por aqueles que encontram na lingüística o seu modelo e sua base, aos ideais de modernidade e cientificismo que por muito tempo inspiraram as chamadas ciências exatas. Propõe, como alternativa, uma abordagem crítica, inspirada na pós-modernidade, que poderia "apontar a ingenuidade de muitos dos procedimentos da modernidade, ao revelar suas contradições e as formas auto-referencias da valorização que propõe" (K. Racevskis, in *Postmodernism and the Search for Enlightenment*, Charlottesville e Londres, University Press of Virginia, 1993, pp. 82-83, minha tradução). Conseqüentemente, a partir dessa perspectiva, poderíamos adotar "uma abordagem mais prática" que não mais procuraria encontrar validação em projetos supostamente universais e alijados das questões e dos interesses históricos e sócio-culturais de uma determinada comunidade, num determinado tempo e lugar.

52. "Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission". *Translation and Literature*, vol. 6, part 2, Edinburgh University Press 1997, pp. 268-271.

Resenha do livro de Sherry Simon, *Gender in Translation: Cultural Identity and the Politics of Transmission* (Londres e Nova York, Routledge. 1996). O texto destaca a importância do livro em questão por contribuir para o alargamento das fronteiras dos estudos da tradução, ainda muito dependentes das disciplinas tradicionais e de ascendência predominantemente essencialista, como a lingüística, a teoria literária e até mesmo a semiótica e a filosofia. Ao oferecer a primeira tentativa de mapear a interface entre tradução e estudos do gênero em forma de livro, Simon sem dúvida consegue, como se propõe, "levar os estudos da tradução para uma perspectiva mais ligada aos estudos da cultura". Seu trabalho é, sem dúvida, eficiente ao explorar questões fundamentais que pertencem não apenas à interface que aproxima feminismo e tradução, mas que são também relevantes para qualquer discussão sobre tradução num contexto pós-moderno: por exemplo, as implicações da "autoridade e da responsabilidade" do tradutores, a "ética do sujeito tradutor", "fidelidade", e a "dimensão histórica da tradução". Além disso, o livro fornece informações importantes sobre tradutoras de várias épocas e de várias culturas como, por exemplo, Madame de Staël, Margaret Fuller, Eleanor Marx, Constance Garnett, Jean Star Untermyer, entre

outras, além de examinar o impacto de seu trabalho sobre as culturas que auxiliaram a constituir. O único senão apontado na resenha se deve a uma contradição fundamental que tem perseguido os projetos das tradutoras feministas associadas à pós-modernidade e que é totalmente endossada por Simon: ou seja, a argumentação de que, apesar de explicitamente deixarem sua marca feminista nos textos traduzidos, essas tradutoras continuam "fiéis" aos originais que declaram subverter.

53. "The Revision of the Traditional Gap between Theory & Practice & the Empowerment of Translation in Postmodern Times". *The Translator, Studies in Intercultural Communication*, volume 4, number 1, 1998, St. Jerome Publishing, pp. 25-49.

Na tradição dominada por noções essencialistas, a tradução é geralmente considerada um resistente problema teórico que desafia os pressupostos básicos da maioria das disciplinas tradicionais. O fato de que a tradução tem conquistado um espaço mais definido dentro dos estudos da linguagem e da cultura a partir da década de 1980 parece estar diretamente relacionado à disseminação de concepções de significado associadas à pós-modernidade, que têm questionado a noção de "original" enquanto entidade estável e objetivamente transferível, além de propor uma revisão radical da dicotomia tradicional que sempre subjugou a prática ao suposto controle da teoria. A partir do momento em que encaramos a tradução como uma forma de transformação, finalmente podemos começar a deixar para trás os velhos impasses que tanto paralisaram a reflexão na área por mais de dois mil anos. A partir dessa perspectiva, o texto examina algumas abordagens contemporâneas – tais como as propostas por Mona Baker, Basil Hatim e Ian Mason, James S. Holmes, Juliane House, Jean-René Ladmiral and Kirsten Malmkjaer, entre outros -- focalizando suas expectativas impossíveis em relação à teoria ("theory hope", nas palavras de Stanley Fish in *Doing What Comes Naturally – Change, Rhetoric, and the Practice of Theory in Literary and Legal Studies*, Durham e Londres, Duke University Press).

54. "Ethics, the Fear of Difference, and the Scandal of Translation" (resumo). X Jornada de Estudos Americanos -- Tradução/Transculturização, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998, p. 6.

Grande parte do discurso dominante sobre tradução geralmente gira em torno do desejo de neutralizar diferenças e de atingir uma repetição perfeita. Através da leitura do conto "The Oval Portrait", de Edgar Allan Poe, que problematiza o papel fundamental do tradutor como pintor na transformação inevitável que ocorre no processo de tradução enquanto retrato, pretendo examinar as principais implicações do

código de ética implícito e explícito que tem inspirado as expectativas essencialistas em relação à tarefa tradutória. Nesse enredo exemplar, que revê radicalmente a associação tradicional entre tradução e a morte do original, o protagonista do conto de Poe milagrosamente produz uma repetição perfeita de seu modelo e esposa. Ao mesmo tempo, contudo, também é punido com a morte de sua amada à medida em que sua vida e sua beleza são literalmente transferidas para o retrato. Ao punir o pintor/tradutor por sua dedicação quase exclusiva ao retrato e por seu desejo autoral, o enredo de Poe parece refletir a mesma desconfiança que o essencialismo geralmente associa à tradução. Paradoxalmente, entretanto, também mostra que o retrato, ou a tradução, apesar de sua fidelidade aparentemente radical ao modelo, inevitavelmente adquire uma vida independente e se torna mais real do que o próprio original já morto. Ao tornar ficção aquilo que J. Gerald Kennedy chamou de “o escândalo da tradução” (cf. *Poe, Death, and the Life of Writing*. New Haven e Londres, *Yale University Press*, 1987), o conto de Poe nos oferece uma ilustração exemplar das ilusões associadas às expectativas éticas tradicionais que ainda determinam as formas pelas quais a maioria de nós ainda pensa sobre a tradução.

55. "Writing, Translation, and the Power Struggle for the Control over Meaning" (resumo). *Abstracts, EST Congress -- Granada 1998, European Society for Translation Studies*, p. 6.

Para as teorias de linguagem e cultura de base não-essencialista, há uma relação íntima entre a escritura e o desejo do escritor de estabelecer e proteger seus significados da interferência invasiva do outro. A partir dessa perspectiva, o trabalho propõe uma reflexão sobre algumas das conseqüências decorrentes da luta implícita pelo poder que parece ocorrer nos bastidores da escritura e da leitura, e que encontra na atividade tradutória um paradigma exemplar. Em primeiro lugar, examinam-se imagens da escritura como um processo obsessivo de construção (ou de tessitura de labirintos) num conto de Franz Kafka em sua versão inglesa ("The Burrow") e num texto de Jorge Luís Borges (também em sua versão inglesa, "Death and the Compass"), que colocam o leitor, ou o intérprete/visitante em potencial, no papel desconfortável do intruso cuja interferência tem que ser impedida ou neutralizada a qualquer custo. Em seguida, se analisará o perfil de um personagem que encarna o papel melancólico do tradutor "visível" como ladrão no conto "O Tradutor Cleptomaniaco" (em sua versão brasileira), do húngaro Dezso Kosztolányi, com o objetivo de examinar como a tradução e o tradutor são tratados no mundo ficcional construído pela escritura e, acima de tudo, pela aceitação cega da autoria como o direito exclusivo daqueles que escrevem originais. No momento em que escritor e intérprete (ou tradutor) se enfrentam num espaço que, de acordo com a tradição, deve estar sob o controle completo do primeiro, podemos encontrar uma explicação plausível para o preconceito

resistente que tem tentado banir a interferência do tradutor e minimizar seu papel na produção de textos e na construção da cultura.

56. "Translation, Colonialism, and Conversion: Expanding Horizons for Translation Studies". *The Translator -- Studies in Intercultural Communication*, volume 4, number 2, 1998, St. Jerome Publishing, pp. 343-349.

Resenha do livro fundamental de Vicente L. Rafael, *Contracting Colonialism – Translation and Christian Conversion in Tagalog Society under Early Spanish Rule* (Cornell University Press, 1988; Durham & Londres, Duke University Press, 1993/1996). Destaca o valor do livro enquanto ilustração exemplar da fecundidade potencial de noções de linguagem e texto de ascendência pós-estruturalista para uma reflexão geral sobre tradução e seu papel estratégico na formação de culturas e identidades, em especial a partir da perspectiva de uma historiografia pós-colonial interessada na reavaliação dos termos que em geral se associam à oposição entre o colonizador e o colonizado, entre o europeu e o não-europeu, ou entre o civilizado e o "selvagem". O livro, nas palavras do próprio autor, se concentra "na relação difícil entre tradução e conversão durante a colonização espanhola dos tagalogues das Filipinas [...] desde o final do século XVI até o início do século XVIII" (p. ix), e tem como meta "reconstruir a rede de relações de poder – a dialética de coerção e cumplicidade, violência e idealismo – que une colonizadores a colonizados, o estado-nação ao povo, e uma 'Europa moderna' a uma 'não-Europa' que ainda precisa se modernizar". Ao mesmo tempo, pretende traçar "aquilo que permanece excêntrico e excessivo em relação a essas relações binárias", resistindo e escapando à tradução entre culturas e outros sistemas semióticos" (pp. ix-xi). Como defende a resenha crítica, o autor atinge plenamente seus objetivos. Embora se concentre essencialmente numa área e num tópico bastante específicos, seu exame competente das nuances e das implicações do papel fundamental desempenhado pela tradução na formação da identidade, da história e da cultura nas Filipinas tem muito a ensinar aos especialistas em tradução em geral, mesmo àqueles não interessados em questões ligadas ao pós-colonialismo. Esses poderão encontrar no livro uma discussão absolutamente pertinente e atualizada a respeito de questões fundamentais, tais como a (im)possibilidade da equivalência, as complexidades da fidelidade e da infidelidade, estratégias domesticadoras X estratégias estrangeirizadoras, a (in)visibilidade do tradutor, etc. etc.

57. "Os 'Estudos da Tradução' como Área de Pesquisa Independente: Dilemas e Ilusões de uma Disciplina em (Des)Construção", *D.E.L.T.A.*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, S.P., vol. 14, nº 2, 1998, pp. 423-454.

A partir da década de 1960, a reflexão sobre tradução começou a conquistar espaços mais definidos dentro das instituições e publicações acadêmicas. Desde então, as tentativas explícitas de ampliar e consolidar esses espaços, de caráter basicamente essencialista, têm declarado seu interesse em tornar essa reflexão o mais racional e sistemática possível, o que não apenas a legitimaria enquanto área de pesquisa, mas também como instrumento legislador de toda a prática de tradução, quaisquer que seja as línguas, os objetivos e as circunstâncias envolvidas. Este ensaio se propõe apresentar um perfil crítico das principais tentativas de ocupação dos territórios acadêmicos reivindicados em nome dos "estudos da tradução", mostrando que o que as têm motivado, sobretudo, é um certo impulso imperialista em que o que está realmente em jogo é o prestígio e o poder das tendências em nome das quais se pretende disciplinar a tarefa do tradutor.

58. *"Training the Visible Translator in the Context of Anti-Essentialism"*, programa do evento *III Jornades de Traducció a Vic -- La Formació de traductors i intèrprets: Noves orientacions per al Mil·lenni, Universitat de Vic, Facultat de Ciències Humanes, Traducció i Documentació*, Espanha, maio de 1999, pp. 265-278.

O trabalho, apresentado em mesa-redonda organizada pelo evento, teve como objetivo responder à pergunta formulada, com antecedência, pelos organizadores: "Como poderemos levar em conta, em nossos programas e currículos, a proliferação de identidades culturais recentemente definidas e a instabilidade das fronteiras culturais?" Além da pergunta, foram propostas, para a elaboração da resposta, duas citações curtas: a primeira de E. W. Said, *"No one today is purely one thing. Labels like Indian, or woman, or Muslim, or American are no more than starting-points, which if allowed into actual experience for only a moment are quickly left behind"* (*Culture and Imperialism*, Nova York, Vintage, p. 407); e a segunda, de C. Fusco, *"The border experience can happen whenever and wherever two or more cultures meet peacefully or violently"* (*English Is Broken Here*, Nova York, The New Press, 1995, p. 149). O trabalho desenvolve o argumento de que a resposta à pergunta proposta apenas poderia ser formulada a partir de uma perspectiva não-essencialista que pudesse contemplar e respeitar a diferença.

59. *"'O Tradutor Cleptomaniaco' e a Mudança de Paradigma nos Estudos da Tradução"*, *Anais do I Congresso Ibero-Americano de Tradução e Interpretação (I CIATI) -- Tradução, Interpretação e Cultura na Era da Globalização*, 1999, pp. 99-102.

O texto resume a conferência de abertura apresentada durante o I CIATI, que foi dedicada à memória de Fernando Tarallo. A partir de uma breve reflexão sobre o papel do Fernando na história dos cursos de tradução na Faculdade Ibero-Americana e na minha própria trajetória de pesquisadora da área, o texto faz um breve balanço sobre o “boom” dos estudos da tradução na última década do século, que tenho atribuído a uma aceitação cada vez maior do que se tem chamado de a “visibilidade” do tradutor (e da tradutora) no trabalho que realizam, permitindo uma maior visibilidade da tradução enquanto área de pesquisa que luta por um lugar demarcado na academia. Na prática, entretanto, ainda é grande o preconceito em relação à profissão. Como ilustração desse preconceito e da forma como a tradução ainda é geralmente vista numa cultura e numa sociedade que idealiza o original, o texto propõe uma leitura do conto de um autor húngaro, Dezso Kosztolányi, intitulado “O Tradutor Cleptomaniaco”, em tradução para o português de Ladislao Szabo (*O Tradutor Cleptomaniaco*, São Paulo, Editora 34, pp. 7-10).

60. “Algumas Relações entre Marginalidade e Prescritivismo: A Tradução e o Tradutor como Objetos de Pesquisa”, *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 29, 2000, pp. 43-51.

A principal meta deste ensaio é o exame do tratamento peculiar que a tradução e os tradutores em geral têm recebido por parte dos estudos da linguagem de base essencialista. Em geral vista como uma técnica, que idealmente poderia ser desenvolvida por modelos supostamente científicos, a tradução tem sido virtualmente ignorada como uma forma de escritura que contribui para a formação da cultura e da história. Como a área dos estudos da tradução continua praticamente dominada por estudos de base essencialista, interessados em diminuir, e até mesmo neutralizar, diferenças e assimetrias, os tradutores e as traduções ainda são, fundamentalmente, objetos de estudos prescritivistas que têm reduzido qualquer reflexão na área aos mesmos clichês que se repetem há, pelos menos, dois mil anos. Ao invés de enriquecerem e ampliarem esses estudos, explorando, inclusive, as relações fundamentais que a tradução estabelece com outras áreas de pesquisa, os especialistas, em sua grande maioria, se encontram praticamente paralisados em sua perseguição de modelos que literalmente infantilizam e subestimam os tradutores e continuam ignorando sua responsabilidade direta na formação direta de qualquer cultura.

61. “Shared Ground in Translation Studies”, em colaboração com Andrew Chesterman. *Target – International Journal of Translation Studies*, John Benjamins Publishing Company, 12:1, 2000.

O texto, em colaboração com Andrew Chesterman, da Universidade de Helsinque, na Finlândia, surgiu a partir da proposta deste de que formalizássemos alguns dos principais pontos debatidos durante o “Congresso sobre Formação de Tradutores e Intérpretes”, realizado na Universidade de Vic, Espanha, em maio de 1999. Um dos temas discutidos durante o evento foi o contraste básico entre aqueles que propõem uma abordagem aos estudos da tradução a partir dos estudos da cultura, de vocação pós-moderna, geralmente associada a concepções de linguagem e texto anti-essencialistas, e aqueles que defendem esses estudos como uma área empírica e puramente descritiva. A proposta de Chesterman é uma tentativa de conciliação. Assim, em conjunto, tentamos elaborar 30 “teses” breves, com as quais ambos concordamos, em princípio. Separadamente, expandimos essas breves teses e mapeamos nossas diferenças.

62. “O Tradutor ‘Invisível’ por Ele Mesmo: Paulo Henriques Britto entre a Humildade e a Onipotência”. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, Campinas, 36, julho/dezembro de 2000, pp. 159-165.

Numa entrevista recentemente publicada pela *Folha de São Paulo* (“As Aspas da Tradução”, *Suplemento Mais!*, *Folha de São Paulo*, 27/02/2001, pp. 30-31), Paulo Henriques Britto, um de nossos tradutores de textos literários mais prolíficos, fala sobre seu trabalho e defende o tipo de ética tradutória que adota: “para traduzir, é preciso renunciar à idéia de autoria. Se eu acho que o livro está mal escrito, tento escrever o pior possível. Enfim, o tradutor tem de ser humilde, mas falar de humildade nos tempos de hoje é difícil” (p. 31). Britto refere-se a algumas tendências dos estudos da tradução contemporâneos que defendem a participação autoral dos tradutores na reescritura do original, propondo uma reavaliação de todos os lugares comuns que têm subestimado o papel da tradução na formação de identidades culturais. Ao comentar a entrevista, o ensaio tenta mostrar que, por mais que tente ser “invisível” no trabalho que realiza enquanto tradutor, seu trabalho sempre revelará sua interpretação do original, sua escolha de palavras, sua visão de mundo, suas circunstâncias. Como declara Maurício Santana Dias, seu entrevistador, Britto tem sido responsável pelo “sotaque” brasileiro de Thomas Pynchon, John Updike, V. S. Naipaul e Salman Rushdie, entre outros (p. 30). O ensaio sugere que é possível argumentar que a “modéstia” do tradutor é, na verdade, um desejo de controlar os textos e os significados dos autores que traduz.

II. Livros:

1. *Oficina de Tradução -- A Teoria na Prática*. São Paulo, Ática, 1986, 1992, 1997 e 1999.

O livro resume uma proposta de abordagem desconstrutivista, pós-estruturalista, às questões teóricas e práticas da tradução, em linguagem acessível a alunos de graduação e ao público letrado em geral. A partir de exemplos concretos e, sobretudo, do conto "*Pierre Menard, autor del Quijote*", de Jorge Luís Borges, o texto discute e revê as concepções tradicionais do texto original, a questão da literariedade e suas relações com a tradução e a questão da fidelidade. A partir dessa discussão, o livro comenta as relações entre alguns originais e suas traduções: os poemas "Áporo" e "Poema de Sete Faces", de Carlos Drummond de Andrade; e o poema "*The Rival*", de Sylvia Plath.

2. *O Signo Desconstruído - Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*. Campinas, Pontes, 1992, (organizadora e principal autora).

O livro reúne seis ensaios da organizadora ("A noção do inconsciente e a desconstrução do sujeito cartesiano", "A desconstrução do logocentrismo e a origem do significado", "Compreender X interpretar e a questão da tradução", "As questões teóricas da tradução e a desconstrução do logocentrismo: algumas reflexões", "O ensino da tradução e seus limites: por uma abordagem menos ilusória", "A pesquisa em teoria da tradução ou o que pode haver de novo no *front*"); quatro ensaios da organizadora em co-autoria com Kanavillil Rajagopalan ("A noção de literalidade: metáfora primordial", "A crise da metalinguagem: uma perspectiva interdisciplinar", "O ensino da leitura e a escamoteação da ideologia" e "Searle e a noção de literalidade"); três de Kanavillil Rajagopalan ("A trama do signo: Derrida e a desconstrução de um projeto saussuriano", "O significado e sua gênese: algumas anotações avulsas" e "O conceito de interpretação na lingüística: seus alicerces e seus desafios"); dois de Marisa Grigoletto ("A desconstrução do logocentrismo e a ilusão da trama" e "A constituição do sentido em teorias de leitura e a perspectiva desconstrutivista"); e dois de Maria José Coracini ("O cientista e a noção de sujeito na lingüística: expressão de liberdade ou submissão?" e "Desconstruindo o discurso de divulgação: as questões do significado e da autoria"). Apresentados em encontros acadêmicos e publicados anteriormente em anais, ou periódicos especializados, esses textos partem de uma perspectiva desconstrutivista de significado e de texto e discutem questões centrais para a tradução, a leitura e o ensino.

3. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

O livro reúne alguns ensaios publicados anteriormente em versões preliminares ("A Que São Fiéis Tradutores e Críticos de Tradução?", "As Relações Perigosas entre Teorias e Políticas de Tradução", "A Tradução Passada a Limpo e a Visibilidade do

Tradutor” e “A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Lingüísticos”), além de versões em português de outros que já haviam sido publicados em inglês no Brasil e no exterior (“Laplanche Traduz o Pai da Psicanálise: As Principais Cenas de um Romance Familiar” e “A Literatura como Fetichismo: Algumas Conseqüências para uma Teoria de tradução”). Alguns dos ensaios reunidos foram aqui divulgados pela primeira vez: “Sobre Interpretação e Asceticismo: Reflexões em torno e a partir da Transferência”, “Desconstrução, Psicanálise e Ensino de Tradução”, “A Tradução e o Flagrante da Transferência: Algumas Aventuras Textuais com Dom Quixote e Pierre Menard” e “Maria Mutema, o Poder Autoral e a Resistência à Interpretação”. Como sugere o título, todos os ensaios reunidos têm como foco de interesse o estabelecimento de relações entre as principais conclusões da psicanálise e da desconstrução e a reflexão sobre a teoria, a prática e o ensino de tradução.

III. Capítulos de Livros:

1. "A Pesquisa em Teoria da Tradução ou O Que Pode Haver de Novo no Front". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 107-112.

Versão revista de texto publicado em *Anais do II Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, Pernambuco, 1988, pp. 411-417. Propõe uma reflexão sobre “a tensão recorrente entre teoria e prática e sobre os rumos possíveis, os limites, as pretensões e as ilusões de toda teorização que envolve o ato de traduzir”. A partir da reflexão de W. T. T. Mitchell sobre a dicotomia clássica entre teoria e prática (in *Against Theory: Literary Studies and the New Pragmatism*, Chicago, The University of Chicago Press, 1985, p. 6), examina como essa cisão tem afetado os estudos da tradução em geral, tomando como exemplo *Os Problemas Teóricos da Tradução*, de Georges Mounin (trad. de Heloysa de L. Dantas, São Paulo, Cultrix, 1975).

2. "O Ensino da Tradução e Seus Limites: Por uma Abordagem Menos Ilusória". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 99-106.

Versão revista de texto publicado em *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 11, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1988, pp. 17-32. Parte de uma situação real ocorrida numa aula de Prática de Tradução no programa de Bacharelado em Inglês (modalidade Tradução) da PUC-SP, em que umas das alunas me entregou uma lista manuscrita de palavras e expressões inglesas. Explicou-me que tais palavras e expressões haviam sido extraídas de um manual de computação que aceitara traduzir e que, depois de

consultar vários dicionários bilingües, alguns deles técnicos, resolvera vir até mim em busca dos significados que tanto ela como os dicionários consultados desconheciam. Julgava que a professora, como responsável por vários cursos de prática de tradução, tinha o dever de conhecer a tradução para o português das palavras e expressões mencionadas. O objetivo do ensaio é promover uma reflexão crítica acerca das conseqüências da postura teórica implícita na atitude e nas expectativas da aluna mencionada para a formação profissional de tradutores. O ensaio tenta mostrar como a postura da aluna – que pode parecer absurda e extremada – não é, de forma alguma, idiossincrática mas, sim, absolutamente coerente com a visão logocêntrica que nossa tradição tem da atividade do tradutor e que, conseqüentemente, se impõe, quer de forma implícita ou explícita, ao processo de formação de profissionais da área.

3. "O Ensino da Leitura e a Escamoteação da Ideologia", em colaboração com K. Rajagopalan.. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 87-92.

Versão revista de texto publicado em *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 11, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., 1988, pp. 17-32. Segundo o ensaio, qualquer teoria de leitura necessariamente acaba se definindo em relação à origem do significado: estaria ela no próprio leitor, "produtor de todos os significados", ou estaria ela fora desse leitor, "fora do alcance de seu desejo, de seu contexto e de sua perspectiva"? Essas questões, que são, aliás, "a grande preocupação implícita de toda a filosofia e de todo o conhecimento", são particularmente importantes para as teorias de leitura que pretendem normatizar ou influenciar o ensino e a formação de leitores". O objetivo do ensaio em questão é "propor uma breve reflexão sobre algumas das implicações dessas teorias para o ensino da leitura". Em outras palavras, "que papéis reservam essas teorias para o leitor e para sua história? A quem – ou a quê – essas teorias atribuem o direito de julgar a qualidade ou a propriedade de uma leitura"?

4. "As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 71-80.

Versão revista de texto publicado em *D.E.L.T.A.*, vol. 6, São Paulo, EDUC, 1990, pp. 41-53. Segundo o ensaio, como muito bem lembra George Steiner, mesmo depois de vinte séculos de comentários e reflexões sobre tradução, "o número de idéias originais e significativas sobre a questão permanece limitado". Esse aparente beco sem saída – que já levou diversos teóricos a propor, por exemplo, a impossibilidade teórica do trabalho tradutório – não se deve, como defende o ensaio, a alguma dificuldade

insolúvel peculiar à tradução. A dificuldade – ou, melhor, a impossibilidade – de se encontrar respostas definitivas para as questões propostas pela grande maioria dos teóricos se encontra precisamente nos pressupostos logocêntricos que produzem essas mesmas questões. Os mecanismos da tradução – como os mecanismos de outras atividades lingüísticas – apenas podem ser satisfatoriamente compreendidos se aceitarmos que qualquer atividade humana inevitavelmente se produz no contexto da perspectiva psicológica, social e ideológica em que nos encontramos, num tempo e lugar determinados.

5. "Compreender X Interpretar e a Questão da Tradução". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, 67-70.

Versão revista de texto publicado em *Estudos Lingüísticos - XVIII Anais de Seminários do GEL*, Lorena, São Paulo, 1989, pp. 37-42. Como defende o ensaio, dentro da tradição logocêntrica, que pressupõe “a possibilidade de um sujeito de consciência plena e, portanto, capaz de uma relação puramente objetiva com a realidade”, o ato de “interpretar” é geralmente oposto ao ato de “compreender”. Outras versões da oposição compreensão x interpretação são a oposição entre o chamado “literal” e o “figurado”, entre a linguagem “ordinária” e a “poética” ou, ainda, a oposição entre fato e julgamento, ou entre “verdade” e retórica. Todas essas oposições pressupõem, também, a possibilidade de um resgate pleno dos significados supostamente estáveis em todo processo de “compreensão” que estaria, assim, imune ao subjetivo e ao que constitui as circunstâncias do sujeito que “compreende”. O ensaio se propõe examinar esse pressuposto tendo como alvo especial o texto “Descrição e Quantificação de Dados em Tradutologia”, de Francis H. Aubert (in *Tradução e Comunicação – Revista Brasileira de Tradutores*, nº 4, 1984, pp. 71-82).

6. "A Crise da Metalinguagem: Uma Perspectiva Interdisciplinar", em colaboração com K. Rajagopalan. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 57-62.

Versão revista de texto do mesmo título publicado anteriormente em *Estudos Lingüísticos - XVI Anais de Seminários do GEL*, Taubaté, S.P., 1988, pp. 14-21. Como mostra o ensaio, um dos principais sustentáculos da lingüística moderna é “a crença na possibilidade de uma metalinguagem isenta de qualquer interferência [...] oriunda da linguagem corriqueira ou leiga”. Da mesma forma que a lingüística, “a teoria da literatura também se propõe como uma metalinguagem, encarregada de descrever e explicar a linguagem que elegeu como objeto de investigação”. Ambos esses projetos

se ancoram numa busca do “científico” enquanto possibilidade “de uma distinção clara e demarcável entre sujeito e objeto, entre linguagem poética e linguagem comum, entre linguagem e metalinguagem, que a teoria literária compartilha com a lingüística e com a maioria de nossas disciplinas institucionalizadas”, dentro da tradição logocêntrica que sempre predominou no pensamento ocidental. Como defende o texto em questão, tanto a lingüística e a teoria literária, como as demais disciplinas que a instituição reconhece nos campo dos estudos da linguagem, não apenas compartilham os mesmos sonhos e as mesmas ilusões, mas também têm o mesmo destino: “estarão fadadas a não abordar de frente as questões básicas que as justificam, a menos que se disponham a examinar seus próprios alicerces e os produtos das searas alheias”.

7. "A Noção de Literalidade: Metáfora Primordial", em colaboração com K. Rajagopalan. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 47-56.

Versão revista de ensaio do mesmo título publicado anteriormente em *D.E.L.T.A.*, vol. 5, nº 1, 1989, São Paulo, pp. 37-49. Como propõe o texto, a possibilidade de um significado literal – ou seja, de um significado que seja anterior a qualquer interferência de um contexto ou de um usuário – é o alicerce comum em que se baseiam as várias disciplinas que se dedicam ao estudo da linguagem. Embora essas disciplinas proponham teorias que pretendam estabelecer limites objetivos entre um nível “literal” de significado e o “figurado”, esse objetivo não pode ser atingido, como o ensaio se propõe defender, precisamente porque já se encontra inspirado pela própria noção que pretende esclarecer. Tendo como base alguns *insights* elaborados a partir da psicanálise freudiana e das reflexões de Nietzsche sobre a linguagem, o ensaio sugere que aquilo que geralmente chamamos de “literal” também é, como todo o significado figurado, inevitavelmente dependente de um contexto e da interpretação de um sujeito. Assim, a oposição tradicional entre o “literal” e o “metafórico” não pode ser mantida a salvo do subjetivismo, nem dos interesses institucionais das disciplinas que pretendem estudá-los.

8. "A Desconstrução do Logocentrismo e a Origem do Significado". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 35-40.

Versão revista de ensaio do mesmo título publicado anteriormente em *Anais do XXXIX Seminário do GEL*, Franca, S.P., 1991, pp. 49-54. Como sugere, para a tradição cultural que crê na possibilidade de uma distinção intrínseca entre sujeito e objeto, “a origem do significado é necessariamente localizada no significante (no texto, na

'mensagem', na palavra), nas intenções (conscientes) do emissor/autor, ou numa combinação ou alternância dessas duas possibilidades". Algumas das conseqüências dessa concepção são a noção dominante de literalidade ("que autoriza a possibilidade de um significado subordinado à letra, anterior a qualquer interpretação e independente de qualquer contexto") e a noção de literariedade que ainda domina a tradição dos estudos literários entre nós: "a noção de que o literário e o poético se encontram *no texto*, como propriedades intrínsecas que o marcam indelevelmente e o distinguem dos textos 'não-literários'". Como defende o ensaio, "a projeção da origem do significado para fora do sujeito 'receptor' e de seu contexto de leitura, conseqüência do desejo de 'um significado transcendental', neutro e independente da situação de recepção, leva qualquer teoria lingüística a um destino de frustração e ineficiência". Da mesma forma, essa mesma tradição "não conseguiu produzir uma única leitura unanimemente aceitável, resistente à passagem do tempo e às mudanças de contexto, de nenhum texto, mesmo daqueles 'clássicos' que são lidos, geração após geração, há mais de dois milênios". Finalmente, propõe-se ilustrar a frustração desses projetos logocêntricos através da análise da argumentação de E. D. Hirsch em *The Aims of Interpretation* (Chicago, *The University of Chicago Press*, 1978).

9. "A Noção do Inconsciente e a Desconstrução do Sujeito Cartesiano". R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 13-18.

Versão revista de ensaio do mesmo título publicado anteriormente em *Estudos Lingüísticos, XIX Anais de Seminários do GEL*, Bauru, S.P., 1990, pp. 66-73. Relaciona os trabalhos de Freud e Nietzsche, precursores fundamentais do projeto de desconstrução de Jacques Derrida, à noção tradicional de sujeito e suas implicações para os estudos da linguagem. Ao solapar todo o projeto logocêntrico e qualquer possibilidade de uma relação puramente objetiva entre homem e realidade, o pensamento desconstrutivista nos leva, obrigatoriamente, a uma reformulação radical das formas pelas quais pensamos e desenvolvemos as disciplinas que se dedicam ao seu estudo.

10. "Searle e a Noção de Literalidade", em colaboração com K. Rajagopalan. R. Arrojo (org.), *O Signo Desconstruído -- Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino*, Campinas, Pontes, 1992, pp. 113-121.

Versão revista de ensaio do mesmo título publicado anteriormente em *Anais do XI Encontro Nacional de Lingüística*, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1988, pp. 73-87. O objetivo do trabalho é explicitar os caminhos que levaram os autores, depois de uma

análise crítica dos diversos escritos de John Searle, à conclusão de que o pensamento teórico desse filósofo, ao longo do último quarto de século, constitui um enorme esforço no sentido de reivindicar legitimidade e destaque para a antiga noção do chamado sentido literal no âmbito da filosofia da linguagem. Para atingirem seu objetivo, os autores se concentraram em três momentos na evolução do pensamento filosófico de Searle, que revelam um desejo subliminar de encontrar um valor constante através do qual se tornasse possível a compreensão do fenômeno da linguagem: 1. a discordância de Searle com seu mestre Austin a respeito do conceito de "ato locucionário"; 2. a posição assumida por Searle em relação à questão da "referência" e, em especial, a posição contrária à tese de Keith Donnellan; 3. o encontro entre a pragmática de Grice e a teoria dos atos de fala que resultou no conceito do ato de fala indireto.

11. "Tradução". José Luís Jobim (org.), *Palavras da Crítica*, Rio de Janeiro, Imago, 1992, pp. 411-442.

O texto parte de um comentário crítico acerca das relações entre concepções tradicionais de tradução e as concepções de significado que têm embasado grande parte do pensamento e das visões de mundo caros à civilização ocidental desde, pelo menos, Aristóteles e Platão. Como se argumenta, o que essas concepções têm em comum é a crença na possibilidade de algum nível de conhecimento em estado puro – independente de qualquer perspectiva ou contexto – que se pudesse instalar nas palavras, na fala ou na escrita e que, conseqüentemente, pudesse ser delas retirado e adequadamente resgatado. A esse "logocentrismo", devemos não apenas a formulação da velha oposição entre conteúdo e forma mas, também, a crença na possibilidade de se separar, de forma objetiva, os dois lados de qualquer dicotomia e de se privilegiar um deles como primordial, essencial ou superior. Entre essas dicotomias, destaca-se, por exemplo, a oposição entre original e tradução. As noções de sujeito e objeto que pressupõem pensam a tradução como uma espécie de transporte imparcial de significados de um texto para outro e de uma língua para outra, sem a interferência indesejável do tradutor. É a partir desse contexto ideológico que o ensaio pretende compreender os preconceitos e a marginalidade tradicionalmente associados ao ofício tradutório. Com base na desconstrução do mito logocêntrico que nutre tais perspectivas, o ensaio propõe uma revisão das principais questões teóricas e práticas associadas à tradução. Comenta textos de Georges Mounin, Paul de Man, Paulo Rónai, Peter Newmark, Andrew Benjamin, José Paulo Paes, Mary Snell-Hornby, George Steiner, Jacques Derrida e Haroldo de Campos, entre outros.

Cambridge University Press, 1991, p. 70). A partir dessa imagem do intelectual que se pretende asceta, o ensaio elabora uma reflexão acerca da impossibilidade desse asceticismo, buscando recursos em teóricos como Jean-Jacques Lecercle, Jacques Derrida, Shoshana Felman, Harold Bloom, Jacques Lacan e Julia Kristeva, entre outros.

16. "Die Endfassung der Übersetzung und die Sichtbarkeit des Übersetzers". Tradução de Helga Ahrens. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungswissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 117-132.

Versão alemã de "A Tradução Passada a Limpo e a Visibilidade do Tradutor", publicado em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise* (Rio de Janeiro, Imago, 1993, pp. 71-89) e, em versão preliminar, em *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, nº 19, I.E.L., UNICAMP, Campinas, S.P., janeiro/junho de 1992, pp. 57-73. Propõe um paralelo entre o pressuposto básico da semiologia clássica de acordo com o qual há, por trás de todo signo, um referente externo ao sistema lingüístico, assim como há uma origem primordial e definida por trás de toda derivação, ou uma presença real e resgatável por trás de todo simulacro, com a relação geralmente estabelecida, dentro do logocentrismo, entre o "original" e sua tradução. Como argumenta Jacques Derrida, dentro da lógica da semiologia clássica, o signo e, em especial, a escritura, "como agente do adiamento da presença", "é concebível apenas com base na presença que adia e no movimento em direção à presença adiada que pretende resgatar" (cf. "Différance", *Margins of Philosophy*, trad. de Alan Bass, Chicago, *The University of Chicago Press*, p. 9). Assim, de acordo com essa semiologia, "a substituição da coisa-em-si pelo signo é tanto secundária quanto provisória": "secundária em relação a uma presença original e perdida a partir da qual se deriva o signo; provisória em relação a essa presença definitiva e ausente em cuja direção o signo, nesse sentido, constitui um movimento de mediação" (idem). A partir dessa conclusão, o ensaio pretende rever a problemática da tradução e dos chamados "originais" dentro dos limites do logocentrismo, já que todas as metáforas (geralmente negativas e preconceituosas) que a tradição tem escolhido para descrever e explicar a relação original/tradução derivam precisamente dessa concepção clássica de signo e das relações que lhe permite estabelecer com seu referente. Quando se passam a limpo essas metáforas, entretanto, pode-se começar a compreender o papel transformador de qualquer atividade tradutória e a visibilidade inevitável de qualquer tradutor e qualquer tradutora. Examinam-se, entre outros projetos, um texto de Suzanne Jill ("Translation as (Sub)Version: On Translating Infante's Inferno", *Sub-Stance* 42, pp. 85-93) e o ensaio "Gender and the Metaphorics of Translation", de Lori Chamberlain (*Signs -- Journal of Women in Culture and Society*, nº 13, Spring, pp. 454-72).

17. "Das Übersetzen als 'theoretisches Problem': Die Strategien des Logozentrismus und der Paradigmenwechsel". Tradução de Margret Ammann. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 89-100.

Versão alemã do ensaio "A Tradução como Problema Teórico e as Estratégias do Logocentrismo", publicado originalmente em *Tradterm, Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia*, FFLCH, Universidade de São Paulo, nº 1, 1994, pp. 39-48. O objetivo principal do ensaio é examinar o contraste entre a concepção tradicional de tradução, referendada pelas principais disciplinas que se dedicam ao estudo da linguagem a partir de uma perspectiva logocêntrica, para as quais a tarefa do tradutor é necessariamente um "problem" e, muitas vezes, uma impossibilidade, ou até mesmo um constrangimento, e as reflexões que começaram a proliferar particularmente no final dos anos 1980, de inspiração pós-estruturalista ou pós-moderna, e que liberam a tradução de seu estigma milenar de "problema teórico". Essa mudança de paradigma abre perspectivas animadoras para a tradução, não apenas enquanto objeto de estudos, mas também para a sua prática. Examinam-se, sobretudo, dois textos exemplares das duas tendências, coincidentemente do mesmo autor, Joseph F. Graham: "Theory for Translation" (M. G. Rose, ed., *Translation Spectrum – Essays in Theory and Practice*, Albany, State University of New York Press, 1981, pp. 23-30) e a Introdução a *Difference in Translation*, organizado pelo autor (Ithaca, Cornell University Press, 1985, pp. 13-30), que mostram um percurso interessante da mudança de paradigma. Um caminho semelhante parece ter sido trilhado por Susan Bassnett, como mostra o exame de seu *Translation Studies* (Londres, Methuen & Co., 1978), quando comparado ao primeiro livro que essa autora organizou em colaboração com A. Lefevere, *Translation, History and Culture* (Nova York, Pinter Publishers, 1990).

18. "Die Übersetzung als Paradigma der intralingualen Kommunikation". Tradução de Helga Ahrens. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 71-88.

Versão alemã do ensaio "A Tradução como Paradigma dos Intercâmbios Lingüísticos", publicado em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise* (Rio de Janeiro, Imago, 1993, pp. 51-69) e, em versão preliminar, em *Alfa - Revista de Lingüística*, UNESP, São Paulo, vol. 36, 1992, pp. 67-80. Seu objetivo principal é explorar alguns pontos em comum entre a reflexão desconstrutivista e a pragmática de Quine, Davidson e Rorty em relação à tradução enquanto modelo de todo e qualquer processo de significação. Entre esses pontos, destaca-se o questionamento da concepção de

realidade herdada do platonismo que prescreve a busca de “verdades” independentes de qualquer perspectivismo e da história. Em oposição a essa impossibilidade, tanto a desconstrução como a pragmática, apesar de suas diferenças, localizam na relação com o outro a única possibilidade de se estabelecerem significados, sempre provisórios e datados, sempre atrelados à situação e às circunstâncias em que se produzem.

19. "Gedanken zur Translationstheorie und zur Dekonstruktion des Logozentrismus". Tradução de Hans J. Vermeer. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 63-70.

Versão alemã do texto “As Questões Teóricas da Tradução e a Desconstrução do Logocentrismo: Algumas Reflexões”, publicado em *O Signo Desconstruído – Implicações para a Tradução, a Leitura e o Ensino* (Campinas, Pontes, 1992, pp. 71-79) e, em versão preliminar, em *D.E.L.T.A.*, vol. 6, São Paulo, EDUC, 1990, pp. 41-53. Segundo o ensaio, como muito bem lembra George Steiner, mesmo depois de vinte séculos de comentários e reflexões sobre tradução, “o número de idéias originais e significativas sobre a questão permanece limitado”. Esse aparente beco sem saídas – que já levou diversos teóricos a propor, por exemplo, a impossibilidade teórica do trabalho tradutório – não se deve, como defende o ensaio, a alguma dificuldade insolúvel peculiar à tradução. A dificuldade – ou, melhor, a impossibilidade – de se encontrar respostas definitivas para as questões propostas pela grande maioria dos teóricos se encontra precisamente nos pressupostos logocêntricos que produzem essas mesmas questões. Os mecanismos da tradução – como os mecanismos de outras atividades lingüísticas – apenas podem ser satisfatoriamente compreendidos se aceitarmos que qualquer atividade humana inevitavelmente se produz no contexto da perspectiva psicológica, social e ideológica em que nos encontramos, num tempo e lugar determinados.

20. "Pierre Menard und eine neue Definition des 'Originals'." Tradução de Johanna Klemm. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 25-34.

Versão alemã do capítulo “A questão do texto original”, em *Oficina de Tradução – A Teoria na Prática* (São Paulo, Ática, 1986, pp. 11-22). Associa as concepções tradicionais de texto e, sobretudo, de texto original às concepções textuais do personagem de Jorge Luís Borges no conto “Pierre Menard, autor del Quijote” (in *Ficciones*, Madri, Aliança Editorial, 1981).

21. "Eine neue Definition des Literarischen". Tradução de Annette Wussler. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 35-42.

Versão alemã do capítulo "A questão do texto literário", em *Oficina de Tradução – A Teoria na Prática* (São Paulo, Ática, 1986, pp. 25-36). À luz do "Pierre Menard", de Borges, o texto propõe uma reflexão acerca da literariedade como atributo textual não-intrínseco. Aplica as conclusões expostas à leitura de um poema de William Carlos Williams, "This is just to say".

22. "Eine neue Auffassung von 'Treue'". Tradução de Annette Wussler. Michaela Wolf (org.), *Übersetzungs-wissenschaft in Brasilien -- Beiträge zum Status von 'Original' und Übersetzung*. Tübingen (Alemanha), Stauffenburg Verlag, 1997, pp. 43-48.

Versão alemã do capítulo "A questão da fidelidade", em *Oficina de Tradução – A Teoria na Prática* (São Paulo, Ática, 1986, pp. 37-45). Explora as consequências das reflexões desenvolvidas nos capítulos anteriores ("A questão do texto original" e "A questão do texto literário") para a noção de fidelidade em tradução.

23. "The 'Death' of the Author and the Limits of the Translator's Visibility". In Mary Snell-Hornby, Zuzana Jettmarová e Klaus Kaindl (orgs.), *Translation as Intercultural Communication -- Selected Papers from the EST Congress, Prague 1995*. John Benjamins Publishing Company, Amsterdã e Filadélfia, 1997, pp. 21-32.

O ensaio aborda o conceito de "fidelidade abusiva", proposto por Philip Lewis ("The Measure of Translation Effects", J. F. Graham, ed., *Difference in Translation*, Ithaca, Cornell University Press, 1985, pp. 31-62), que tem influenciado o trabalho de teóricos e tradutores como, por exemplo, Lawrence Venuti, Lori Chamberlain, Suzanne Jill Levine, Sharon Willis e Louise von Flotow. A partir da relação entre autor e leitor que se estabelece nas concepções pós-estruturalistas de leitura formuladas por Roland Barthes, em que, implicitamente, se atribui um poder quase ilimitado ao leitor, o ensaio em questão propõe um exame crítico do conceito de fidelidade abusiva, sobretudo da forma em que é utilizado por Lawrence Venuti em *Rethinking Translation – Discourse, Subjectivity, Ideology* (Londres, Nova York, Routledge, 1992) e em *The Translator's Visibility – A History of Translation* (Londres,

Nova York, Routledge, 1995). Como conclui o texto, embora a “morte” do autor tenha trazido como consequência o nascimento do intérprete/leitor, ambos se encontram igualmente condenados à tradução, ou seja, à incompletude que inevitavelmente expõe autores, tradutores, intérpretes e leitores à interferência representada pela interpretação de outrem e às possibilidades infinitas da *différance* que são potencialmente acionadas assim que um leitor aborda um texto, seja este um original ou uma tradução.

24. "Tradução: Ambigüidades e Fronteiras". Flávio Aguiar, José Carlos Sebe Bom Meihy e Sandra Guardini T. Vasconcelos (orgs.), *Gêneros de Fronteira -- Cruzamentos entre o Histórico e o Literário*, Xamã VM Editora e Gráfica Ltda., São Paulo, 1997, pp. 369-372.

O texto é um comentário crítico acerca de dois trabalhos (“Tradução como Ficção – Mário de Andrade e Sua Maior Fonte”, de George B. Sperber, e “Lírica e Tradução”) que foram apresentados durante a mesa-redonda intitulada “Tradução: Ambigüidades e Fronteiras”, durante o evento “Gêneros de Fronteira – Cruzamentos entre o Histórico e o Literário”, realizado na USP em maio de 1995.

25. "*Dekonstruktion*". Tradução de Michaela Wolf e Annette Wussler. Mary Snell-Hornby, Hans G. Honig, Paul Kussmaul e Peter A. Schmitt (orgs.), *Handbuch Translation*. Stauffenburg Verlag, Brigitte Narr GmbH, Tübingen, Alemanha, 1998, pp. 101-102.

Em linguagem sucinta e de forma breve como convém a um verbete de enciclopédia, o texto sintetiza as características definidoras do pensamento desconstrutivista de Jacques Derrida e as relaciona às principais questões teóricas e práticas que envolvem a tarefa tradutória.

26. "*Interpretation as Possessive Love: Hélène Cixous, Clarice Lispector, and the Ambivalence of Fidelity*". Susan Bassnett e Harish Trivedi (orgs.), *Postcolonial Translation Theory*. Routledge, Nova York e Londres, 1999, pp. 141-161.

O texto tem como alvo as teorias do “feminino” propostas por Hélène Cixous que, segundo a mesma, teriam conseguido transcender a oposição biológica tradicional entre homem e mulher, oferecendo uma abordagem supostamente não violenta à questão da diferença e, portanto, uma alternativa pacifista aos modelos tradicionais propostos pelo patriarcado e pelo colonialismo. O texto concentra-se, sobretudo, nas

relações que Cixous tenta estabelecer entre essas teorias e a obra de Clarice Lispector que alega tratar com “fidelidade extrema”, fora da oposição tradicional entre dominante e subalterno, permitindo que a alteridade da obra da escritora brasileira “fale” como tal. Diferentemente do que pretende Cixous, o ensaio em questão tenta mostrar que, na realidade, o projeto da conhecida pensadora francesa subjuga a obra de Clarice aos seus próprios interesses, transformando-a em mera porta-voz de suas teorias do feminino. Um dos recursos utilizados no ensaio é o cotejo da leitura que Cixous propõe de *A Paixão segundo G. H.* (Editora do Autor, Rio de Janeiro, 1964). Como defende o ensaio, longe de demonstrar, através da obra de Clarice Lispector, a possibilidade de desfazer a dicotomia opressora e “masculina” entre sujeito e objeto, que adequadamente associa ao patriarcado e ao colonialismo, a leitura que Cixous propõe da obra de Lispector é, na verdade, uma ilustração exemplar de uma abordagem agressivamente “masculina” à diferença.

IV. Prefácio e Apresentação de Livros:

1. “Apresentação”. *Tradução e Diferença*, de Cristina Carneiro Rodrigues. Editora UNESP, São Paulo, 1999, pp. 11-14.

Apresentação do livro de Cristina C. Rodrigues, baseado em tese de doutorado por mim orientada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. O livro tem como meta um exame detalhado de uma das questões mais instigantes da teoria de tradução: o conceito de equivalência entre um original e suas possíveis traduções. Analisa, à luz da reflexão desconstrutivista, as concepções de equivalência propostas por quatro autores centrais da área de estudos da tradução: Catford, Nida, Lefevere e Toury. Mostra que, apesar de suas abordagens supostamente diferentes, todos esses autores partem de uma concepção essencialista de equivalência e, portanto, partem do pressuposto de que uma tradução possa apresentar, em outra língua, os mesmos valores e significados do chamado “original”.

2. “Prefácio”. *A Singularidade na Escrita Tradutora – Linguagem e Subjetividade nos Estudos da Tradução, na Lingüística e na Psicanálise*, de Maria Paula Frota. Editora Pontes, FAPESP, Campinas, 1999, pp. 13-15.

Prefácio ao livro de Maria Paula Frota, baseado em sua tese de doutorado por mim orientada junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP. O livro propõe um levantamento crítico de algumas das principais correntes atuais dos estudos de tradução, detendo-se, particularmente, sobre

a teoria da invisibilidade do tradutor nos termos propostos por Lawrence Venuti. À luz de alguns conceitos da psicanálise lacaniana, a autora reflete sobre a visibilidade inevitável do tradutor no trabalho que realiza, chamando atenção para a “singularidade” da escrita do tradutor enquanto “sujeito assujeitado ao inconsciente”.

APÊNDICE 2

Cópias de dois trabalhos inéditos:

**“Writing, Interpreting, and the Power Struggle for the Control over Meaning –
Exemplary Scenes from Kafka, Borges, and Kosztolányi”**

e

**“The Power of Originals and the Scandal of Translation –
A Reading of Edgar Allan Poe’s ‘The Oval Portrait’”**

(No prelo: Gentzler, E. (ed.), *Translation and Power*, The Massachusetts University Press)

**Writing, Interpreting, and the Power Struggle for the Control over Meaning –
Exemplary Scenes from Kafka, Borges, and Kosztolányi¹**

**Rosemary Arrojo
Universidade Estadual de Campinas**

From the perspective of psychoanalytical thought, the writing of fiction and the desire to master reality are inextricably intertwined. In a text devoted to the issue, Freud claims that as the creative writer "creates a world of fantasy which he takes very seriously - that is, which he invests with large amounts of emotion" -- his primary goal is "to rearrange the things of his world in a new way which pleases him" (1983: 25). If "imaginative writers" are, thus, comparable to "dreamers in broad daylight," and if their "creations" are equated with "daydreams" over which they feel they can have the ultimate control, what such writers finally seek is a feeling of "invulnerability" which reveals "His Majesty the Ego, the hero alike of every daydream and of every story" (ibid: 25-26). It is, however, in Nietzsche's philosophy that the connection between creation and power is more fully explored, far beyond the limits of fiction writing, particularly through his concept of the "will to power," generally described as "the creative and procreative impulse of life," perfectly compatible with the philosopher's view of language as being fundamentally rhetorical and, therefore, incapable of revealing essences or intrinsic meanings (see, for example, Schrift 1990: 192).

If truths and meanings are not to be discovered or found but, rather, constructed (and, consequently, also deconstructed), any claim to knowledge can be directly associated with what Nietzsche has called "the pathos of truth," or that which "strives for fixity, for static conceptual points of reference around which to organize a systematic body of

beliefs," and which, as something that could be static and fixed, would be "capable of being possessed" (ibid: 128). To the extent that they rely on a belief in the possibility of discovering and taking possession of conceptions which would be directly related to essentially indisputable truths, all disciplines and institutions -- like philosophy and religion -- are the necessary outcome of "a longing for property" (Nietzsche 1979: 60). From such a stance, according to Nietzsche, if one achieves any sense of security as a consequence of the illusory possession of temporary truths, it is only at the expense of denying one's creative power of inventing and building concepts:

Only by forgetting [the] primitive world of metaphor, only by the congelation and coagulation of an original mass of similes and precepts pouring forth as a fiery liquid out of the primal faculty of human fancy, only by the invincible faith, that *this* sun, *this* window, *this* table is a truth in itself: in short, only by the fact that man forgets himself as subject, and what is more as an artistically creating subject: only by all this does he live with some repose, safety and consequence. (Nietzsche 1911: 184).

Since the will to power, masked as the will to truth, is also a will to construct, "one may [...] well admire man, who succeeds in piling up an infinitely complex dome of ideas on a movable foundation, and, as it were, on running water, as a powerful genius of architecture" (ibid: 182). Moreover, because architecture is "a kind of rhetoric of power" as "pride, victory over weight and gravity, the will to power, seek to render themselves visible in a building" (Nietzsche 1968: 11); thus, the writing of philosophy, science, or fiction could be basically related to the same needs and the same fundamental goals. Nietzsche himself used architectural metaphors (such as the beehive, the Tower of Babel, the medieval fortress, the Egyptian pyramid, the Roman columbarium, the spider's web, the dungeon, and the stronghold, among others) to depict conceptual systems found both in ordinary language and in science as types of construction; thus, he denounces the fragility and the power struggles at stake behind the various models of knowledge which human beings have elaborated under the name of truth or science. In her analysis of Nietzsche's

metaphor of the beehive, developed in his well-known "On Truth and Falsity in Their Ultramoral Sense" (1911), Sarah Kofman remarks that "the 'beauty' of the edifice is not disinterested but is symptomatic of the initial neediness, the motor for the whole construction, at the same time as it masks it" (1993: 62). In such a context, "just as the bee constructs cells in order to survive and fills them with the honey which it has been to get outside (sic), so science constructs an empty formal architecture and makes the whole world fit inside" (idem).

The far-reaching consequences of this kind of reasoning for a general reflection on language and the subject have been often discussed, particularly in the last two decades, in connection with postmodern notions of textuality which must acknowledge their direct debt to Nietzsche's deconstructive philosophy.¹¹ In fact, in a nutshell, one may say that the import of Nietzsche's thought for contemporary language theories is basically related to his textualization of all there is, which implies a radical redefinition of our relationships with reality, with each other and even with ourselves to the point where nothing or nobody could claim to be outside the domain of interpretation. However, the transformation of reality or even the subject into texts does not by any means entail the possibility of establishing fixed objects. Rather, it implies that, precisely as objects, they are the inevitable result of a comprehensive, incessant process of re-writing which is for ever reconstituting them in difference and in change. From such a perspective, Nietzsche's notions of textuality point to the conclusion that there is no text-in-itself apart from the activity of interpretation. Since we cannot separate the text from its reading, the latter is inextricably related to the will to power and is, thus, a way of taking over -- rather than protecting or merely reproducing -- someone else's meaning. In Nietzsche's own words,

all subduing and becoming master involves a fresh interpretation, an adaptation through which any previous 'meaning' and 'purpose' are necessarily obscured or even obliterated. [...] The entire history of a 'thing', an organ, a custom can in this way be a continuous sign-chain of ever new interpretations and adaptations [...] (1969: II, 12)

Kafka's tormented animal and the architecture of the labyrinth as text

Of all the architectural metaphors employed by Nietzsche, I am particularly interested in the one that appropriately relates the labyrinth to textuality and interpretation and which has been considered both as "a basic Nietzschean image for the structure of the text," and as "an allegory of his conception of textual interpretation" (Schrift 1990: 196). It is certainly effective in suggesting the perpetual proliferation of meaning which surrounds and constitutes us in the world as text, in the midst of which we feel utterly lost unless we find an adequate interpretive thread to give us the illusion of knowing which direction to take and how to (temporarily) master reality. In order to further explore such an image, particularly in connection with the relationships that are usually established behind the scenes where writing and interpreting seem to be conceived by the same will to power, I propose to examine some of its main implications through a reading of a haunting text by Franz Kafka, "The Burrow." Originally entitled "*Der Bau*," "The Construction,"ⁱⁱⁱ this story will be read as a poignant illustration of Nietzsche's notions of the text -- and the world -- as labyrinth. Such a reading will be particularly interested in exploring some relationships between the Nietzschean conception of creation and the creator's desire to build an artifact that could be protected from difference and otherness as represented, for instance, by the potentially shattering interference of an intruder.

As the story opens, we learn from its narrator/builder -- presumably an animal that lives underground -- that he has "completed the construction of [his] burrow and it seems to be successful" (1971: 325). What follows, however, is a detailed, tormented account of the builder's own recurring doubts regarding the actual completion of his work and his painful obsession to create a totally flawless structure -- an object that could be absolutely protected from invasion and deconstruction. The basic paradox within which Kafka's narrator finds himself is thus presented from the outset: the allegedly finished construction which should shelter and protect its architect is also a hole, a burrow. Thus, instead of a

definite solution, it brings an indecipherable problem; instead of illumination, it brings darkness; instead of security, fear and anxiety. In brief, as Henry Sussman notes, "the construction is already a deconstruction to the same extent that it has been constructed" (1979: 149).

The burrow, like a text, has "passages" that have to be constantly reviewed because of the "manifold possibilities" of their uncontrollable "ramifications" (Kafka 1971: 329): "I begin with the second passage and let it take me back again to the Castle Keep, and now of course, I have to begin at the second passage once more" (ibid: 342). Moreover, this textualized burrow is the "outcome rather of intense intellectual than of physical labor" (1971: 327). Even the constructor's most important physical effort within the labyrinth -- i.e., the burrowing motion which constitutes his basic constructing strategy -- is a form of compulsive "head work" since it is with his forehead, his "only tool," that the animal pounds the loose, sandy soil "thousands and thousands of times, for whole days and nights," feeling glad "when the blood comes" for that is "a proof that the walls [are] beginning to harden" (ibid: 328). Thus, figuratively speaking, the construction of the text/labyrinth is the result of painful, hard "head work" aimed at fulfilling its architect's "dream of a completely perfect burrow" (ibid: 339).

Also like a text, the supposedly finished burrow adamantly resists completion as its builder does not seem to be able to devise a defensive strategy that would render it invulnerable to any other burrowing creature. This defensive strategy involves not only the design of a perfectly disguised entrance but also the possibility of absolute certainty and of finding "a universal principle or an infallible method of descent" (ibid: 336). Distressed at his own observations which are "extremely heterogeneous, and both good and bad" (ibid: 336), this certainty the burrowing architect also fails to achieve: "My constant preoccupation with defensive measures involves a frequent alteration or modification, though within narrow limits, of my views on how the building can best be organized for that end" (ibid: 328). Therefore, the completion of the burrow/text cannot be achieved as

long as its architect does not manage to have his own conclusions undoubtedly established once and for all: "now I am on fire to discover whether my conclusion is valid. And with good reason, for as long as that is not established I cannot feel safe, even if it were merely a matter of discovering where a grain of sand that had fallen from one of the walls had rolled to" (ibid: 344).

If the construction of the unconditionally perfect burrow is intimately related to the discovery of definite truths and forms, it also involves the pursuit of absolute silence because it is only in eternal stillness that the constructor could be completely assured of the invulnerability of his construction and, consequently, of his total control over it: "the most beautiful thing about my burrow is the stillness. [...] For hours I can stroll through my passages and hear nothing except the rustling of some little creature, which I immediately reduce to silence between my jaws, or the pattering of soil, which draws my attention to the need for repair [...]" (ibid: 327). In the construction as text, the plenitude of stillness would guarantee not only the constructor's unequivocal control over his passages, but also his ultimate mastery over diachrony and chance. As a consequence, the noise which betrays the potentially uncontrollable dissemination of meaning within the burrow -- the sign of deconstructive danger -- would also be forever kept at bay.

Since the dream of a blissful plenitude occurs when the idea of totality and absolute mastery -- total possession of truth, total control over the proliferation of meaning, total neutralization of difference -- seems conceivable within the labyrinth, it is expected that the constructing animal worries most of all about "the defect of the opening" which marks the end of his "domestic protection": "that point in the dark moss" in which he is specially vulnerable and which prevents him from living "in peace, warm, well nourished, master, sole master of all [his] manifold passages and rooms" (ibid: 333). But who is the Intruder? Who might threaten the completion and the stillness of the labyrinth? First, as its architect imagines, the enemy -- probably "a filthy scoundrel who wishes to be housed where he has not built" (ibid: 337) -- would obviously come from outside, through "that point in the dark

moss" which makes the burrow potentially exposed. As the constructor himself recognizes, what makes his textual labyrinth particularly vulnerable and, thus, what makes him enraged at the prospect of having to fight any possible invader, is precisely his relentless determination to be the sole master of his creation: "simply by virtue of being owner of this great vulnerable edifice I am obviously defenseless against any serious attack" (ibid: 355). Yet, in his tireless self-analysis, the burrowing creature is not only aware of the fact that he and the burrow have somehow become one -- "the joy of possessing it has spoiled me, the vulnerability of the burrow has made me vulnerable; any wound to it hurts me as if I myself were hit" (ibid: 337) -- but also that he cannot clearly separate himself from the deconstructive Other.

As the borders between subject and object are seriously shaken, the architect finds it impossible to clearly distinguish the legitimate owner from the unlawful intruder, or the constructor from the deconstructor; he even considers the possibility that his worst enemy may not be really outside -- "outside there nobody troubles about my burrow, everybody has its own affairs" (ibid: 352). But this awareness is often conveniently forgotten in passages that betray a truly Kafkaesque wisdom such as the following: "the danger is by no means a fanciful one, but very real. It need not be any particular enemy that is provoked to pursue me; it may very well be some chance innocent little beast which follows me out of curiosity, and thus, without knowing it, becomes the leader of all the world against me" (ibid: 337). And, as the story develops, we are made to witness the builder's obsessive attempts to distinguish himself from the intruding Other whom he imagines as a faithful projection of himself, endowed, for instance, with a "furious lust for work" solely aimed at the definite conquest of the labyrinth (ibid: 354).

As this "human, all too human" animal^{iv} cannot succeed in separating construction from deconstruction, even within the limits of his own text whose passages he cannot help changing with every revision and with each round, he seems to be ultimately driven by a will to power which is also an anxious attempt to defer the consciousness of mortality. The

definite mastery over the construction which would bring its architect an absolute protection against difference, establishing a clear-cut opposition between inside and outside, proprietor and intruder, writing and interpreting, would also grant him the full control over that which could be an irrefutable origin or essence: the burrow's "Castle Keep," "the inmost chamber of [the animal's] house," the ultimate protection and source of complete satisfaction, where he "sleep[s] the sweet sleep of tranquility, of satisfied desire" (ibid: 326-327). While creation is inevitably associated with the animal's relentless will to power aiming at the exclusive possession of truth, the achievement of absolute completion and stillness seems to be conceivable only in eternal sleep, as the constructing being himself, when awake and alive, cannot help but undo and redo his own work.

If the construction of a text/labyrinth is inevitably related to revision and reinterpretation, for ever resisting any possibility of completion or perfect closure, we find the creating animal painfully divided between his human condition -- which binds him to the provisional and the finite -- and his desire to be divine, i.e., to be the totalitarian, sole master of truth and fate. As a dazzling illustration of such a division, Kafka's character reflects the pathos of every Author and of every Interpreter, inevitably torn between the desire to control and forever imprison meaning, and the human condition, which subjects both writers and interpreters to an endless exercise of meaning production.

A Reader/Detective Meets a Deadly Author Figure in a Borgesian Labyrinth

While Kafka's burrowing animal sheds some light on the impasse of a creator battling against his own humanity, it is in a story by Jorge Luís Borges -- "Death and the Compass" (originally, "*La muerte y la brújula*") -- that I shall examine certain aspects of the conflict and the competition which Kafka's narrator fears so intensely. In Borges's plot, we witness the complex encounter between a cultivated reader and a fierce author figure and labyrinth maker, both relentlessly engaged in a power struggle which entails the virtual elimination of one of them. The reader in question is the detective Erik Lonnrot who,

together with his colleague Treviranus, is investigating three alleged murders apparently committed by the same person. Unlike Treviranus, however, Lonnrot is not interested in a plausible, simple solution to this criminal enigma. Instead, he proposes to find an answer in what he takes to be the murderer's written messages and in their connection with the books found in the first victim's hotel room. As an "objective," diligent reader/detective, Lonnrot is driven by the desire not simply to decipher the mind and the writings of the author/assassin but also to anticipate his moves and, thus, finally to outwit and arrest him. The cold, crafty gunman Red Scharlach, on the other hand, represents the powerful author figure who, after learning of the first crime and of Lonnrot's investigations, decides "to weave" a deadly, "firm labyrinth" (1956: 160) around the detective who once arrested his brother. He plans to construct his textual maze by plotting a second murder and by staging a third one in such a way as to make Lonnrot believe that the three supposed killings are not only the work of the same man, but also connected with the written message found on a sheet of paper in the first victim's typewriter: "the first letter of the Name has been spelled out" (ibid: 150).

The text/labyrinth designed by Red Scharlach, whose first name could very well remind us of the Spanish noun *red* ('net', in English), is first and foremost a trap aimed at snaring and killing Lonnrot. To the extent that the detective's obsessive reading enterprise is also aimed at entrapping the one he imagines to be the author of the crimes, it seems that the goals and the will to power which trigger both Scharlach's and Lonnrot's textual enterprises are basically the same. The detective and the assassin, the reader and the author, share similar motivations and goals as they share the same name: *Red* and *LonnRot*. Furthermore, to the extent that Scharlach's name seems to echo Scheherazade's -- particularly in its Spanish version, Schaharazad -- we can also relate Borges's peculiar author figure to the exemplary narrator of *The Thousand and One Nights*. Just as Scheherazade's life is saved by her ability to create a textual labyrinth in which she entraps the sultan who is about to kill her, transforming her potential assassin into a loving

husband, Scharlach's fate is certainly reversed by his authorial strength as he manages to lure his intruding reader and worst enemy into a deadly, well designed maze. Therefore, it is Scharlach's competence to weave the strong net of his textual trap that not only misguides and imprisons the reader Lonnrot, but also turns him -- usually the relentless pursuer of Scharlach and his fellow gunmen -- into the pursued, defenseless victim.

In Borges's story, the labyrinth as the construction of a text which is both a protection and a trap finds an exemplary image in Triste-le-Roy, the abandoned villa where Scharlach finally catches Lonnrot. Significantly, the villa's architecture mirrors Scharlach's maze as it abounds "in useless symmetries and in eccentric repetitions" (ibid: 157). Among such architectural devices and ornaments, "a two-faced Hermes" that "project[s] a monstrous shadow" (ibid: 157-158) may certainly remind us of Scharlach and his double Lonnrot, both appropriately related to the Greek god whose name in fact means "interpreter" and is known for his rhetorical abilities and for having stolen from his fellow gods precisely the objects which somehow identify them: Apollo's bow and quiver, Venus's girdle, Neptune's trident, Vulcan's tools, Mars's sword.

Lonnrot's careful exploration of Triste-le-Roy's architecture may also be read as a reflection of his relentless efforts to interpret Scharlach's misleading clues. Just as he tries to undo that which he sees as the assassin's text, Lonnrot is convinced that he knows the preferences of Triste-le-Roy's architect and sets out to master his labyrinth:

Lonnrot explored the house. Through halls and galleries he reached similar courtyards and repeatedly came back to the same courtyard. He climbed dusty flights of stairs and found circular antechambers; he was infinitely multiplied in opposing mirrors; he exhausted himself in opening or partially opening windows which revealed, outside, the same desolate garden from different heights and different angles. (ibid: 158)

The most representative of the repeated motifs which are found in both the assassin's alleged writings and Triste-le-Roy's design is the recurrent play on the numbers three and four, also mirrored in the references to rectangular and quadrangular shapes, pointing to the

solution of the puzzle: the deciphering of the Tetragrammaton, or the four-letter name of God, spelled out by the murders staged by Scharlach.

In the end, as the defeated Lonnrot is about to be shot dead inside Scharlach's retreat, his request that the next time he is trapped and killed it should be done in a "straight-line labyrinth" may also suggest that the kind of conflict they represent is bound to be infinitely repeated in the vain search for that which could end all interpretation and all plotting: the final deciphering of the Tetragrammaton. From this viewpoint, both Scharlach and Lonnrot share with Kafka's burrowing animal the same futile, human desire to achieve a divine mastery over meaning which is ultimately also a quest to control life and death. It is the remarkable force of this desire that seems to allow Lonnrot to patiently accept his impending assassination and even reason with Scharlach about the way he would like to be killed in a future life. Paradoxically, the possibility of having an authorial participation in the planning of his next death is more attractive than actually fighting for his life. Moreover, if the labyrinth -- which, for Scharlach, mirrors the world, from which "it is impossible to escape" (ibid: 159) -- could also be a "straight line" and, thus, could also mirror, for instance, the relationship between any reader's gaze and the text being read, it may be argued that any act of interpretation ultimately takes place inside a labyrinth, i.e., is always already subject to the inevitability of interpretation and, thus, to the same struggle for the control over meaning that brings Lonnrot and Scharlach to confront each other in Triste-le-Roy.

Finally, as Lonnrot tries to decipher Scharlach's text and as he enters the labyrinth in an attempt to find his author's truth -- or, rather, the confirmation of his own truth regarding his author's writing -- he also provides us with a reflection of

ourselves, professional readers of literature and, of course, of Borges's detective story, who cannot help but impose our own meanings upon the author's carefully designed structure. Like Lonnrot -- and unlike Treviranus -- we would not settle for a simple, "uninteresting" interpretation and are thus also caught by the narrator's misleading clues as we approach his textual maze. Besides, if we are Lonnrot, Red Scharlach is definitely also Borges, the true "Sad King" and labyrinth-weaver who tries to dictate what must be true inside his construction and who even makes a subtle appearance in his text in a significant attempt to make it clear whose story "Death and the Compass" really is. As his narrator informs us of Lonnrot's trip to Triste-le-Roy, we learn, for example, about the "brook of muddy waters" which runs in the city of "my story" (ibid: 156, my emphasis).

As the provisional designer and master of his plot, Borges turns Scharlach/Shaharazad into the eternal winner of the ghastly conflict that has brought a skillful author figure face to face with a cultivated reader in a plot in which the latter is eternally doomed to be entrapped and eliminated by the former's powerful textual strategies. Yet, even if Borges expresses the strength of his authorial desire as he sides with Scharlach and tries to establish clear-cut limits between writing and reading, he cannot protect his story from our reading which, precisely because it is a reading, necessarily finds an opening in his text and, thus, necessarily interferes with it, taking an authorial stance as it weaves its own hypotheses and attempts to find its own thread and its own way out of the labyrinth.

The Translator's Incurable Compulsion to Steal: Kosztolányi's Gallus

If, as Nietzsche argues, any attempt at mastering a text, or the world as text, "involves a fresh interpretation, an adaptation through which any previous 'meaning' and 'purpose' are necessarily obscured or even obliterated" (1969: II, 12), the implicit relationship that is usually established between authors and interpreters is not exactly inspired by cooperation or collaboration, as common sense and the essentialist tradition would have it, but is, rather, constituted by an underlying competition, by a struggle for the power to determine that which will be (provisionally) accepted as true and definite within a certain context and under certain circumstances. As Kafka's and Borges's stories have shown us, in this textualized, human world, where immortal essences or absolute certainties are not to be found, the indisputable control over a text, its full completion, or the definite establishment of its limits cannot be simplistically determined nor merely related to its author once and for all. If one cannot clearly and for ever separate the author from the interpreter, the text from its reading, or even one text from another, and if the will to power as authorial desire is that which moves both writers and readers in their attempts at weaving textual mazes that could protect their meanings and, thus, also imprison and neutralize any potential intruder, is it ever possible for interpreters to be faithful to the authors or to the texts they visit?

Obviously, it is not by chance that this has always been the central issue and the main concern for all those interested in the mechanisms of translation, an activity which provides a paradigmatic scenario for the underlying struggle for the control over meaning that constitutes both writing and interpretation as it involves the actual production of another text -- the writing of the translator's reading of someone else's text in another language, time, and cultural environment. As it necessarily constitutes material evidence of the translator's passage through the original and as it offers documented proof of the differences brought about by such a passage, any translation is bound to be an exemplary site for the competitive nature of textual activity. In a tradition which generally views

originals as the closed, fixed receptacle of their authors' intentional meanings, the struggle for the power to determine the "truth" of a text is obviously decided in favor of those who are considered as the "rightful" owners of their texts' meanings and who supposedly deserve unconditional respect from anyone who dares to enter their textual "property." In such a tradition, translators are not only denied the rights and privileges of authorship, but must also endure a reputation of treachery and ineptitude the same time they are urged to be as invisible and as humble as possible.

In a brief venture into Dezso Kosztolányi's story, "The Kleptomaniac Translator,"^{vi} which is basically a revealing commentary on the alleged inadequacies of translation, I propose to problematize the widespread contempt for the translator's task that tradition implicitly and explicitly opposes to the usually uncritical, prevailing acceptance of authorial power as the exclusive prerogative of those who write originals. If Author and Interpreter cannot enjoy a peaceful encounter inside the labyrinth as text, and if tradition has determined that the Author is the only legitimate producer of meaning to be allowed in this special retreat, it is not at all surprising that translators have been traditionally accused of chronically improper behavior.

In Kosztolányi's story, we learn from the narrator, a respected writer, that Gallus, an old acquaintance of his, was a promising, well-educated young man of remarkable qualities and language skills who had even taught English to the Prince of Wales himself. All his accomplishments, however, were unforgivably tarnished by a "criminal addiction," a compulsion to steal which defied all his serious efforts to change. Since the only thing Gallus knew how to do was writing but could not do it under his own name, the narrator introduced him to a compassionate editor who needed someone to translate an English detective novel entitled *The Mysterious Castle of Earl Vitsislav*, described as the kind of trashy literature respectable writers would not want to read or deal with. At most, they would translate it, but with gloves on. The hungry, unemployed translator promptly accepted the task and devoted himself to the job so completely that long before the deadline

he was able to deliver his neatly typed manuscript which was, nonetheless, rejected by the editor.

As the narrator decided to investigate the case and read Gallus's translation, he was filled with admiration for the translator's "precise and scrupulously meticulous work" which was undoubtedly a much worthier text than the original. However, as the editor urged the narrator to actually compare Gallus's manuscript with the original, the enigma was clarified. Even though there were no mistakes and the translation was "fluent, artistic and, at times, poetic" (ibid: 9), it was clear that the translator had not controlled himself and simply stole property from the author's settings and characters. Thus, for example, while in the original a female character was wearing precious jewelry, in the Hungarian version she was not wearing any. A similar fate was reserved to castles, rugs, safes, watches, suitcases, cash, silverware, and even small objects of little value such as toothpicks and handkerchiefs.

In his comments on Gallus's "incurable disease," the narrator seems to synthesize some of the most widespread notions about translation ingrained in essentialist conceptions of language and the subject. From the perspective of those who share a general belief in the possibility of stable meanings safely stored in texts which should be properly related to their authors' conscious intentions, originals and translations, authors and translators do belong in radically different categories. Within such a context, translators, like Gallus, are viewed as mere copyists or marginal hack writers who, in spite of their talents and skills, are usually expected to do the dirty writing jobs which respectable writers would not do. If, as we learn, such writers would only consider doing translations with gloves on, without actually touching the texts in question, it is also clear that the conception of translation ethics implicitly accepted in the story repeats the traditional one as it entertains the possibility of translating without actually interpreting or rewriting the so-called original, without getting mixed up with it. Therefore, what this tradition must repress at all costs is precisely the translator's authorial will to power which, in Kosztolányi's plot, is

symptomatically rendered as a form of criminal behavior or, euphemistically, as an "incurable disease."

In Gallus's story, the marginality and the oblivion to which the translator is condemned is explicitly presented as a form of exemplary punishment not only for his daring attempt to compete with his mediocre author and for having actually turned the latter's second-rate original into an artistic piece, but, most of all, for having indulged in his addictive authorial pleasure against which he was not able to fight. As his translation betrays a "criminal" appropriation which threatens the "almost unquestionable sacredness of private property" (ibid: 7), it seems clear that it is the transformation which the translator's interference brings to the author's "property" that is perceived as a form of loss or outrageous impoverishment even when it is also recognized to be enriching. And it is in the exploration of this conflict between the author's desire to be the exclusive master of textuality and the interpreter's authorial will to power that Kosztolányi's characters and plot not only remind me of Borges's and of Kafka's, but also seem to complement them. Hence, while Kafka's burrowing animal illustrates the creator's obsession to devise a perfectly invulnerable textual labyrinth and while Borges's Scharlach and Lonnot actually rehearse the main scenes of the violent struggle for the control over meaning that both separates and brings together authors and interpreters, it is in "The Kleptomaniac Translator" that some of the consequences of such a pervasive conflict are actually made explicit, particularly by the narrator's speculation on the reasons why Gallus had such a peculiar need to take possession of someone else's property.

As the narrator takes stock of all the items "illegally and indecently" taken away by the translator, in an attempt to solve "the true enigma of this detective novel," he concedes that whatever Gallus did steal "existed only on paper, in the realm of [the author's] imagination" (1996: 10). Yet, in spite of his interest, he decides not to further understand the reasons for such thefts on the grounds that such an investigation would go too far, simply concluding that the translator, as "a slave to his criminal addiction," was not "man

enough" and, consequently, "did not deserve the support of honest people" (ibid, 10). Who or what, one may ask, is the narrator trying to protect in his refusal to further investigate Gallus's "unforgivable" crime? As I play the detective in this textual puzzle, I propose to locate the basis of a plausible answer in another well-known text by Borges, "*Las versiones homéricas*," according to which the problems posed by any translation do shed some unflattering light on the "modest mystery" that surrounds original writing, and literature in particular (1980: 181).

As it necessarily addresses a "visible text" -- and not an "invaluable labyrinth of past projects" -- any translation is bound to deconstruct and decanonize originals, revealing perhaps that "the modest mystery" that surrounds such writing is nothing but "the fear of confessing mental processes which are dangerously ordinary" (idem). From such a stance, it may be argued that what Gallus's impeccable work stole from "the realm of [the author's] imagination" and which could not be fully learned by Kosztolányi's narrator -- who is definitely siding with the original and with its author, no matter how inadequate he finds them to be -- is not only the "mystery" of originality, or the widespread notion that originals are inherently superior to their translations, but, first and foremost, the illusion that authorship could in fact grant writers an exclusive mastery over their texts. Thus, what Gallus's translation also shows the narrator is that instead of constituting a form of protection to the original and to its author's illusive mastery over meaning, the translator's task may actually represent a threatening interference, particularly when it is recognized to be a flagrant improvement. To the extent that Gallus refuses to be strictly faithful to his mediocre author and, therefore, to the extent that he ends up exercising his authorial desire -- when he is expected to be humble and invisible -- he, too, seems to be repeating Hermes, the Greek god, the "interpreter," also known for his rhetorical talents and for having stolen from his fellow gods exactly that which gives them their very identity.^{vii} And it is from this kind of appropriation that the story's narrator seems to be defending not only originals and their authors but, ultimately, also his own writing and, we may infer, Kosztolányi's as well.

In revealing the conflicting relationship that takes place between original writing and translating, the Hungarian story is certainly efficient in exploring some of the most important implications and consequences of the power of translation. While Gallus is not by any means innocent and, thus, irrevocably "guilty" of being visible and human, Kosztolányi's narrator, as the typical writer who associates original texts with the "indisputable sacredness of private property," reflects the generally defensive reaction which essentialism displays in connection with translation as it counts on the possibility of fidelity as a form of antidote against difference and intervention. Thus, just as Kafka's and Borges's stories, Kosztolányi's is eloquent in expressing the violence associated to the will to power as the will to control meaning which seems to trigger both writing and interpreting. However, while Kafka's architect and Borges's Scharlach display an explicitly murderous behavior toward their competitors, the kind of "crime" we find in "The Kleptomaniac Translator" is certainly more easily related to the actual world of writers, readers, and translators. Kosztolányi's story is exemplary, for instance, in representing the widespread disregard for translation both as a theoretical issue and as a legitimate profession. As the narrator gives up on investigating the translator's thefts and chooses to abandon him to his marginality, he certainly mirrors the kind of treatment translation and translators usually receive not merely from the so-called "common sense," but also from the great majority of academic studies dedicated to the issue which still revolves around the possibility of establishing some kind of objective control over the translator's visibility and unwelcome interference. The basically asymmetrical relationship which generally opposes original writing to translation and author to translator is also reflected, for instance, in the relationship that involves the "honest, compassionate" editor, as well as the generous narrator who claims to have tried to be the translator's protector, and Gallus himself who becomes a translator because there is nothing else he could possibly do. Emblematically, just like tradition, Kosztolányi's story treats the translator not as a professional that knows

how to achieve respect, but as someone who is only entitled to a marginal form of employment which is obtained through charity.

Finally, like the labyrinth where Scharlach and Lonnrot will be forever struggling for the impossible, pre-Babelic power to transform words into definite truths, and like the burrow in which Kafka's animal will be forever searching for the absolute closure of his textual construction, Gallus's story seems to be directly related to that essential longing for property which Nietzsche associates with the primary impulse of life. And if, in the world as text, the search for authorial mastery also drives readers and translators, what one is never able to achieve is precisely the definite stability of meaning or the neutralization of difference which could ultimately free us from our own circumstances and end all conflict and all struggle. It is precisely the acceptance of difference and, thus, the acceptance of the interpreter's authorial interference in the processes of reading and translating that, in the wake of Nietzsche's anti-essentialist textual theories, has begun to change the general plot in which tradition usually captures authors, readers and translators. It is only in such a context, for instance, that the translator's visibility has ceased to be regarded as an incurable disease or as an unforgivable crime which should be repressed at any cost, and began to constitute an actual object of study. In this sense, unlike Kosztolányi's narrator, we do not have to be discouraged by the complexities which are involved in the power of translation and are beginning to chart the almost unknown ground in which writing and interpretation do overlap as we attempt to review (and deconstruct) the old clichés that have always underestimated the impact of the translator's task on the shaping of history and culture.

Works Cited

Arrojo, Rosemary. *Jorge Luís Borges's Labyrinths and João Guimarães Rosa's Sertão: Images of Reality as Text.* Ph.D. dissertation, The Johns Hopkins University, 1984.

----- "Translation and Postmodernism in Calvino's *Se una notte d'inverno un viaggiatore*". *La Traduzione -- Saggi e Documenti II, Libri e Riviste D'Italia, Ministero per i Beni Culturali e Ambientali, Divisione Editoria*, 41-56, 1995.

Borges, Jorge Luís. "*La muerte y la brújula*," in *Ficciones*. Buenos Aires, Emecé Editores, S. A, 1956. First published in 1944.

----- "*Las Versiones Homericas*," in *Discusión, Prosa Completa, volumen 1*, Barcelona, Editorial Bruguera, S.A., pp. 181-186, 1980. First published in 1932.

Freud, Sigmund. "Creative Writers and Daydreaming." In Kurzweil, Edith and William Phillips (eds.). *Literature and Psychoanalysis*, Columbia University Press, New York, 1983.

Kafka, Franz. "The Burrow". *The Complete Stories*. Edited by Nahum N. Glatzer. Translated by Willa and Edwin Muir. New York, Schocken Books, 1971.

Koelb, Clayton (ed.). *Nietzsche as Postmodernist -- Essays Pro and Contra*. Albany, The State University of New York Press, 1990.

Kofman, Sarah . *Nietzsche and Metaphor*. Translated by Duncan Large. Stanford, Stanford University Press, 1993.

Kosztolányi, Dezso. *O Tradutor Cleptomaníaco e Outras Histórias de Kornél Esti*. Translated by Ladislao Szabo. Rio de Janeiro: Editora 34, 7-11, 1996.

Lacoue-Labarthe, Philippe . "*La Dissimulation*." In *Nietzsche aujourd'hui*, Vol. II. Paris: Union Générale D'Éditions, 1973.

Nietzsche, Friedrich. "On Truth and Falsity in Their Ultramoral Sense." *Early Greek Philosophy and Other Essays*. Translated by Maximilian A. Mugge. London & Edinburgh, T. W. Foulis, 1973.

----- "Expeditions of an Untimely Man." *Twilight of the Idols and The Antichrist*. Translated by R. J. Hollingdale. Harmondsworth, Penguin, 1968.

----- "On the Genealogy of Morals." *On the Genealogy of Morals and Ecce Homo*. Translated by Walter Kaufmann. New York, Vintage, 1969.

-----."Thoughts on the Meditation: Philosophy in Hard Times." *Philosophy and Truth: Selections from Nietzsche's Notebooks of the Early 1870s*. Translated and edited by Daniel Breazeale. Atlantic Highlands, New Jersey, Humanities Press, 1979.

----- . *Human, All Too Human -- A Book for Free Spirits*. Translated by R. J. Hollingdale. Cambridge, Cambridge University Press, 1986.

Schrift, Alan D. *Nietzsche and the Question of Interpretation -- Between Hermeneutics and Deconstruction*. Routledge, New York and London, 1990.

Sussman, Henry. *Franz Kafka: Geometrician of Metaphor*. Wisconsin: Coda Press, Inc., 1979.

ⁱ This paper is part of a research project sponsored by the Brazilian Council for the Development of Science and Technology (CNPq). An earlier version was presented as a paper during the Second International Congress sponsored by EST (European Society for Translation Studies), in Granada, September of 1998.

ⁱⁱ See, for example, Philippe Lacoue-Labarthe's early observation according to which "the 'question' of the text would never have erupted, at least in the precise form that it has taken today" (1973: 12, translated from the French and cited by Schrift 1990: 194). Nietzsche's notions of text and textuality are certainly recognized as some of the most important foundations of postmodern thought, having exerted an obvious influence over the work of contemporary thinkers such as Jacques Derrida, Roland Barthes, Michel Foucault, and Paul de Man. See, for example, Koelb 1990.

ⁱⁱⁱ My reading is based on the English version of Kafka's story by Willa and Edwin Muir. Part of this reading relies on unpublished material from my doctoral dissertation (Arrojo 1984).

^{iv} To Kafka's remarkably human animal we might very well associate one of Nietzsche's aphorisms in "Man Alone with Himself" from *Human, All Too Human*: "No matter how far a man may extend himself with his knowledge, no matter how objectively he may come to view himself, in the end it can yield to him nothing but his own biography" (1986: 182). I am not by any means implying that Kafka was familiar with or influenced by Nietzsche's thought. Even though the examination of such a possibility certainly transcends the goals of the present paper, I refer the reader interested in the issue to Erich Heller's "Introduction" to Nietzsche's *Human All Too Human* (1986: xv).

^v All references are my translations from the original Spanish.

^{vi} My reading of Kosztolányi's story is based on the Portuguese version by Ladislao Szabo (1996: 7-11). All references are my translations from the Portuguese.

^{vii} For another discussion of translation as a form of theft and of the translator as Hermes, see Arrojo 1995.

(Aceito para publicação na coletânea *Translation and Ideology*, organizada por Mona Baker para *St. Jerome Publishing House*, Manchester, Inglaterra)

**The Power of Originals and the Scandal of Translation –
A Reading of Edgar Allan Poe's "The Oval Portrait"¹**

**Rosemary Arrojo
Universidade Estadual de Campinas**

Can we not, then, speak of God's jealousy? Out of resentment against that unique name and lip of men, he imposes his name, his name of father, and with this violent imposition he opens the deconstruction of the tower, as of the universal language; he scatters the genealogical filiation. He breaks the lineage. He at the same time imposes and forbids translation.

Jacques Derrida
"Des Tours de Babel"
(1985: 170)

The complex relationship between original writing and translation has often been compared to the kind of ambiguous connection which is generally established between painters and their live models, as well as between such models and the portraits which are meant to reproduce them. Such a comparison usually suggests not only the status of translators as mere copyists in their effort at being faithful and invisible, but also the flagrant inadequacy of their work, usually perceived as the clumsy attempt at reproducing an idealized original in another context, language or medium. In the blatant contrast between the model and its

¹ This paper is part of a research project sponsored by Brazil's National Council for Scientific and Technological Development (*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico -- CNPq*).

portrait, in which the shortcomings of translation are dramatically associated with a form of death, or loss of "spirit" or "soul," it is the daring perpetrator of such an impossible transferral of essence from the original to its derivation who traditionally bears the blame for whatever happens to go wrong or to get lost in the process. An appropriate example can be found in Du Bellay's *Deffence et illustration de la langue francoyse* (written in 1549) which, in Theo Hermans's words,

resolutely denies that translation can play a part in the growth of literature or the enrichment of the vernacular [...] because of its inability to transfer intact "that energy, and -- what shall I call it -- that spirit, which the Romans would have termed genius' and which apparently resides in works of art. The translator, then, is like a painter who can depict a person's body but not his soul." (Du Bellay ed. 1948: 32, 38, 40-41; quoted by Hermans 1985: 104).

The intricacies of such images and relationships, as well as the implications which they entail for a reflection on language and translation, also find an exemplary scenario in Edgar Allan Poe's tale "Life in Death" ("The Oval Portrait"), first published in 1842², which I propose to read as a sharp exploration of those age-old metaphors which ultimately associate translation and translators with death and loss. Such metaphors may be particularly revealing if we approach them with an interest in the broad ideological ground, or in the "system of representations,"³ which has given implicit or explicit support to the general

² All references to Poe's story in this paper come from a 1983 edition. See details in the "works cited" section.

³ The expression is borrowed from contemporary Marxist theory, largely indebted to the work of Louis Althusser, which has provided the general conception of ideology which informs this paper. According to James H. Kavanagh, contemporary Marxist theory "has reworked the concept of ideology in the light of the more complex notion of subject-formation given by psychoanalysis, and

discourse on translation and translators produced either by the so-called common sense, or by translation scholars and non-academic commentators that share the typically essentialist belief in the possibility of forever stable meanings and texts. It is such a belief which has allowed, for instance, the establishment of a clear-cut hierarchy between original writing and translation which usually attributes to originals and their authors all that which is denied to the translator's work and other forms of "reproduction."

The plot of Poe's story is apparently simple: a wounded, feverish narrator resting in an abandoned chateau tells us of his "reverent awe" towards the "lifelikeliness of expression" in the oval portrait he found hanging from one of the walls (1983: 737). One may say, in fact, that the story is constructed on several relationships which basically depend on the mechanisms of translation as transformation. The first one is of course the central focus of the tale and involves the history of the portrait which Poe's narrator finds in a book at his bedside after he "could no longer support the sad meaning smile of the half-parted lips" of the portrayed woman that had moved him so deeply (idem). As we learn, she was "a maiden of rarest beauty, and not more lovely than full of glee," who "loved, and wedded the painter [..., and who] lov[ed] and cherish[ed] all things: hating only [her husband's] Art which was her rival: dreading only the pallet and brushes and other untoward instruments which deprived her of the countenance of her lover"

the more elaborate system of ideological practices that have developed in late capitalist societies. In this framework, ideology designates a rich 'system of representations', worked up in specific material practices, which helps form individuals into social subjects who 'freely' internalize an appropriate 'picture' of their social world and their place in it. Ideology offers the social subject not a set of narrowly 'political' ideas but a fundamental framework of assumptions that defines the parameters of the real and the self; it constitutes what Althusser calls the social subject's 'lived relation to the real'." (Kavanagh 1995: 310).

(idem). On his part, the "wild and moody" painter, who was "passionate, studious, austere, and having already a bride in his Art" worked so obsessively that he would not see that his young wife "grew daily more dispirited and weak" (idem). In the end, "as the labor drew nearer to its conclusion," and as "the painter had grown wild with the ardor of his work,"

he would not see that the tints which he spread upon the canvass were drawn from the cheeks of her who sate beside him. And when many weeks had passed, and but little remained to do, save one brush upon the mouth and one tint upon the eye, the spirit of the lady again flickered up as the flame within the socket of the lamp. And then the brush was given, and then the tint was placed; and, for one moment, the painter stood entranced before the work which he had wrought: but in the next, while yet he gazed, he grew tremulous and very pallid, and aghast, and crying with a loud voice, 'This is indeed Life itself!' turned himself suddenly round to his beloved -- who was dead. The painter then added -- 'But is this indeed Death?' (Ibidem: 737-738).

Apart from the relationship between the painter and his bride, other relationships in Poe's tale have been associated with translation: "the woman and her painted likeness, [...the] portrait and the wounded narrator, and [...] the quaint anecdote in the art book and the narrator's truncated story" (Kennedy 1987: 60). According to J. Gerald Kennedy, each of those pairings "figures an opposition between life and art, between one who gazes and one who is gazed at; more revealingly, each implies a relationship between translator and text or between text and translation" (ibidem: 61).⁴ From such a perspective,

The painter translates his wife in a double sense -- into a visual icon and into a lifeless model. Like all translation, this process entails duplication and effacement, a retracing which both mirrors the original

⁴ To my knowledge, besides Kennedy's, there are two other texts which explicitly relate Poe's story to translation: Caws 1983 and Caws 1983a.

and abolishes it in the sense that every translation sacrifices the letter of the original text to reconstitute its spirit in another language. The young bride and the portrait manifest the fatality of translation, inasmuch as the picture lives by virtue of the wife's death; yet the wife paradoxically "lives on" in the painting and her essence in effect sustains the life of the translation. [...] The narrator, for his part, translates the painting into writing, into a text which is twice removed from the original. (Idem).

To the extent that such pairings reveal the inevitability of translation as transformation, and, thus, to the extent that they show the impossibility of absolute, eternal faithfulness, they constitute an appropriate illustration of the typically essentialist idealization of the "original" and its consequent general dissatisfaction with translation. Such a view is also perfectly compatible with the notion that the alleged loss brought about by translation is somehow the translator's fault and as such it might be avoided, or controlled, as Kennedy's synthesis of Poe's tale suggests.⁵ However, while the notion of loss is generally related to the translator's unwelcome interference in the translated text, how do tradition and Poe's story deal with the notion of gain in translation?

What I intend to explore in Poe's paradigmatic text is precisely that which for Kennedy is "the scandal of translation"⁶: the fact that for the painter and for

⁵ According to Kennedy's synthesis of the tale, "the volume of art criticism [...which happens to describe the paintings in the bedroom...] provides a brief account [...] of a 'wild and moody' painter who worked so obsessively to idealize his young bride through portraiture that he did not notice her failing health and so completed his masterpiece *only to discover that he had killed the beloved subject*" (1987: 60, my emphasis).

⁶ Lawrence Venuti's *The Scandals of Translation – Towards an Ethics of Difference* (1998) is probably the best known theoretical text on translation which explores its "scandalous" vocation. However, a much earlier text, George Mounin's *Les Problèmes Théoriques de la Traduction*, first published by *Editions Gallimard* in 1963, also associates translation and "scandal": "The activity of translation brings a theoretical problem to contemporary linguistics: if we accept current theses about the structure of languages, we will have to say that translation should be impossible. However, translators do exist, they produce translations, we take advantage of their work. It would

Poe's narrator -- that is, for both the translator and his reader --, the oval portrait, or the translation, takes on

an independent life more real [...] than that of its original. [...] In its preternatural vividness, the portrait has become a frightening double of the young bride. Its "lifelikeness" simultaneously signifies an immortality and a fatality: while the beauty of the portrait will endure, its living counterpart will not; the woman will resemble the sign of herself less and less until she is at last translated into a corpse. (1987: 63).

What stands out in this treatment of the metaphor of the translator as painter -- and which goes unnoticed in Kennedy's comment -- is that it radically reverses the recurrent equation of life and death usually associated with the relationship between originals and their derivations. While in the usual comparison it is the translation which somehow carries the sign of death, at the same time that the original allegedly remains forever alive and energized, in Poe's plot it is the model that slowly dies as her life is miraculously extracted from her beautiful face and transferred to its representation. Paradoxically, as the young woman is long gone and transformed into a corpse, it is her portrait as translation which lives on and which impresses Poe's narrator who initially "mistakes the head [in the painting] for that of a living person":

I saw at once that the peculiarities of the design, of the *vignetting*, and of the frame, must have instantly dispelled such idea [that the woman in the painting was actually a "living person"] -- must have prevented even its momentary entertainment. Thinking earnestly upon these points, I remained, for some hours perhaps, half sitting, half reclining, with my vision riveted upon the portrait. At length, satisfied of the true secret of its effect, I fell back within the bed. I had found the spell of the picture in a perfect *lifelikeness* of expression, which, at first startling, finally confounded, subdued and appalled me. (1983: 737).

be almost possible to say that the existence of translation constitutes the scandal of contemporary linguistics." (1975: 19; my translation from the Portuguese).

It is also this scandalous reversal which destabilizes the traditional economy of gain and loss which is usually attributed to the relationship between original and translation. In contrast with tradition, according to which what is missing in the translated text is somehow the life, or the spirit, or even the soul of the original, in Poe's main plot, as in the subplot that involves the portrait and the narrator, that is, in the relationships which are established between the translator/painter and the translation as portrait, or between such text/portrait and its reader, there is actually no loss involved. As the story goes, at the very moment that the painter finishes his job he also realizes the miraculous perfection of his translation which literally managed to capture the life and the expression of the original. And, paradoxically, even though the portrait literally captures the life of the model, it is never truly faithful because at the very instant that it is finished and in itself, at least from the painter's perspective, a perfect repetition of the original, the original is already different and irremediably dead. Thus, it is no longer in the model, but in her translation, that a particular (and privileged) view of her former beauty and liveliness is to be admired and cherished. Similarly, as the narrator/reader gazes at the portrait and as he is so deeply moved -- and even "appalled" -- by the beauty of the woman portrayed, it is the translation which interests him, not the original. Thus, even if it is in the name of the original that the translation is done, at the very moment that it becomes a text, it follows a path of its own.

Within such a context, the scandal of translation seems to be related not only to the fact that Poe's narrator appreciates the portrait in itself and, thus, can very well do without the original, but most of all to the painter's "improper" behavior

which is directly associated with his young wife's death. Divided between the original and his own work, Poe's painter/translator clearly forgets about the first and devotes all his attention to the latter:

[...] he, the painter, took glory in his work, which went on from hour to hour, and from day to day. And he was a passionate, and wild, and moody man, who became lost in reveries; so that he *would* not see that the light which fell so ghastly in that lone turret withered the health and the spirits of his bride, who pined visibly to all but him. Yet she smiled on and still on, uncomplainingly, because she saw that the painter, (who had high renown,) took a fervid and burning pleasure in his task, and wrought day and night to depict her who so loved him, yet who grew daily more dispirited and weak. And in sooth some who beheld the portrait spoke of its resemblance in low words, as of a mighty marvel, and a proof not less of the power of the painter than of his deep love for her whom he depicted so surpassingly well. But at length, as the labor drew nearer to its conclusion, there were admitted none into the turret; for the painter had grown wild with the ardor of his work, and turned his visage from the canvass rarely, even to regard the countenance of his wife. (Ibidem: 737-738).

At the same time that this (seemingly) efficient painter/translator supposes that he has achieved perfect equivalence, as the essentialist ethics of translation recommends, and, thus, at the very moment that he rejoices in his success, he is also punished with (and indirectly blamed for) the death of his beloved bride who, instead of resisting her husband's obsession, gave in to his authorial desires and his passion for translation as art.

How can that be explained within the logic of Poe's tale? A plausible explanation may be found in the peculiar relationship which the painter establishes both with his beloved model and with his own work, a relationship which, as we have seen, is clearly marked by excess. If we consider that Poe's character, despite his love for his beautiful wife, literally devotes all his attention to his work and disregards his model's well-being, sacrificing the latter for the first, it is possible to

conclude that even though he apparently fulfils the ethical expectations which traditionally regulate the relationship between originals and their reproductions, he breaks one of the fundamental principles implicitly and explicitly established by such ethics, that is, he ignores the asymmetry of power which has generally constituted the opposition between original and reproduction, and between author and translator. Instead of protecting the original above all other interests and, thus, instead of repressing his authorial will-to-power – which also implies, of course, accepting the humble invisibility and self-effacement which is required of translators as they adequately celebrate someone else's right to creation -- Poe's remarkable translator dares to feel and behave like an author, subverting the traditional dichotomy between creation and reproduction which is generally taken for granted both by common sense and specialists alike.

To the extent that such ethics is determined by a conception of meaning which establishes a clear hierarchy between origin (as the container of essence) and its usually inadequate or illegitimate reproduction, or between idealized originals and their translations, it is particularly significant that in Poe's plot what seems to be ultimately defended as "proper" is the Creator's exclusive right to produce or destroy life. After all, the painter is punished precisely because of his excessive dedication to his work and, more importantly, because of his improper success: his uncanny capacity to reproduce his live model and, thus, to recreate life itself. As his passionate dedication to his translating job not only surpasses his commitment to the well being of his model but also manages to achieve a miraculous result, Poe's painter dares to play God and, for that, seems to be

severely punished with the death of his beloved bride. Implicitly, thus, the only one allowed to play God in such a plot is the Author himself.

In order to further understand the mechanisms of such complex relationships, it might be insightful at this point to bring to my reading of "The Oval Portrait" two other texts: a piece by Freud, "Creative Writers and Daydreaming" (in Kurzweil and Phillips 1983: 24-28), and a well-known essay by Poe himself, "The Philosophy of Composition," first published in 1846 (1983 b: 1079-1089).

As Freud recognizes, "we laymen have always been intensely curious to know [...] from what sources that strange being, the creative writer, draws his material, and how he manages to make such an impression on us with it and to arouse in us emotions of which, perhaps, we had not even thought ourselves capable" (in Kurzweil and Phillips 1983: 24). The obvious answer, for Freud, is that such "sources" should be found in childhood:

The child's best-loved and most intense occupation is with his play or games. Might we not say that every child at play behaves like a creative writer, in that he creates a world of his own, or, rather, rearranges the things of his world in a new way which pleases him? It would be wrong to think he does not take that world seriously; on the contrary, he takes his play very seriously and he expends large amounts of emotion on it. The opposite of play is not what is serious but what is real. In spite of all the emotion with which he cathects his world of play, the child distinguishes it quite well from reality; and he likes to link his imagined objects and situations to the tangible and visible things of the real world. (Ibidem: 25).

Similarly, "the creative writer does the same as the child at play":

He creates a world of fantasy which he takes very seriously – that is, which he invests with large amounts of emotion – while separating it sharply from reality. [...] The unreality of the writer's imaginative world, however, has very important consequences for the technique of his art; for many things which, if they were real, could give no

enjoyment, can do so in the play of fantasy, and many excitements which, in themselves, are actually distressing, can become a source of pleasure for the hearers and spectators at the performance of a writer's work. (Idem).

Moreover, as creative writers, and, particularly, as "story-writers" rearrange the "things of [their] world in a new way which pleases [them]," their plots necessarily follow the interests of "His Majesty the Ego, the hero alike of every daydream and of every story" (Ibidem: 26).

Now, if we try to apply Freud's argument to our reading of "The Oval Portrait," who might be the hero of Poe's tale? If we consider the way its plot seems to condemn the painter for his "illegitimate" translation, we may infer that there is, implicitly, a legitimate way of creating beauty which transcends the painter's passionate work and which, in this particular case, seems to be equated with the divine itself as the force which created and, ultimately, destroyed the beautiful model's life. From such a stance, the true "hero" of Poe's story could very well be the Author Himself, the privileged producer of originals, implicitly celebrated as the only legitimate creator of beauty, whose power even approaches the divine. Therefore, to the extent that it surreptitiously takes the place of creation and produces such a perfect simulacrum, the activity of translation as portraiture poses a dangerous threat to originals (and to the Author as Creator) and, as such, should be severely punished.⁷ Within such a logic, in order for it to be "safe" as a reproduction, translation must keep intact the usual hierarchy between origin and derivation and should not (illegitimately) try to replace that which is essential in its

model and original. In other words, the portrait as translation should not speak to its reader as if it were the original. From such a perspective, Poe's epigraph to the story ("*Egli è vivo e parlerebbe se non osservasse la rigola del silentio*" ["He is alive and would speak if he did not observe the rule of silence"]) which, as we learn, is an "inscription beneath an Italian Picture of St. Bruno," becomes particularly significant. That is, if we relate Poe's epigraph to his actual plot, the oval portrait, like the picture of St. Bruno, should have "observed the rule of silence," and, therefore, should not have "spoken" in the place of the original.

Again, it is not the painter as translator but the Author as Creator who can legitimately decide what the work is supposed to say to its readers. And this is precisely what Edgar Allan Poe explicitly proposes to teach us in his widely known essay "The Philosophy of Composition", first published in 1846, whose main goal is to offer the reading public

a peep behind the scenes, at the elaborate and vacillating crudities of thought – at the true purposes seized only at the last moment – at the innumerable glimpses of idea that arrived not at the maturity of full view – at the fully matured fancies discarded in despair as unmanageable – at the cautious selections and rejections – at the painful erasures and interpolations – in a word, at the wheels and pinions – the tackle for scene-shifting—the step-ladders and demon-traps – the cock's feathers, the red paint and the black patches, which, in ninety-nine cases out of the hundred, constitute the properties of the literary *histrion*. (1983 b: 1080).

Poe is above all interested in discrediting the romantic notion according to which it is intuition that guides a writer in constructing his work and, as he carefully tries to show us,

⁷ In Arrojo 2001, I have also discussed Freud's reflection on creative writing and some of its implications for the general ideology of essentialism which has determined the dominant

Nothing is more clear than that every plot, worth the name, must be elaborated to its *dénouement* before any thing be attempted with the pen. It is only with the *dénouement* constantly in view that we can give a plot its indispensable air of consequence, or causation, by making the incidents, and especially the tone at all points, tend to the development of the intention. (Ibidem:1079).

Since every detail of the text must be subject to calculation, Poe proposes to offer us a description of “the *modus operandi* by which some one of [his] own works was put together” (Ibidem: 1081). The work chosen, as we know, is his poem “The Raven” and it is his “design to render it manifest that no one point in its composition is referrible either to accident or intuition – that the work proceeded, step by step, to its completion with the precision and rigid consequence of a mathematical problem” (idem).

Such strict calculations and rigid planning not only have the design “of rendering the work universally appreciable” (Ibidem: 1082), as Poe himself declares but, most of all, intend to make sure that what readers get from the text is exactly that which the author intends them to get. It seems that, for Poe, writing and, particularly, the “literary *histrion*’s writing,” is also an attempt at having total control over a reader, whose role is reduced to that of a passive receptor of the author’s conscious intentions. As Poe explains, for instance, the “progressive steps” of his composition of “The Raven,” we also learn that

The initial consideration was that of extent. If any literary work is too long to be read at one sitting, we must be content to dispense with the immensely important effect derivable from unity or impression – for, if two sittings be required, the affairs of the world interfere, and every thing like totality is at once destroyed. But since, to dispense with any thing that may advance his design, it but remains to be seen whether

there is, in extent, any advantage to counterbalance the loss of unity which attends it. (Ibidem: 1081).

In such a coherently essentialist scenario, in which a text is seen as the stable depository of its author's conscious intentions, authorship is, again, almost equated with divinity. After all, it is the writer of originals who has all the power of deciding over meaning and, thus, must keep total control over his text and, most of all, over his reader. In this context, in which reading is viewed as an idealized form of decoding only that which the author has deliberately intended to say, it is understandable why translation (and, particularly, translation as portraiture, or as the reproduction of an original which is supposed to be perfect and full of life,) should be viewed as a somewhat scandalous or illegitimate activity which ultimately endangers the "essence" of that which it attempts to reproduce in another medium.

As we go back to "The Oval Portrait," after having examined Freud's reflections on creative writing and Poe's "philosophy of composition," we may certainly understand a bit further the intimate relationship that the story seems to suggest between creation (virtually identified with divine creation) and reproduction. As I pointed out earlier, it is the economy of such a relationship which could explain the translator's exemplary punishment at the end of Poe's tale. However, what we still have to try to explain in the complex network of relationships which I have been trying to weave here between Poe's and Freud's texts is the painter/translator's extraordinary success. If we have come to the conclusion that what the story ultimately celebrates is the Author's desire for the exclusive right to decide over meaning -- and, thus, also the Author's need to keep

an asymmetrical relationship between original and reproduction, and between author and translator – how can we account for the fact that Poe’s plot actually attributes so much authorial power to the translator/painter? In other words, if the power to control meaning is to be the exclusive attribute of original writing and their authors, how could Poe’s character actually succeed in producing such a perfect simulacrum and, so, how does he succeed in speaking so forcefully to his impressed “reader”?

The answer may be found precisely in the characterization of Poe’s narrator who also happens to be the privileged audience of his remarkably successful portrait painter. As the story opens, we learn about the narrator’s peculiar state: he is seriously wounded, has lost a lot of blood and his fever has been “excessive and of long duration” (1983: 734). Since “all the remedies attainable” in the “wild Appennine region” where he finds himself have been “exhausted to no purpose,” he reaches for his “little paquet of opium” (idem). As we learn, he used to smoke a mixture of opium and tobacco and, at times, as a consequence, experienced “symptoms of mental derangement” (idem). Now, in such a desperate state, he has decided to swallow some of his opium and, as he warns us, he has no idea of how much he should take or, even, what kind of reaction it might produce:

Pedro [his valet] knew no more respecting the proper quantity to be taken, than myself – and thus, in the sad emergency, I was left altogether to conjecture. Still I felt no especial uneasiness; for I resolved to proceed by degrees. I would take a very small dose in the first instance. Should this prove impotent, I would repeat it; and so on, until I should find an abatement of the fever, or obtain that sleep which was so pressingly requisite, and with which my reeling senses had not been blessed for now more than a week. No doubt it was this very reeling of my senses – it was the dull delirium which already

oppressed me – that prevented me from perceiving the incoherence of my reason – which blinded me to the folly of defining any thing as either large or small where I had no preconceived standard of comparison. I had not, at the moment, the faintest idea that what I conceived to be an exceedingly small dose of solid opium might, in fact, be an excessively large one. (Idem).

Thus, it is a feverish, wounded, heavily drugged narrator who tells us of the painter's extraordinary accomplishment. In fact, as he tells us, it is his "incipient delirium" which might have "caused [him] to take deep interest" in the paintings hanging from the walls of his dark chamber (idem). Furthermore, gazing at such paintings and looking through the book which discusses them becomes an alternative to sleep, or an escape from his feverish condition:

[...] so that having swallowed the opium, as before told, I bade Pedro to close the heavy shutters of the room – since it was already night – to light the tongues of a tall candelabrum which stood by the head of my bed – and to throw open far and wide the fringed curtains of black velvet which enveloped the bed itself. I wished all this done that I might resign myself, if not to sleep, at least alternately to the contemplation of these pictures, and the perusal of a small volume which had been found upon the pillow, and which purported to criticise and describe them. [...] Long – long I read – and devoutly I gazed. I felt meantime, the voluptuous narcotic stealing its way to my brain. I felt that in its magical influence lay much of the gorgeous richness and variety of the frames – much of the ethereal hue that gleamed from the canvas – and much of the wild interest of the book which I perused. Yet this consciousness rather strengthened than impaired the delight of the illusion, while it weakened the illusion itself. Rapidly and gloriously the hours flew by, and the deep midnight came. (Ibidem: 736).

To the extent that the narrator is not by any means a reliable source, what Poe's intricate plot seems to be literally telling us is that the translator's alleged capacity to recreate life is, quite probably, only a product of the narrator's feverish delirium. In his altered state, and as he approaches his own death, the possibility of

a painting that supposedly manages to keep intact the beauty and the life of a woman long dead is certainly a welcome, soothing illusion.

In perfect harmony with Poe's typically essentialist "philosophy of composition," which demands an absolutely rational author who can predict every effect his text might produce, as well as every move his reader is allowed to make in order to preserve the original at all costs, "The Oval Portrait" ends up discrediting the legitimacy of translation as a performative activity. Therefore, the possibility of a translation which would rob the original of its life and beauty and, thus, efficiently survive it and even "speak" in its place, could only be considered from the narrator's obviously unreliable point of view. To the extent that the translator/painter's alleged ability to recreate beauty might be just an illusion produced by an inadequate reader's altered perception, the real notion of translation with which Poe's story ends up leaving us is, after all, permeated by the often repeated belief that translation is indeed unable to preserve the "spirit" or the "energy" of the original. In fact, it is such a notion which underlies the whole plot as it is represented, for instance, by the narrator's own "failed" translation of the painting. According to J. Gerald Kennedy, as the narrator translates the painting for us,

he can tell us about 'the true secret' of the painting's effect, its astonishing 'lifelikeness', but the verbal account does not leave us 'confounded, subdued, and appalled' as it does the narrator. What has been lost is precisely the life of the twice-translated text; what has been gained is access to the idea of the painting. (1987: 61-62).

The general "system of representations" grounded on essentialism and, thus, on a necessarily asymmetrical relationship between original and derivation, which

is paradigmatically reflected both in Poe's tale and in Kennedy's reading, cannot accept the transformational nature of translation and keeps idealizing the translator's role in terms of an invisible, non-interfering, absolutely faithful dedication to the original. In fact, in another of Poe's texts, more precisely in one of his best known stories, "The Gold Bug" (first published in 1843) (1983 c: 806-836), we can find a perfect counterpoint to the painter/translator in "The Oval Portrait." Mr. William Legrand, Poe's impoverished protagonist in "The Gold Bug," might be viewed as an efficient illustration of the absolutely faithful translator whose dedication to the "original" is generously rewarded with the discovery of a valuable treasure. Our reading of such a plot (which I intend to develop in another text) could be properly guided by the exploration of at least two recurrent metaphors usually associated with translation as a form of submission: the "footsteps" metaphor, suggesting the need to carefully follow the author of the original step by step; and the image of the translator as a zealous digger of valuable treasures.⁸ Thus, just as "The Oval Portrait," "The Gold Bug" can be read as a remarkable illustration of the kind of asymmetrical relationship between writing and interpreting which is taken for granted by essentialism.

The implied ethics of invisibility and blind faithfulness which seems to be implicitly at stake in both stories and in essentialist conceptions of interpretation will find an exemplary reflection in another well-known plot directly associated to translation: the myth of Babel. It is, after all, the confrontation between the sons of Shem -- who dared to build themselves "a city and a tower whose summit

⁸ See Hermans 1985, pp. 106-108

touch[ed] the heavens [...] and to make [themselves] a name" (Louis Segond's Bible, originally published in 1910, quoted in Derrida 1985: 168) – and their punishing God which has destined us to the inevitability of translation. As the myth goes, it is the very need (and, paradoxically, also the very impossibility) of translation which has been inflicted to humans as a punishment for their desire to be divine. It is precisely such a need and such an impossibility (and the necessary frustration they entail) which marks us as humans who keep longing for a pre-babelic, perfect correspondence between word and object.

It is some version of this exemplary asymmetry between the divine and the human, or between origin and derivation, creation and reproduction, which still seems to inform most of our dominant thought on language. In our (postmodern) world, which has been heavily dependent on the mechanisms of translation as transformation, it is certainly urgent that we try to understand why most of us cannot give up our desire to be divine and still insist on viewing the translator's role as an ideally neutral, selfless tribute to originals.

Works Cited

Arrojo, Rosemary (2001) (forthcoming). "Writing, Interpreting, and the Power Struggle for the Control over Meaning -- Exemplary Scenes from Kafka, Borges, and Kosztolányi". In Edwin Gentzler and Maria Tymoczko (eds.), *Translation and Power*. Amherst, University of Massachusetts Press.

Caws, Mary Ann (1983). "Insertion in an Oval Frame: Poe Circumscribed by Baudelaire (Part I). *The French Review*, vol. LVI, n. 5, April, pp. 679-683.

Caws, Mary Ann (1983 a). "Insertion in an Oval Frame: Poe Circumscribed by Baudelaire (Part II). *The French Review*, vol. LVI, n. 6, May, pp. 885-895.

Derrida, Jacques (1985). "Des Tours de Babel". Translated by Joseph F. Graham. In Joseph F. Graham (ed.), *Difference in Translation*. Ithaca and London, Cornell University Press.

Freud, Sigmund (1983). "Creative Writers and Daydreaming." In Edith Kurzweil and William Phillips (eds), *Literature and Psychoanalysis*. New York, Columbia University Press.

Hermans, Theo (ed.). (1985). "Images of Translation – Metaphor and Imagery in the Renaissance Discourse on Translation." In Theo Hermans (ed.), *The Manipulation of Literature -- Studies in Literary Translation*. London & Sydney, Croom Helm.

Kavanagh, James H. (1995). In Frank Lentricchia and Thomas McLaughlin (eds.), *Critical Terms for Literary Study*. Chicago and London, The University of Chicago Press.

Kennedy, J. Gerald (1987). *Poe, Death, and the Life of Writing*. New Haven and London, Yale University Press.

Mounin, Georges (1975). *Os Problemas Teóricos da Tradução*. Translated by Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Editora Cultrix.

Poe, Edgar Allan (1983). "Life in Death [The Oval Portrait]." In *The Unabridged Edgar Allan Poe*. Illustrations by Suzanne Clee. Philadelphia, Running Press Book Publishers, pp. 734-738.

Poe, Edgar Allan (1983 a). "The Philosophy of Composition." In *The Unabridged Edgar Allan Poe*. Illustrations by Suzanne Clee. Philadelphia, Running Press Book Publishers, pp. 1079-1089).

Poe, Edgar Allan (1983 b). "The Gold Bug." In *The Unabridged Edgar Allan Poe*. Illustrations by Suzanne Clee. Philadelphia, Running Press Book Publishers, pp. 806-836.

Venuti, Lawrence (1998). *The Scandals of Translation – Towards an Ethics of Difference*. New York and London, Routledge.